

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

MARIO DE ALENCAR <small>da Academia Brasileira</small>	José Verissimo 87
CARLOS DE CARVALHO	Economia e finança de S. Paulo 95
PAULO R. PESTANA	A expansão da lavoura cafeeira de S. Paulo . . 110
AMADEU AMARAL	O Brasil, terra de poetas 116
VEIGA MIRANDA	O Margarida (novella) . . 122
ARMANDO PRADO	Francisco Adolpho de Varnhagen 137
E. ROQUETTE PINTO <small>do Instituto Hist. e Geographico Brasileiro</small>	Uma informante do Im- perador Pedro II 160
FLORIVALDO LINHARES	O "apriori" na theoria criticista 167
PLINIO BARRETO	Eduardo Prado e seus amigos (cartas ineditas) 173
COLLABORADORES	Resenha do mez. 198 <i>(Continúa na pagina seguinte)</i>

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 2 - ANNO I

VOL. I

FEVEREIRO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Monologo, *Yorick* — José Verissimo — A "Atlantida", *R. S.* — Nacionalisação da arte, *R.* — Pintura, *N.* — Musica *F.* — *Bibliographia.* — O Barão de Paranapiacaba — Victoriano dos Anjos — Questão orthographica — A embaixada brasileira em Portugal — As origens e o principio da carreira de Lloyd George — Guerrini Stecchetti — Recordações de Verlaine — Rémy de Gourmont — Orientação social dos estudos universitarios — O direito e a psychologia — Os progressos da electrificação dos caminhos de ferro, *L.* — As propriedades therapeuticas do sapo. — Como se deve estudar — A reconstituição das florestas — Odores humanos — **As caricaturas do mez** (seis caricaturas reproduzidas).

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO
DIRECTORES: JULIO MESQUITA
ALFREDO PUJOL

REDACTOR CHEFE: PLINIO BARRETO

ASSIGNATURAS:

ANNO.	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
EXTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
CAIXA POSTAL, 1373 - TELEPHONE, 4210

S. PAULO

INDICADOR

DA

"REVISTA DO BRASIL"

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escripatorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', ALFREDO BAUER e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6. Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE. — Escripatorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escripatorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escripatorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR. — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. Ex-chefe de clinica cirurgica na Universidade de Genebra, assistente dos Hospitaes de Berna e Genebra. Medico do Sanatorio de Tuberculosos de Leysin. Alta e pequena cirurgia. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.492, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Consult.: Rua Quintino Bocayuva, 4 (esq. R. Direita). Resid.: Rua Albuquerque Lins, 92. Telephone 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA. — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica *especialmente das crianças*. Resid.: Rua da Consolação, 62. Consultorio Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urina-rias, com pratica em Paris. Tratamento das urethrites chronicas, pelos methodos mais aperfeçoados. Urethroscopia interior e posterior. Cystecopia, cathecise dos ureterios. electrolyse. Applicaçao do 606 e 914. Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetinga, 9. Telephone 2.296.

O SEGUNDO TABELLÍO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

HERIBALDO SICILIANO—Engenheiro-architecto—Rua 15 de Novembro, 36-A.

Companhia Mechanica e Importadora

de S. Paulo

IMPORTAÇÃO, COMMISSÕES,
CONSIGNAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Endereço Telegraphico "MECHANICA"

Caixa Postal, 51

SÃO PAULO

RUA 15 DE NOVEMBRO, 36

SANTOS

Rua de Santo Antonio, 108 e 110

RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 25

IMPORTAÇÃO em geral e fabricação de artigos e machinismos para Industrias e Lavoura. Materiaes para Estradas de Ferro e Construcções. Fabrica de material de barro vidrado. **Agentes geraes para o Brasil dos afamados automoveis "FIAT"**. Agentes exclusivos para a venda dos productos das Companhias SILEX e PAULISTA de louça esmalhada. Representantes da afamada fabrica de vapores "ROBEY".

LONDRES: Broad Street House-New Broad Street, London E. C.

Officinas Mechanicas Garage, Fundição e Depósitos:
Ruas Mons. Andrade e Americo Brasiliense (Braz) :: **S. PAULO**



Tinoco Machado & C.

Unicos vendedores, neste Estado, das superiores velas:

Brasileira,

Ypiranga,

Paulista,

Colombo,

Bicho, Pequenas

e demais productos da

"Companhia Luz

Stearica"

DO RIO DE JANEIRO

R. Libero Badaró

N. 52

(1.º Andar)

TELEPHONE

N. 3558

São Paulo

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS: Anno, 40\$000 Semestre, 20\$000
Para os juizes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos. possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

Secção de Obras

de

“O Estado de S. Paulo”

Jornaes, Revistas e trabalhos commerciaes em geral

Rua 25 de Março, 145

Secção Archivo S. PAULO Telephone 725

JOSÉ VERISSIMO

Só a morte podia dar a occasião de fazer-se plena justiça ao merecimento de José Verissimo. Conheciam-no bem alguns amigos; mas elle tinha poucos amigos como homem direito que era; e a voz da amizade, medida e discreta, mais ponderosa que louva-minheira, mais propensa á conversa intima do que á publicidade, não bastava, enquanto elle viveu, a desvanecer a palavra do despeito, da inveja ou do mero gosto de maldizer de duas gerações de escriptores e escrevedores. E' facil cousa o maldizer; ha sempre ouvidos contentes da maledicencia, e o desdem é um meio vulgarmente usado pela ignorancia e pela presumpção para simularem superioridade. Devido á sua tempera moral e ao genero literario a que principalmente e probamente se applicou o pela continuidade com que o fez, tornara-se José Verissimo a pessoa mais alvejada pelos doestos da gente a mais vaidosa e melindrosa, que são os homens de letras. Por influencia destes não o poupava a leviandade dos conceitos jornalisticos, que acabam formando a opinião de quasi todo o mundo no Brasil. Agora porém que elle é morto, já não aproveita a maldade, já não tem razão de ser a inveja, e os despeitos e resentimentos descabidos, se não terminam, calam-se em publico. E é a vez da amizade desinteressada falar alto, sem receio de parecer lisonjeira. Com as mesmas lembranças, avivadas pelo grande desgosto recente, pôde-se illudir a dolorosa realidade do desaparecimento do escriptor amigo, prolongando na evocação de dias passados a imagem de uma existencia querida que não devia acabar.

Conheci José Verissimo em 1894 approximadamente. Havia dois annos que elle estava no Rio de Janeiro e era já um escriptor reputado. Fizera parte da redacção do *Jornal do Brasil* na phase

em que esse jornal era escripto pelas pennas de Joaquim Nabuco, Rodolpho Dantas, Sancho Pimentel, Constancio Alves e Caldas Vianna. Alli havia iniciado em folhetins os seus *Estudos brasileiros* que lhe grangeavam, com a fama crescente de critico, as lisonjas e os gabos dos autores novos. Acheio-o entretanto simples e affavel e despido de vaidade; e assim sempre vi-o depois.

Já então chefe de familia não pequena, diligente cumpridor dos deveres do emprego de que vivia, a impressão que dava, após algum tempo de relações mais chegadas, era a de um homem genuinamente serio, que pautava os seus actos por uma norma superior, sem outra sancção que a do seu proprio conceito moral, e capaz de por ella deixar o emprego de onde tirava a subsistencia. Sem mostras de austeridade, antes prazenteiro, lhano, familiar e risonho, nunca teve palavra ou maneira que insinuasse a outrem, a um mesmo amigo, a idéa de que fosse possivel a sua condescendencia a um deslize de obrigação ou da sua regra íntima.

Descerimonioso como era no trato, possuia compostura natural de pessoa fina e criada em meio europeu. Não lhe haviam ficado da origem e formação provinciana senão as qualidades e hábitos bons. Aborrecia as desenvolturas, as arestas e o relaxamento de modos com que os provincianos em geral dissimulam o acanho e procuram assumir attitude desembaraçada em sociedade mais culta do que a do seu meio inicial. Era observador e já tinha feito uma viagem á Europa. Isso contribuiria para a sua immediata accommodação aos costumes da nossa capital; mas elle tinha tambem uma distincção nativa de bom gosto. Este instincto moral levava-o para o commercio das pessoas de alma elegante, e foi um dos fortes motivos do seu apego a Machado de Assis.

Não era porém um reservado, tinha prazer em formar amigos, não escondia desconfiadamente a sua casa aos conhecidos que a buscavam, e acolhia-os habitualmente com o coração no rosto. Mas como era sincero e impulsivo, atalhava sem transição as amizades que vinham a parecer-lhe desmerecidas, e perdeu outras, que se apartavam d'elle chocadas pelos toques de sua sinceridade. Tal é o fado dos homens sinceros. Elle soffria dessas vicissitudes do sentimento, porque tinha a natureza affectiva. Foi testemunha da amizade carinhosa, quasi paternal, que votou a Graça Aranha, e da affeição dedicada que sentia por Machado de Assis.

Dava prazer o gosto que mostrava em reunir em torno de si amigos e camaradas que julgava aptos a virem ser seus amigos. Foi elle que teve a idéa dos jantares mensaes dos collaboradores da *Revista Brasileira*, e ainda depois de suspenso este periodico, os seus camaradas e amigos iam por lembrança e insistencia delle almoçar um domingo de cada mez no Alto da Boa Vista e em outros sitios amenos ou naquelle restaurante do Minho que se tornou depois conhecido pela frequencia do Barão do Rio Branco. De todos era elle o mais contente, como principal realisador desses encontros fraternaes, mas não queria nem acceitava alli posição destacada. Em sua vivenda num sitio do Meyer fui a um almoço campestre que elle offereceu aos amigos e no qual todos os pratos á brasileira na fartura e no preparo eram feitos exclusivamente de productos da sua chacara ou animaes alli criados. Almoçamos á sombra de arvores em longa mesa a que, além de outros de que me esqueço, sentaram Capistrano de Abreu, Bulhões, Calogeras, João Ribeiro e Sylvio Romero.

O gosto de hospitalidade do amphytrião patenteava-se no sorriso alegre, na incessante gentileza, na irradiante satisfação com que elle nos encheu longas horas de excellente convívio.

Com tamanha capacidade de affeição expansiva, acima delle punha o respeito ao seu criterio moral. Assentada a sua convicção no sentido que lhe parecia recto, não havia consideração de amizade que o demovesse; preferia sacrificar a amizade. Esse feitio de character criou-lhe uma distincção, e na Academia Brasileira valeu-lhe uma proeminencia que o equiparava a alguns de maior brilho intellectual. Determinava tambem em outros antipathia por elle e o receio de vel-o assumir a direcção, para a qual possuia todos os titulos: talento, cultura, laboriosidade, reputação e energia. E' verdade que elle carecia da tolerancia, o dom amavel e sagaz com que a autoridade actúa melhor no dominio moral. A sua rectidão era inflexivel na conformidade do seu ponto de vista pessoal, e predispunha-o ao autoritarismo. Quantas qualidades porém tinha elle largamente compensadoras desse excesso! Não se tratando de objecto que lhe affectasse a consciencia, a sua autoridade era um exercicio de camaradagem; praticava-a sem formalismo, condescendente, delicado, mais consultivo que imperativo.

Dissentimos elle e eu alguma vez — creio que uma só vez; mas nunca deixei de querer-lhe bem e admirar-lhe a pessoa mo-

ral. Impressionava-me sobretudo o que é rarissimo em gente de qualquer profissão, maxime a literaria, a sua completa isenção de inveja. Não tinha orgulho, nem tal convicção do seu proprio merecimento que o tornasse indifferente ao alheio; era ao contrario desconfiado de si. Esta condição mais realçava, mais valorizava o prazer com que elle notava, assistia, apontava e celebrava um novo talento, sem para isso influir a sympathia pessoal. O merito verdadeiro conquistava logo a sua admiração. Sem duvida procurando sempre e em primeiro logar discernir as feições de character dos homens, admirava-lhes as obras em grau e expressão proporcionaes ao valor moral por elles manifestado. Só era francamente admirador, quando via harmonizados o talento e o character.

Era curioso e extranho o concerto que nelle havia entre a confiança na vontade e no poder moral dos homens e o scepticismo absoluto, que não escondia, que não lhe pesava e de que fazia garbo em materia de crença religiosa. Como é que o seu ideal humano, a fixação de uma regra de procedimento, a que julgava deviam tambem os outros subordinar-se, a responsabilidade que imputava ao homem pelos actos praticados, a crença na força da vontade, podiam conciliar-se com a desesperança, certa e tranquillã, de uma vida posterior, com a segurança de não haver nenhuma sancção além da terra, com a redução das faculdades humanas ao mero desenvolvimento de forças materiaes? Conciliavam-se entretanto, e numas e noutras elle era sincero.

Se dahi resulta motivo para maior admiração do homem, que entendia ser honesto e integro por um dever imposto a si mesmo, ha que notar a deficiencia do seu espirito, satisfeito de não ter duvida, de não crêr, de não admittir a crença e as duvidas dos outros, e descurioso da investigação metaphysica, insensivel, dentro do seu horizonte terrestre, ás incoherencias que o seu pensamento atilado apontaria entre a sua concepção ontologica e os mythos da vontade e da razão humanas, responsaveis aos seus olhos severos.

Essa composita architectura moral revela que ao seu espirito faltava philosophia e imaginação. E foi o que lhe orientou a obra escripta e explica as suas falhas.

O escriptor foi a continuação do homem. Foi escriptor sinceramente, por uma vocação, que estaria demonstrada pela só perseverança com que se applicou activamente ás letras durante

trinta e sete annos, sem vaidade, sem maior lucro do que teria em outro officio mais facil, e arrastando a animosidade de tanta gente e sacrificando a saúde.

Começou a escrever na provincia natal ainda adolescente. Ao contrario de todos, não versejou, nem tentou nunca fazer versos. Dizia-o mais tarde, contente de ser uma excepção talvez unica no mundo das letras. Confessava assim implicitamente a sua carencia de lyrismo, de emoção criadora, que logo nos primeiros tentamens se articula no rythmo da poesia. As paginas de ficção que a esse tempo escreveu eram descripções do scenario amazonense ou narrativas singelas da estreita vida das nossas cidades pequenas. Sobre a segunda edição d'*As scenas do Amazonas* escreveu Machado de Assis uma noticia justamente elogiosa e lamentou que o autor não tivesse cultivado o genero literario da novella. O autor, ahi melhor critico de si mesmo, sentira por ventura que a sua ficção, menos imaginosa e phantasista do que elle a quizera, estava forçada a reproduzir a realidade, e presentia ou observava na nossa realidade escassez de themas artisticos. O meio interior da provincia, muito familiar a elle, repugnava-lhe pela monotonia, vulgaridade, e atrazo entre selvagem e astuto, grosseiro e mercantil.

A vida das capitaes era, como elle tambem vira, sem typo definido ou interessante, de sociedade incolor da estrangeirada. Preferiu a critica e fez bem.

A sua obra critica é notabilissima e assegura-lhe ao nome uma perpetuidade que os annos irão reforçando até a gloria.

Escreveu-a com seriedade como obra em que assumisse uma obrigação de character e de coração. Amava e respeitava a profissão de escriptor e parecia ter tomado a si a tarefa de commu- nicar esse amor e respeito, interpretando e prestigiando os autores dignos e combatendo os intrujões, os falseadores da nobreza do officio que representa a mais alta distincção da creatura humana.

Não tinha ahi indulgencias, como não as tinha no seu trato social, mas não abusava da penna para zombar dos autores bisonhos.

Aos que não lhe agradavam, dizia a razão do seu desagrado, ou calava-se. Tomal-os por objecto de escarneo, fôra uma desca- ridade e uma indecencia, que não só ferira o autor criticado, mais do que convinha a uma innocente presumpção, como ainda des-

moralisára a função serena e imparcial que deve ser a do critico.

Eximindo-se, por sensatez e amor proprio, dessa deshonestidade de julgador, tambem não se dava ares de juiz inappellavel. O tom geral das suas opiniões nada tem de dogmatico; traduz um espirito dubitativo, que se enleia no receio de affirmar precipitadamente, e ás vezes não sabe como sahir-se do embaraço.

E' a expressão de um escriptor consciencioso, que não se esquece de que á materia do seu estudo não quadra nem o devaneio nem a sentença, e exige de si mesmo a sinceridade.

Estudioso e perspicaz, conhecendo a cada passo quanto lhe ficava ainda por conhecer, nunca se atreveu a decidir em definitiva, e temia os erros do seu gosto pessoal em divergencia com o alheio. Não se pejava em alguns casos de ouvir amigos de letras antes de expôr em publico uma opinião differente da que via divulgada. Nem se pejava de emendar-se em publico quando lh'o pedisse a necessidade da sua critica sincera.

Nessa feição, em que influia o caracter do homem, a sua obra se manteve inalteravel. Modificou-se no que dependia do progresso da sua intelligencia ou da corrente dos seus estudos. Assim o seu criterio literario parece-me haver apresentado tres modalidades, correspondentes a tres phases da sua carreira de critica. (E' uma affirmação esta minha feita sobre impressões apenas rememoradas. Faltam-me aqui os livros d'elle para corrigir as falhas da lembrança de uma leitura antiga).

Na primeira phase do critico, recentemente chegado da provincia, era o nacionalismo que o orientava no estudo dos autores brasileiros. Entendia, e muito bem, que um escriptor só tem alma para escrever da terra em que nasceu, das cousas e gentes com que conviveu, e que pôde observar e sentir. Aos principiantes não se cansava de aconselhar a escolha de themas brasileiros, o que era em summa um conselho para serem sinceros. A *Revista Brasileira* que elle fundou a esse tempo, destinava-se á actividade do seu pensamento nacionalistico.

Como evolução desse criterio, a segunda phase distingue-se pela idéa de que a literatura tem e deve ter uma função social.

Não é senão uma face nova no seu antigo ponto de vista; sem contrariar-o, amplia-o, e sente-se que ainda ahi influiram no seu espirito, com as novas leituras, a sinceridade e a seriedade nativas.

Na terceira phase a evolução do seu pensamento critico se completa, libertando da restricção nacionalistica e socialistica o seu criterio que é então o criterio puramente esthetico. A obra literaria ou artistica é e deve ser um producto de emoção sincera. Manifestava-se assim o pleno amadurecimento do espirito critico, aparelhado de cultura universal, com que suppria emfim as incertezas e falhas do seu gosto.

Se não me enganam as lembranças da leitura de tantos volumes, deixo aqui um schema da sua obra principal, cujas feições definitivas devem ter sido fixadas no seu volume, em via de publicação, *Historia da literatura brasileira*. Será este o fecho de uma admiravel, esforçada, virtuosa e esclarecida carreira do escriptor, que do talento que possuira e da cultura que formou só se utilisava no pensamento de servir á literatura brasileira, ensinando e estimulando a criação séria, e por seu lado criando, com a sua mesma critica, paginas que vivem de emoção intellectual.

Como critico elle terá entre nós a distincção de que o foi, não a esmo, nem por vaidade, nem por gosto de polemica, mas por vocação deliberadamente cultivada e presidida por um criterio sempre justo e de um ideal sempre nobre.

Creio que com a *Historia da literatura brasileira* elle se sentiria recompensado do seu longo esforço e se aposentaria da critica de livros para proseguir com todo o seu engenho na sua nova e brilhantissima obra de critica de factos, de homens e de idéas. As paginas que ultimamente escreveu são das suas melhores; e já no estylo exprimem a valia do novo factor que foi a emoção communicada directamente pela vida, não mais através da analyse de autores. Vibra-lhe o espirito e a sua phrase não tem o antigo torneio parenthesis; encurta-se ou alarga-se desassombrada, eloquente, espontanea e perfeita como uma flôr viva.

Um artigo d'elle, publicado no numero do *Imparcial* de 1 de Janeiro ultimo sobre *Educação nova*, revelou uma qualidade que parecia extranha ao seu espirito ou pelo menos nunca fôra usada por elle, a ironia. Essa pagina é um modelo da verdadeira ironia, velada e aguda, como um estylete disfarçado sob uma luva de pellica. E' um artigo alegre e amargo, leve e profundo a um tempo, e annuncia a capacidade de um grande escriptor.

Se no total da sua obra não são frequentes as paginas eguaes a essa, na inspiração e execução, é porque a leitura analysada e

fria interceptava-lhe á alma a communição palpitante da vida exterior. Nenhuma porém é mediocre, e todas exprimem a elaboração de um espirito forte, insigne, admiravel, erguido muito acima das cogitações vulgares do mundo.

O Brasil intellectual e moral perdeu muito com a morte de José Verissimo

Lorena, 8 de Fevereiro de 1916.

MARIO DE ALENCAR

ECONOMIA E FINANÇA DE S. PAULO

Tem-se falado muito, ultimamente, da economia e das finanças do Estado de São Paulo — mas nenhuma synthese, que eu saiba, foi feita, até hoje, da nossa verdadeira situação.

Tentarei pôr em algarismos claros, em breves paginas, qual era essa situação ao começar o exercicio de 1915 — servindo-me para isso dos varios documentos publicados pelo governo, os quaes pertencem, hoje, ao publico e, portanto, podem ser estudados e analysados por quem tenha tempo e paciencia para fazel-o.

I

SITUAÇÃO ECONOMICA

O mais antigo dos empréstimos externos que figuram no passivo do Estado é o de 1888 — o qual foi contratado em 12 de Setembro desse anno, de accôrdo com a lei n.º 55 de 22 de Março. Foram tomadores deste empréstimo na praça de Londres os banqueiros Louis Cohen & Sons — que o pagaram ao typo de 92 %|. O valor nominal deste empréstimo foi de 787.500 libras esterlinas, juro de 5 %| ao anno pago semestralmente, em 1.º de Abril e 1.º de Outubro de cada anno.

A primeira amortização devia ser feita em 1.º de Outubro de 1889 e a sua extincção deve dar-se em 1.º de Outubro de 1926. O prazo de amortização vem a ser, portanto, 37 annos. Estipula o contrato que o serviço de juros e amortização deste empréstimo será feito na base de 5 %| para juros e 1 %| para quota de amortização — o que dá uma annuidade correspondente a 6 %| sobre o valor nominal do empréstimo. Como, porém, a amortização se faz

semestralmente, a annuidade para os juros e amortização fica reduzida a libras 46.260. O producto desta operação de credito foi applicado no serviço de immigração — tendo sido o respectivo contrato firmado pelo dr. Pedro Vicente, então presidente da Provincia de São Paulo. Tendo-se feito a primeira amortização em 1.º de Outubro de 1889, é evidente que o Estado recebeu a divida quasi inteira por amortizar — tendo, desde então, feito com a maxima regularidade o serviço de juros e amortização por intermedio dos banqueiros J. Henry Schroder & C.º — de Londres. Ao encerrar-se o exercicio de 1914 estava o saldo deste emprestimo reduzido a libras 385.000 e, segundo a tabella de amortização, o resgate de 1915 será de libras 28.000, o que dá para o fim do exercicio corrente o saldo de libras 357.000.

O segundo emprestimo, em ordem de data, é o que foi contratado pela Companhia Cantareira de Exgottos, em 4 de Agosto de 1888, na importancia de libras 350.000, por intermedio do British Bank of South America — e cujo saldo, em 1892, foi transferido para o passivo do Estado, na importancia de 3.982:222\$215, ao cambio de 27, o que em moeda ingleza dá a somma de £ 147.489-17-1.

O serviço de juros deste emprestimo é feito semestralmente, em 1.º de Abril e 1.º de Outubro de cada anno, á razão de 5 % — fazendo-se a amortização annualmente. Por este modo exige o emprestimo, para o seu serviço, a somma de libras 29.730 cada anno. Quando findou o exercicio de 1914, o saldo deste emprestimo, segundo o balanço do Thesouro, era de libras 138.600. De accôrdo com a tabella ou plano de amortização, o resgate correspondente ao exercicio de 1915 é de libras 22.800 — o que dá para o fim do exercicio o saldo de libras 115.800.

O primeiro emprestimo contratado directamente pelo Estado em Londres data de 27 de Abril de 1899, tendo sido elle tomado pelos banqueiros J. Henry Schroder & C.º nas seguintes condições:

O Estado recebeu daquelles banqueiros o liquido da operação na base de 76 $1\frac{1}{2}$ % — isto é, para o Estado o typo liquido da operação foi de 76 $1\frac{1}{2}$ % — fazendo-se, porém, a emissão na praça de Londres ao typo de 90 % — o que significa uma compensação para os banqueiros tomadores dos titulos de 13 $1\frac{1}{2}$ %. O prazo deste emprestimo, — do valor nominal de libras ... 1.000.000, — e cujo liquido para o Estado foi de libras 765.000,

— foi apenas de 15 annos, juro de 5 %°. A annuidade empregada para o serviço de juros e amortização foi de libras 96.342. Em Junho de 1914 desapareceu este emprestimo do passivo do Estado — tendo-se feito, então, o resgate dos ultimos titulos que se achavam em circulação. Teve por fim esta operação de credito a consolidação da divida fluctuante que vinha do exercicio de 1898, a qual attingia á somma de 15.858:581\$216.

Algum tempo depois, em 3 de Dezembro de 1904, contratava o Estado um novo emprestimo de libras 1.000.000, sendo desta vez tomador dos titulos o London and Brazilian Bank Ltd., da praça de Londres, — tendo sido a operação autorisada por lei n.º 936 de 17 de Agosto desse mesmo anno — devendo o liquido producto da mesma ser applicado no saneamento da cidade de Santos, no serviço de abastecimento de agua da Capital e no de immigração e colonisação. E' a seguinte a série dos titulos em que se dividiu este emprestimo, o qual foi coberto tres vezes — tendo sido necessario se proceder na praça da emissão a um rateio entre os subscriptores:

400 titulos de £	500 =	200.000
5.000 titulos de £	100 =	500.000
15.000 titulos de £	20 =	300.000

Total £ 1.000.000

Foi a operação contratada em excellentes condições para o Estado: typo liquido de 94 %° — o que significa um producto liquido de libras 940.000, — juro de 5 %°, pago semestralmente em 1.º de Abril e 1.º de Outubro de cada anno. A completa amortização da divida deve ser feita até 1.º de Abril de 1935, exigindo o serviço de juros e amortização a somma annual de libras 65.100. O serviço de juros e amortização tem sido feito com toda a regularidade, de modo que ao findar o exercicio de 1914 já o saldo da divida originada deste ultimo emprestimo era de libras 822.740. Segundo o plano de amortização, o resgate de 1915 foi de libras 24.500, de modo que o saldo será agora de libras 798.240.

Em 1905, tendo o Estado de adquirir a Estrada de Ferro Sorocabana, contratou com o Dresdner Bank, de Berlim, uma nova operação de credito. O contrato foi firmado em 6 de Fevereiro de 1905 e, mais tarde, acceito definitivamente pelas partes,

em 16 de Março do mesmo anno. De accôrdo com este contrato o Dresdner Bank emittiu em Londres, Paris e Berlim, ao mesmo tempo, titulos de divida do Estado de São Paulo representativos de um emprestimo de libras 3.800.000-12-6, ao typo liquido de 91 1/2 % — o que produziu para São Paulo a somma liquida de libras 3.477.000-0-0. Esta operação, coberta muitas vezes pelos subscriptores, foi garantida pela estrada com primeira e unica hypotheca. Foi tal a acceitação dos titulos que os banqueiros encarregados da emissão tiveram de encerrar a subscrição momentos depois de a terem aberto. Dos emprestimos externos que constituem a divida fundada do Estado é este o maior. Os seus titulos se dividem em quatro séries, a saber:

Série A — 535 obrigações de ns. 1 a 535 de £	
496-17-6 cada uma =	£ 265.828 - 2-6
Série B — 1338 obrigações de ns. 536 a 1873	
de £ 198-15-0 cada uma =	£ 265.927-10-0
Série C — 7650 obrigações de ns. 1874 a 9523	
de £ 99-7-6 =	£ 760.218-15-0
Série D — 126.190 obrigações de ns. 9524 a	
135.713 de £ 19-17-6 cada uma =	£ 2.508.026 - 5-0
Total	£ 3.800.000-12-6

O liquido producto deste emprestimo teve a seguinte applicação:

Preço de compra da Estrada de Ferro Sorocabana	£ 3.250.000
Despezas pagas em Berlim	£ 2.000
Saldo empregado nas obras de melhoramentos da	
estrada	£ 225.000
Total	£ 3.477.000

A operação foi contratada pelo prazo de 40 annos a contar de 1.º de Janeiro de 1905 e a findar em 1.º de Janeiro de 1944. A taxa do juro é de 5 % e a amortização começou a ser feita, em virtude do mesmo contrato, a partir do quinto anno, isto é, a partir de 1.º de Janeiro de 1910. A annuidade deste emprestimo, para o serviço de juros e amortização, é de libras 232.100. Ao findar o exercicio de 1914 o saldo deste emprestimo era de

libras 3.513.800-12-6. A amortização correspondente a 1.º de Janeiro de 1915 foi de libras 53.700, de modo que o saldo será hoje de libras 3.460.100.

Em 1907, com o fim de consolidar a sua divida fluctuante, contratou o Estado um novo empréstimo, nos termos da lei n. 1.059 de 28 de Outubro de 1906, na importancia de libras 2.000.000 ou francos 50.400.000 — tendo-se estabelecido no contrato o cambio de francos 25,20 por libra esterlina.

Deste ultimo empréstimo são agentes do Estado na Europa em virtude da lei n. 1.071 de 19 de Agosto de 1907, a Société Générale de Paris e o Banque de Paris et de Pays Bas. O seu typo foram 90 ‰ liquidos, juro de 5 ‰, prazo de 50 annos, pagando-se nos primeiros cinco annos sómente os juros e nos quarenta e cinco annos restantes juros e amortização — de modo que a divida se extinguirá em 1956. A annuidade exigida por este empréstimo são francos 2.854.500 ou libras 113.274. Quando terminou o exercicio de 1914 o saldo deste empréstimo era de libras 1.961.210-9-5. Segundo a tabella ou plano de amortização, o resgate de 1915 foi de francos 359.583, ou, pelo cambio do contrato, libras 14.273 — de modo que a divida está reduzida a libras 1.946.937-9-5.

Ahi ficam mencionados todos os empréstimos externos contratados até hoje por São Paulo — registradas as causas que deram origem a cada operação, e, o que mais é, o estado actual de cada uma dessas operações que no balanço figuram com a denominação de empréstimos constitutivos da divida externa fundada. Traçarei agora, rapidamente, o historico da nossa divida interna fundada, representada por apolices de juros de 6 ‰ ao anno.

A primeira emissão de apolices se fez em São Paulo em virtude da lei n. 10 de 7 de Julho de 1875, realisando-se, por esta fórma, o primeiro empréstimo, em 1877, por meio de 1.000 titulos de 1:000\$000 cada um. Quer dizer — uma operação do valor de 1.000:000\$000. Esta operação é ainda hoje conhecida pelo nome de empréstimo da Companhia Ituana. Mais tarde, em 1883, e de accôrdo com a lei de 26 de Março de 1879, foram emittidas mais 200 apolices do valor de 1:000\$000 cada uma, — ou sejam 200:000\$000, — do empréstimo denominado da Companhia de Navegação Fluvial Paulista. Posteriormente, em 1888, por força

da lei n. 55 de 22 de Março desse mesmo anno, foram emittidas mais 300 apolices de 1:000\$000 cada uma —ou sejam ao todo 300:000\$000 — as quaes tomaram a denominação de emprestimo á Commissão das Obras do Ipiranga. Estas tres emissões, no total de 1.500:000\$000, formam uma primeira série de apolices — e ha muito foram inteiramente resgatadas.

Em 1889 foram lançadas as apolices da segunda série para um emprestimo á Camara Municipal de Campinas. Esta emissão foi autorisada pela lei n. 184 de 5 de Junho de 1887. No entanto os titulos foram sendo tomados parcelladamente desde 1889 até 1892. Como as da primeira série, as apolices desta segunda já foram inteiramente resgatadas e desde 1912 que não figuram no balanço do Estado.

Em 1905, a lei n. 940 autorisou uma grande emissão, no valor total de 13.000:000\$000, em apolices da 3.^a, 4.^a e 5.^a série, cujo producto se destinava ás obras de reparos, melhoramentos e prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana. As séries dessa emissão são estas:

3.^A SÉRIE

2.000 apolices de 1:000\$000	=	2.000:000\$000
6.000 apolices de 500\$000	=	3.000:000\$000
Total da série		5.000:000\$000

4.^A SÉRIE

2.000 apolices de 1:000\$000	=	2.000:000\$000
4.000 apolices de 500\$000	=	2.000:000\$000
Total da série		4.000:000\$000

5.^A SÉRIE

2.000 apolices de 1:000\$000	=	2.000:000\$000
4.000 apolices de 500\$000	=	2.000:000\$000
Total da série		4.000:000\$000

Como as obras da estradas necessitavam de maiores fundos,

em 1907, por lei n. 1.076 de 23 de Agosto, se fez, para o mesmo fim, uma nova emissão constitutiva da

6.^a SÉRIE

Valor total desta série 8.000:000\$000

Ainda neste mesmo anno de 1907, a lei n. 1.117-A, de 27 de Dezembro, autorisou uma nova emissão no valor de 10.000:000\$000, a qual constituiria a 7.^a SÉRIE, destinando-se o seu producto á construcção de varios edificios publicos. O prazo de amortização deste emprestimo é de 30 annos a contar de 1914.

Em 1909, a lei n. 1.197, de 29 de Dezembro, autorisou uma nova emissão, no valor total de 10.000:000\$000, dividida em 10.000 apolices de 500\$000 cada uma e 5.000 de 1:000\$000, e cujo producto seria applicado na consolidação da divida fluctuante do Estado. Estas apolices constituem a 8.^a SÉRIE.

Em 1910, a lei n. 1.214, de 24 de Outubro, autorisou outra emissão, na importancia de 10.500:000\$000, para construcção de edificios escolares. Esta emissão é representada por 10.500 apolices de 1:000\$000 cada uma — o seu prazo de amortização é de 50 annos a contar de Setembro de 1920. E aqui temos a 9.^a SÉRIE.

Finalmente, em 1912, a lei n. 1.362 autorisou uma nova emissão de 25.000:000\$000 para consolidação da divida fluctuante. O prazo de amortização deste ultimo emprestimo interno é de 20 annos, a contar de Setembro de 1918. Os titulos que constituem esta 10.^a SÉRIE são os seguintes:

15.000 apolices de 1:000\$000	=	15.000:000\$000
20.000 apolices de 500\$000	=	10.000:000\$000

Total 25.000:000\$000

Além da divida externa fundada, e da interna, tambem fundada, deve-se ter em conta a divida fluctuante representada pelos emprestimos ao cofre de orphams, dinheiros de ausentes e depositos de diversas origens.

Póde-se resumir o passivo do Estado, segundo o ultimo balanço publicado, que é o do exercicio de 1914, da seguinte maneira:

EMPRESTIMOS EXTERNOS

Saldo do de 1888 = £	385.000-0-0
Saldo do de 1888 = £	138.600-0-0
Saldo do de 1904 = £	822.740-0-0
Saldo do de 1905 = £	3.513.800-12-6
Saldo do de 1907 = £	1.961.210-9-5

Total £ 6.821.351-1-11

Ao cambio de 27, segundo o referido balanço

60.634:141\$075

Mais a differença de cambio entre a taxa de 27 e a de 15, que se toma aqui como taxa provavel de liquidação....

48.507:475\$000

109.141:616\$075

EMPRESTIMOS INTERNOS

Apolices da 3. ^a série =	4.829:000\$000
Apolices da 4. ^a série =	3.884:500\$000
Apolices da 5. ^a série =	3.884:500\$000
Apolices da 6. ^a série =	7.879:000\$000
Apolices da 7. ^a série =	10.000:000\$000
Apolices da 8. ^a série =	10.000:000\$000
Apolices da 9. ^a série =	10.500:000\$000
Apolices da 10. ^a série =	9.879:500\$000

60.856:500\$000

Desta ultima série ha o saldo de 15.120:500\$000 por emittir.

DIVIDA FLUCTUANTE

Dinheiro de orphams =	10.664:265\$701
Dinheiro de ausentes =	407:689\$862
Depositos diversos.... =	3.529:112\$363

14.601:067\$926

Letras do Thesouro	27.176:029\$492
Diversos saldos	6.760:514\$526

Total

318.535:728\$019

E' preciso ponderar que ha uma somma consideravel no passivo do Estado pela qual respondem os arrendatarios da Estrada de Ferro Sorocabana. E' o saldo do emprestimo externo de 1905, o qual é de libras 3.513.800-12-6, e convertido a dinheiro do paiz, pela taxa de 15, dá a somma de 56.220:800\$000. Em rigor deve esta somma ser deduzida do passivo acima demonstrado — passando a situação a ser a seguinte:

Passivo geral do Estado	318.535:728\$019
Menos a parte que se acha a cargo dos arrendatarios da Estrada de Ferro Sorocabana	56.220:800\$000
	<hr/>
Passivo a cargo do Estado	262.314:928\$019

E' evidente que estes algarismos representam os encargos do Thesouro a ser amortizados com o producto da arrecadação geral dos impostos e taxas — isto é, com o producto da renda ordinaria e extraordinaria prevista nos orçamentos. Os emprestimos contratados para a defesa do café devem ser considerados em outro lugar — sendo certo que para a sua amortização dispõe o Estado do valor considerabilissimo de um grande stock das suas antigas compras. Examinarei logo o chamado balanço da valorisação.

II

SITUAÇÃO FINANCEIRA

O quadro que segue põe em destaque qual tem sido a renda e a despesa de São Paulo desde 1888 até o ultimo exercicio encerrado:

RENDA E DESPESA DE SÃO PAULO

(NOS EXERCÍCIOS DE 1888 A 1914)

EXERCÍCIOS	RENDA	DESPESA	SALDO	DEFICIT
1888—1889	6.869:159\$213	9.258:590\$780		2.389:431\$567
1889—1890	6.013:424\$591	6.015:086\$796		1:662\$205
1890—1891	9.178:533\$034	7.250:803\$997	1.927:729\$037	
1891	9.698:584\$010	6.060:265\$946	3.637:948\$064	
1892	38.105:288\$542	34.019:752\$076	4.085:536\$466	
1893	34.531:020\$592	43.313:010\$412		8.778:989\$820
1894	37.282:226\$360	42.367:728\$823		5.085:502\$463
1895	50.172:167\$479	49.689:523\$777	482:643\$702	
1896	50.807:820\$867	51.568:072\$033		760:251\$166
1897	48.571:165\$491	58.711:992\$318		10.140:826\$827
1898	42.279:559\$926	54.787:497\$922		12.507:937\$996
1899	57.341:105\$916	36.749:274\$190	20.591:831\$726	
1900	42.651:253\$690	36.297:974\$562	6.353:279\$128	
1901	45.684:952\$197	45.692:059\$610		7:107\$413
1902	37.648:582\$098	40.912:696\$419		3.264:114\$321
1903	34.127:184\$992	40.742:990\$452		6.615:805\$460
1904	42.603:824\$052	35.872:995\$655	6.730:828\$397	
1905	67.346:641\$040	111.860:684\$473		44.514:043\$433
1906	58.993:213\$827	61.614:855\$592		2.621:641\$765
1907	66.400:439\$171	68.569:960\$004		2.169:520\$833
1908	42.693:415\$262	67.988:640\$851		25.295:225\$589
1909	56.659:990\$204	67.757:577\$102		11.097:586\$898
1910	43.280:869\$074	65.851:701\$310		22.570:832\$236
1911	63.946:167\$691	83.859:847\$924		19.913:680\$233
1912	75.640:562\$561	96.643:449\$415		21.002:886\$854
1913	76.007:986\$367	107.738:246\$256		31.730:259\$889
1914	65.711:403\$534	100.159:860\$773		34.448:457\$239
	1.210.249:541\$781	1.431.355:509\$468	43.809:796\$520	264.915:764\$207

De 1888 até 1891 eram os exercícios contados de 1.º de Julho a 30 de Junho do anno seguinte. Por este modo o exercício de 1890—1891 foi encerrado em 30 de Junho deste ultimo anno — e em seguida passou o Estado a contar o seu exercício financeiro de 1.º de Janeiro a 31 de Dezembro — e para isto levantou um balanço comprehendendo a receita e a despesa do ultimo semestre de 1891. A partir de 1892 o exercício comprehende os mezes que vão de Janeiro a Dezembro de cada anno.

Como se vê dos algarismos que acabam de ser expostos, a renda geral de 1888 a 1914 é de 1.210.249:541\$781, ao passo que a despesa é de 1.431.355:509\$468 — o que dá no tempo considerado o deficit de 221.105:967\$687 — o qual póde ser demonstrado da seguinte maneira:

Exercícios em que houve deficit =	264.915:764\$207
Menos os exercícios em que houve saldo	43.809:796\$520
Deficit	221.105:967\$687

E' grande o deficit, não ha duvida, mas é preciso pôr em conta os enormes melhoramentos realizados em São Paulo, as immobilisações avultadissimas de capital — entre as quaes se póde mencionar a compra da Estrada de Ferro Sorocabana — cujo prolongamento está sendo ultimado — e cujas obras chamadas de capital custaram milhares de contos de réis.

Quando se fala em deficit, — tratando-se de administração publica, — tem-se o dever, para não se faltar á justiça, de pôr em confronto com esse deficit a somma de bens materiaes que occasionaram o excesso da despesa sobre a renda — bens esses que passaram para o dominio do balanço economico. Ha, é exacto, maior sahida do que entrada, na balança financeira — no balanço que tem por base o orçamento, — mas, em compensação, ha, quasi sempre, augmento no balanço economico, no balanço patrimonial — e esse augmento deve ser considerado para se poder ajuizar da administração, para se poder falar, com verdade, dos actos daquelles que se encarregaram dos negocios publicos. No caso particular de S. Paulo póde-se oppôr ao deficit demonstrado no balanço financeiro esta formidavel riqueza entrada para o seu balanço patrimonial:

Custo da Estrada de Ferro Sorocabana, melhoramentos e prolongamento da mesma	93.943 :621\$710
Custo da Estrada de Ferro Funilense	3.729 :315\$870
Custo do Tramway da Cantareira	2.307 :336\$480
Abastecimento de agua e exgottos	67.400 :000\$000
Custo de immoveis na Capital	49.915 :000\$000
Custo de immoveis situados na cidade de Santos	12.099 :613\$440
Custo de immoveis situados em Campinas..	825 :000\$000
Custo de immoveis situados no interior do Estado	25.043 :320\$500
<hr/>	
Somma dos bens inventariados e que fazem parte do patrimonio do Estado	255.263 :208\$000

A somma nos mostra que os bens materiaes adquiridos, e com os quaes o patrimonio do Estado cresceu espantosamente, é muitissimo superior ao deficit adduzido. E' quanto basta para

se ajuizar, em conjuncto, do que se tem feito em nosso Estado em materia de administração.

E' claro que já agora é tempo de se tratar de cobrir o deficit, cuja causa está perfeitamente demonstrada, e não mais iniciar melhoramentos de grande custo que obriguem São Paulo a novas operações de credito — e isto porque:

..... *Les emprunts sont charmants,
N'étaient les intérêts et les remboursements.*

III

BALANÇO DA VALORISAÇÃO

Posto que nas publicações officiaes appareça o balanço chamado da valorisação no mesmo quadro em que se faz a demonstração do activo e passivo ordinario do Estado e da sua receita e despesa — é facilimo separar os algarismos que dizem respeito ás operações concernentes á defeza do café. Podemos dividir o estudo desta parte do balanço do Thesouro em duas categorias, a saber:

A) PARTE ECONOMICA

Pelo ultimo balanço publicado se vê que os saldos dos empréstimos levantados para as operações da valorisação são estes:

Saldo do empréstimo de £ 3.000.000-0-0 contratado por intermedio do Governo Federal	£	2.157.359-0-0
Saldo do empréstimo de £ 7.500.000-0-0 contratado por intermedio dos banqueiros J. Henry Schroder & C. ^a , de Londres, e da Société Générale, de Paris, e do Banque de Paris et des Pays Bas	£	7.150.000-0-0
Empréstimo de 1914 contratado por intermedio dos banqueiros J. Henry Schroder & C. ^a , da praça de Londres	£	4.200.000-0-0
Somma	£	13.507.359-0-0

Para amortizar o passivo acima transcripto tinha o Estado, na mesma ocasião, o seguinte activo:

Venda do stock, já realizada, dos cafés armazenados em Hamburgo, Antuerpia, Trieste e Bremen, no total de 1.832.530 saccas ...	£	6.500.000
Valor de venda do restante dos cafés armazenados em Marselha, Havre e Rotterdam, no total de 1.300.000 saccas	£	4.000.000
Saldo em poder da Société Générale, de Paris, e do Banque de Paris et des Pays Bas, francos 3.136.201,01 =	£	124.400
Saldo em poder dos banqueiros J. Henry Schroder & C. ^a , da praça de Londres	£	811.416
		<hr/>
Total do activo	£	11.435.816

Havia, no momento em que foi encerrado o balanço de 1914, o passivo descoberto de £ 2.100.000, em algarismos redondos. Mas é preciso notar que a exportação de 1915, como é sabido, excedeu de 11.000.000 de saccas de café — o que significa uma remessa aos banqueiros de mais de 55.000.000 de francos-ouro, — somma esta mais do que necessaria para amortizar aquelle passivo descoberto.

E' evidente, pois, que o passivo originado dos negocios da valorização está inteiramente coberto neste momento.

b) — PARTE FINANCEIRA

As despesas realizadas pelo Estado, desde 1906 até 1914, com este serviço, somam em	231.606 :048\$822
Estas despesas têm sido cobertas pela cobrança da sobretaxa-ouro na importancia de 345.764.664,09 francos, ou sejam	211.035 :696\$413
<hr/>	

Ha, portanto, um excesso de despesa a ser coberto com o producto da sobretaxa e com o lucro das vendas dos cafés na importancia de	20.570 :352\$409
---	------------------

E' colossal o movimento de fundos que este serviço tem exigido. Tal movimento pôde ser resumido assim:

RECEITA GERAL

Producto dos empréstimos externos levantados de 1906 a 1914	525.432 :000\$000
Importancias levantadas em conta corrente por meio de saques contra embarques de cafés	189.329 :279\$927
Producto da sobretaxa-ouro cobrada em Santos	211.035 :696\$413
Producto de vendas de café	173.799 :119\$905
Somma	1.099.596 :096\$245

DESPEZA GERAL

Amortização dos empréstimos externos	322.821 :615\$000
Pagamento dos adiantamentos recebidos em conta corrente	189.329 :279\$927
Custeio do serviço	231.606 :048\$822
Cafés comprados	279.822 :897\$489
Somma	1.023.579 :841\$238

Estes algarismos estão registrados nos balanços da receita e despesa do Estado dos exercicios de 1906 a 1914 — o que quer dizer que do movimento geral demonstrado ha o saldo de 76.016 :255\$007 que foi incorporado na receita do Thesouro — a saber:

Entrada geral de fundos do serviço da valorisação	1.099.596 :096\$245
Sahida geral de fundos do mesmo serviço..	1.023.579 :841\$238
Saldo a favor das entradas	76.016 :255\$007

O saldo a favor das entradas pertencentes a este serviço está incorporado, como já se disse, nas entradas ou receita geral do Thesouro — e será amortizado quando, ultimados todos os negócios, se levantar a conta definitiva da valorisação com a caixa commum do Thesouro.

Este entrelaçamento de contas de um serviço todo especial, — que tem a sua economia inteiramente independente da economia ordinaria do Estado, — com as contas communs do Thesouro, torna bastante complexos os seus balanços geraes. No entanto eu procurei tornar perfeitamente comprehensivel toda essa massa enorme de algarismos que se encontram nos relatorios officiaes desde 1888 até 1914 — data em que foi publicado o ultimo balanço do Estado.

CARLOS DE CARVALHO.

A EXPANSÃO DA LAVOURA CAFEEIRA EM S. PAULO

O INICIO DA CULTURA DO CAFÉ NA
TERRA PAULISTA — PREPONDERANCIA
DA ZONA DO NORTE NOS PRIMEIROS
TEMPOS — COMO A REGIÃO DO OESTE
CONQUISTOU A SUPREMACIA — ALGA-
RISMOS RETROSPECTIVOS DA PRODUC-
ÇÃO E EXPORTAÇÃO.

Introduzida no Pará em 1723, a planta do café passou a ser cultivada na cidade do Rio de Janeiro em 1774, pelos frades Barbadinhos e outras pessoas, que fizeram experiencias. Depois desse anno, as culturas foram-se extendendo pelos arredores e adquirindo certa importancia economica. Em 1792 o bispo Dom José Justiniano já colhia 160 arrobas de café em sua fazenda de Inhaúma. Mas até 1808 a produção era principalmente para consumo interno, pois do porto do Rio não se exportaram mais de 160 arrobas nesse anno.

Nos principios do seculo decimo-nono, as plantações se propagaram pelos municipios de Rezende, Areias e outros do territorio paulista. A preciosa rubiacea penetrava assim nas terras em que devia fundar seu mais extenso e formoso reino. Sem demora, avassalou toda a região chamada “Norte de S. Paulo”, chegando até Taubaté, onde se colhiam algumas dezenas de milhares de arrobas em 1830.

Proseguindo em sua marcha victoriosa para as fertilissimas regiões da terra roxa, o café attingia Jundiahy no governo do capitão-general Castro Mendonça, entre 1797 e 1802. Um pé dessa planta africana foi então plantado na chacara do sargento-mór Raymundo Alvares dos Santos Prado, com sementes offerecidas

pelo citado governador da capitania. Dessa arvore, objecto de curiosidade para os habitantes do lugar, provieram os fructos e mudas, de que se originaram os primeiros cafezaes do municipio de Campinas — porta de entrada do famoso “Oeste Paulista”.

Ao que escreveu o botanico brasileiro Corrêa de Mello, quem primeiro fez uma plantação de cafeeiros em Campinas foi o tenente Antonio Francisco de Andrade, lá para 1809. Em 1817 o capitão Francisco de Paula Camargo, de volta do Rio de Janeiro, formou o segundo cafezal com sementes que trouxe da capital do paiz, a conselho do ministro conde dos Arcos, seu amigo. Um parente do mesmo capitão, de nome Joaquim Aranha Barreto de Camargo, plantou o terceiro; mas abandonou-o, porque a arroba de café deixava de alcançar no Rio o preço de 8 a 9\$000. Um genro do precedente, o benemerito cidadão Francisco Egydio de Souza Aranha, tornando-se proprietario dessa plantação, renovou-a e ampliou-a, começando a colher, preparar e exportar o café, com lucros que o assucar já não proporcionava.

Vencidos os primeiros passos, a cultura cafeeira progrediu com rapidez, de 1835 em diante, substituindo a da canna de assucar, até então a principal do municipio, como aliás succedia na antiga provincia inteira. No citado anno Campinas possuia 9 fazendas de café, cuja producção ainda era de 808 arrobas; o que faz suppôr que o total de pés não ia além de 10.000. As colheitas de 1842 e 1843 já foram importantes. A de 1852 montou a 200.000 arrobas, produzidas em 89 fazendas, segundo dados estatisticos reunidos durante a presidencia do senador Nabuco de Araujo.

Tanto se desenvolvia a riqueza cafeeira na provincia, que o presidente Nabuco dizia, em seu discurso á Assembléa Legislativa, a 1.º de Maio de 1852: “A cultura do café prospera cada vez mais e promette a esta provincia um grande futuro”. Contavam-se então 395 engenhos de beneficiar café em todo o territorio paulista, ficando 68 em Campinas, conforme annunciava o mesmo presidente, um dos mais operosos e illustres que tiveram os paulistas.

Uma estatistica agricola, organisada em 1854 sob a direcção do brigadeiro Machado de Oliveira, permite ajuizar-se da situação da lavoura cafeeira em tal época, certamente uma das mais interessantes na historia economica do povo paulista. As fazendas de café eram 2.618, com uma colheita total de 4.338.756 arro-

bas, valendo 10.461:173\$000. Os principaes municipios productores repartiam-se deste modo pelas zonas:

Do Norte:

Bananal	554.600	arrobas
Taubaté	354.730	„
Pindamonhangaba	300.000	„
Jacarehy	204.010	„
Queluz	200.000	„
Lorena	125.000	„
Parahybuna	118.320	„
Guaratinguetá	100.885	„
Mogy das Cruzes	100.000	„
Cunha	100.000	„
Silveiras	90.000	„

Do Oeste:

Campinas	335.550	arrobas
Limeira	121.800	„
Rio Claro	99.670	„
Mogy Mirim	80.000	„
Jundiahy	60.000	„
Santa Isabel	45.000	„
Bragança	36.755	„
Piracicaba	30.600	„
Itu'	16.702	„
Atibaia	6.100	„

Do litoral:

Villa Bella	112.500	arrobas
Ubatuba	99.500	„

Em 1854 a cultura se adensava ainda na zona do Norte,

que hoje não produz nem a decima parte das quantidades acima indicadas. No Oeste apenas principiavam a constituir-se ao redôr de Campinas alguns dos centros productores de agora.

No anno economico de 1853-54 a exportação total de café da antiga provincia não excedeu de 1.671.987 arrobas, ou cerca da metade da producção. A maior parte dessa quantidade exportada sahia em procura dos portos do Rio, Ubatuba e Caraguatatuba: era transportada em tropas que passavam pelas barreiras de Cunha e do Ariró, descendo a serra do Mar. Para Santos seguia o café de Taubaté, Campinas e arredores, em menores porções, como se verifica pelos algarismos da exportação do ultimo anno de cada decennio:

Em 1839-40	135.525 arrobas
Em 1849-50	147.450 "
Em 1859-60	1.484.955 "

Assim, a exportação por Santos decuplicou entre 1850 e 1860. E' a fertilissima região do Oeste que adquire a predominancia, procurando a sahida mais proxima para suas safras. E' a famosa terra roxa que vae conquistando para a cidade de Braz Cubas a posição de primeiro porto exportador do Brasil.

Inauguradas as principaes estradas de ferro do territorio paulista, no decennio de 1870 a 1880 inicia-se o alargamento das plantações de café para a região de Ribeirão Preto. A mancha verde-escuro dos cafezaes se estende pelos ricos trechos de terra roxa, subindo de S. Carlos, Rio Claro, Limeira, etc. Devido aos esforços de Pereira Barretto, Martinho Prado e outros, vai-se formando o centro do poderoso "Imperio do Café", que attinge á maxima prosperidade, de 1890 a 1900.

Ao iniciar-se esse periodo, o Oeste já deslocava do Norte a producção cafeeira. A força já adquirida pelos seus municipios é demonstrada pelos seguintes algarismos da passagem de café pela barreira de Jundiaby, de 1.º de Julho de 1870 a 31 de outubro de 1871:

<i>Localidades:</i>	<i>Arrobas:</i>
Campinas	978.430
Rio Claro	241.787
Limeira	240.650
Itatiba	159.475
Amparo	154.211
Piracicaba	124.559
Araras	90.428
Mogy-Mirim	88.185
Pirassununga	65.985
Descalvado	64.196
Jundiahy	52.743
S. Carlos do Pinhal.....	49.179
Diversos	309.549
Total	2.619.377

Nas diversas localidades da procedencia do café figuram Araraquara, Jahu', Botucatu', Batataes, etc., que mandaram menos de 50.000 arrobas.

Embora em taes quantidades se incluíam as passagens durante quatro mezes — Julho a Outubro — que excedem ao periodo da safra de 1870-71, pode-se acceital-as como approxmada indicação da producção em cada municipio, no anno mencionado. E' que, por esse tempo, o transporte das safras se fazia mais lentamente no dorso de animaes e as colheitas chegavam a Santos com maior demora.

A exportação total de café da provincia nesse anno de 1870-71 dividiu-se assim pelos portos de embarque:

Santos	2.270.940 arrobas
Ubatuba	355.582 "
Caraguatatuba	143.163 "
S. Sebastião	34.391 "

Com o café sahido por outros pontos, o total se elevou a 3.270.608 arrobas em 1870-71, contra 3.342.251 em 1869-70.

Dez annos depois, em 1879-80, a provincia exportou 5.483.251 arrobas, das quaes 4.220.773 sahiram por Santos. A zona do

Norte, já em decadência, não exportou senão as 1.262.478 arrobas restantes.

Volvido ainda um decennio, em 1889-90, a exportação da provincia montava a 9.193.204 arrobas de café. Santos entrava nesse total com 8.166.012 arrobas. A parcella do Norte permanecia quasi inalteravel: 1.027.192 arrobas, que se dirigiam para o porto do Rio pela Estrada de Ferro Pedro II, hoje Central do Brasil.

Entre 1881 e 1884, o café lutou com uma crise muito séria, que desanimou os cultivadores. O preço do café superior em Santos chegou a baixar a 2\$800 a 3\$000 por dez kilos. A causa foi indubitavelmente o volume adquirido pelas safras de 1883-84 e 1884-85 — as maiores notadas até essa época.

A safra de 1885-86 mostrou-se bem menor do que as antecedentes e disso tiraram bom partido os agricultores, retardando as remessas. Tambem a de 1887-88 foi pequena, por motivo das perturbações causadas pela abolição da escravidão.

Tal a rapida evolução da lavoura de café na terra dos bandeirantes, do inicio até á proclamação da Republica. O que se passou em seguida está mais vivo na memoria de todos. Dispensamo-nos de recordal-o agora, para não alongar em demasia estas notas sobre a historia economica do povo paulista.

PAULO R. PESTANA

SEARA DE ARISTARCHO

O BRASIL, TERRA DE POETAS

Meu amigo,

Você parece fadado a soffrer de todos os achaques da critica nacional. O artigo que a sua penna demolidora acaba de despejar em cima do poeta F. ... começa pelas affirmações, que leio pela millesima vez, — de que o Brasil é uma terra de poetas, de que os poetas constituem por aqui uma praga semelhante á dos gafanhotos, de que o numero delles excede positivamente ao razoavel, e de que é preciso dar-lhes para baixo, sem dó nem piedade. E Você dá-lhe para baixo, ao pobre vate, seriamente convencido de que presta um serviço ao paiz e ás letras indigenas, porque convencido de que com semelhante processo se conseguirá oppôr barreiras á *onda*... E' sobre inexactidões e illusões como isso que V. e a Critica nacional pretendem fazer obra!

Tudo errado e torto, meu amigo; permita-me que lh'o diga, abusando talvez da sua larga e affectuosa tolerancia, a derradeira virtude que ainda o extrema da generalidade dos seus illustres collegas de officio.

Todas aquellas affirmações que acima enumerei, extrahindo-as do seu artigo, umas por mera transcripção, outras por uma facil interpretação dos seus conceitos, tenho-as encontrado formuladas ou subentendidas em cem artigos de critica, em duzentas chronicas, em mil relanços de simples noticiario, e ha muito que passaram a constituir o troco miudo de toda a gente, no commercio quotidiano das idéas. Isto não tira que sejam completamente falsas. São falsas como pratas de chumbo, e só entram na circulação porque metade dos individuos não se lembra

de fazer-lhes o exame comparativo dos cunhos nem de verificar-lhes o sóido, e a outra metade acceita-as e passa-as adeante por natural inclinação para se accommodar a tudo que é tortuoso e fraudulento.

Terra de poetas, o Brasil! repete-o V. com ar de convicção. Entanto, V., que o repete, ficaria absolutamente embatocado, se eu lhe perguntasse apenas em que se baseia para dar semelhante primazia ao nosso povo no que toca ao numero de versificadores. Quando foi, e como foi que o meu amigo averiguou isso? Onde achou os dados positivos que o habilitassem a affirmar com tanta segurança que o Brasil possui mais poetas do que qualquer outro paiz? Você nunca averiguou nada. A Critica não precisa de factos, de numeros, de solidos elementos de prova, de documentação depurada: basta-lhe o fogo sagrado.

Poderá V. retorquir-me, perguntando em que me baseio para affirmar o contrario. Eu ainda não affirmei coisa alguma. Se V. quer, porém, não hesitarei em affirmar-lhe, tranquillamente, aqui á puridade, que o contrario é que é a verdade provavel: — se ha no planeta uma terra que pela inequalavel superabundancia de versejadores se possa denominar “terra de poetas”, essa não é, com certeza, a nossa terra. Não se faz precisa uma grande perspicacia para se architectar este singelo raciocinio: — o numero de poetas em cada paiz não pode ser conhecido exactamente, mas deve ser maior onde maior seja o numero dos pintores, dos estatuarios, dos musicos, dos oradores e dos romancistas, onde haja maior actividade artistica e maior actividade intellectual, e onde haja menor numero de analphabetos. Porque razão este paiz, onde oitenta por cento da população não sabe lêr, onde não ha senão uma literatura incipiente e uma arte andrajosa, onde a caça ao dinheiro predomina desenfreadamente a todas as outras manifestações da vida moral, onde não ha opinião, não ha tradições, não ha cultura, não ha ideaes nacionaes, não ha correntes nem embates fecundantes de crenças e de illusões collectivas, onde falta portanto tudo quando constitue o ambiente propicio á eclosão das sensibilidades hyperesthesiadas e das almas sonhadoras, — porque diabo ha de um paiz nestas condições contar maior numero de poetas do que a Allemanha, ou do que a China? Poetas em quantidade maxima ha na França, por exemplo, onde numa semana se publicam mais livros de versos do que no Brasil durante um anno; ou na Allemanha,

onde não ha familia que não tenha a sua pequena livraria, e não ha livraria onde não se encontre um exemplar da centesima edição de algum dos grandes poetas nacionaes. Mais poetas do que o Brasil possuiue Portugal com os seus seis milhões de habitantes; possuiue a Italia, onde ha vinte universidades regorgitantes de uma juventude que se satura de letras, de poesia e de arte, e vibra nas fortes emoções da tumultuosa vida nacional, entre multidões de pintores, de esculptores e de musicos; possuem os proprios Estados Unidos da America do Norte, onde não haverá uma literatura rica mas ha uma literatura numerosa, que em qualquer dos seus capitulos deixaria a perder de vista as cifras estatisticas da nossa.

Você e a Critica são victimas de um engano que eu me permittirei qualificar de pueril: como ha, na realidade, muitos poetas no nosso paiz, relativamente ao numero dos prosadores, e mesmo relativamente ao numero dos individuos que sabem ler por cima, concluiu-se dahi que o Brasil abriga maior quantidade de poetas do que qualquer outro paiz do mundo. Inferencia disparatada e grosseira, mas de um typo perfeitamente natural e vulgarissimo, de que se encontram exemplares todos os dias. Caso commum de logica affectiva, de que a linguagem familiar e mesmo a litteraria abundam em amostras. Aqui o nosso amigo Pereira, que V. bem conhece, já me declarou de uma feita, após um serio dissabor de ordem politica, experimentado numas eleições do seu bairro, que “o Brasil é a terra onde só os estupidos triumpham e mandam”... Não lhes ocorreu verificar se a mesma superabundancia de poetas não existiria em outros povos. Nem lhes ocorreu que mais simples seria explicar desde logo o facto brasileiro como um phenomeno commum a todos os paizes, pelo menos a todos os paizes que têm com o nosso maiores affinidades, do que pretender a fina força revestil-o de uma natureza excepcional, cujas causas tenebrosas dariam agua pela barba a vinte gerações de criticos, desdobrados em ethnologistas e sociologistas.

Mas o peor é que Você, meu amigo, consoante ao que fazem os outros criticos, se prevalece dessa affirmacão improvada e improvavel para assentar que é preciso reprimir a todo custo a *onda* avassalladora. E como para reprimir a onda é indispensavel usar de uma rude energia, Você levanta a sua tenda no meio da litteratura nacional, imprime uma orientacão ao seu espirito,

assume uma attitude intellectual que corresponde a um grave passo dado na sua vida de escriptor e de cidadão, distribue pancadaria, infunde terrores, provoca represalias, pretende intervir no curso natural das coisas, — tudo isso em nome de uma triste caraminhola inicial que não mereceria sequer as honras de uma discussão, se não estivesse convertida em moeda de curso forçado!

Ora, meu amigo, ha de convir que isso não é serio. A probidade mais elementar manda a todo escriptor, seja embora um critico, que não contrafaça com tanto desembaraço os elementos positivos e as razões de facto sobre que se hão de erguer programmas e acastellar theorias, prenhes de consequencias, de reacções e de resultados proximos e remotos. Não é digno de espiritos que se estimam acceitar como provados os falsos truismos que a boçalidade numerosa repisa infatigavelmente, para com isso lisonjear a mentalidade ambiente e ganhar o applauso facil do galinheiro. E' trabalhar por manter a atmospheria de obtusidade e de velhacaria congenita em que respira a vida intellectual de tantissimas criaturas, sempre secretamente animadas do desejo de vêr todas as coisas que não attingem destruidas, amesquinhas e sepultas sob a risota e o desdem do vulgacho.

Bastaria a vulgaridade das affirmações, de que se trata, para que um escriptor mais generoso sentisse por ellas uma invencivel repugnancia preliminar, e logo vibrasse em impetos de contradital-as sem mais reflexão. A malevolencia que ellas contêm se lhe patentearia como um perfume violento. Descobrir-lhesia talvez como origem unica a hostilidade de um meio social abeberado de sordido materialismo contra vocações que elle não comprehende, contra necessidades que elle não experimenta, contra uma casta avidez de belleza e de sonho que elle não concebe, contra organizações psychologicas delicadas, aberrantes, enigmaticas, que elle vagamente receia como o rebanho que se espanta e estremece diante das duas azas inquietas e fragilimas de um insecto desconhecido. Sentindo estas coisas, o escriptor generoso talvez tomasse um partido bem diverso daquelle que V. tomou: o de proteger com o seu manto esses pobres seres, dos quaes se consideraria irmão pelo espirito, um alliado natural e um companheiro da mesma travessia — a tragica travessia de todas as almas de artista e de todos os enfermos de sonho através de uma multidão indifferente ou brutal, que os esmaga com o seu desprezo, os insulta com as suas suspeitas, os flagella com os seus

apodos e só falta declarar-os fóra de lei, açulando-lhes na piugada o chanfalho repressor da policia.

Nada mais natural do que a má vontade galhofeira ou irritadiça com que o vulgo os trata, mettendo-lhes á bulha as vaidades e as fraquezas. A massa, em todos os tempos e latitudes, só comprehende, só desculpa, só exalta e ama os vencedores, os que chegaram, os que se impuzeram, os que emergiram. São-lhe indifferentes os estados anteriores ao triumphal, as lutas sangrentas em que se revolvem na sombra as ambições concorrentes, os infernos que calcinam a alma dos que renunciam e dos que teimam, as vocações admiraveis que a fatalidade estragou e abateu, as bellezas que morreram em germen, as irradiações informes para cuja revelação definitiva faltou ás vezes a simples materialidade de um factor physiologico ou a simples casualidade de uma circumstancia exterior. E'-lhe indifferente saber como venceram os vencedores, e verificar se mereceriam vencer. O que lhe importa é que vençam. O que lhe interessa e agrada é essencialmente o facto de vencer, em si, independente de causas, modos e pessoas. E' estúpido e terrivel: a mesma attitute innocente e cruel da população antiga no circo de feras. Tudo muito natural — e talvez justo, ao cabo de contas, de accordo com designios providenciaes que nos escapem. Mas que nós, os que bem ou mal manejamos uma penna, nós os semelhantes, os collegas, os comparsas, os cúmplices desses perseguidos, nos prestemos a ser na literatura o órgão dessa mentalidade collectiva, inintellectual e feroz, é que se me affigura, antes de mais nada, uma profissão de pusillanimidade e de hypocrisia.

Mas ponha V. de lado todas estas considerações sentimentaes. Resta o lado logico. Está V. convencido de que as funções correctoriaes da critica, exercidas com superior desassombro na trituração escrupulosa das bagaceiras, servem de contrapôr um dique á torrente da literatura de fancaria. Aqui está uma das illuções de que lhe fiz menção. Para que um critico exerça séria influencia sobre os espiritos, é indispensavel que elle se não estribe em nenhum *parti pris*, seja embora producto de solidas razões. Desde que lhe percebam a rigidez de uma attitute preconcebida, logo lh'a interpretam de todos os lados como uma parcialidade, que o torna irremediavelmente suspeito aos olhos das victimas e dos espectadores. Outro requisito necessario é que elle disponha de uma larga somma de autoridade intellectual, que só se adquire

com trabalhos um pouco mais serios do que simples e fluentes descomposturas em poetas de terceira classe. E quando, preenchi-dos esses e todos os mais requisitos cujo concurso desfecha na capacidade de influenciar as massas e as letras — o que resulta é que o critico eminente, em vez de dispersar a nuvem dos saltões versejadores, lhes imprime o cunho das suas idéas, os vai subordinando ás suas preferencias e cacoethes, e tendendo a reproduzir-se numa prole innumeravel de filhotes. Eis ahi.

Muito seu,

AMADEU AMARAL.

O MARGARIDA

A FELIX PACHECO

O verdadeiro sentido da tragedia é essa observação profunda, que as faltas expiadas pelo heroe não são as delle, mas as faltas hereditarias, isto é, o proprio crime de existir.

SCHOPENHAUER

A noite era de luar, tão clara e rescendente de poesia que não parecia de uma sexta-feira santa. Verdade é que alli, áquelle trecho de invernadas comprimido entre duas espessas florestas virgens, não chegava o minimo vestigio do lucto que envolve, por essa época do anno, o mundo christão. De dia, ainda as flores amarellas dos ipês e as flôres rôxas da “quaresma”, com a immobibilidade funerea das ultimas nuvens de Março, suspensas, como frócos encardidos, entre o Mogy e o Rio Pardo, poderiam suggerir lembranças da Paixão. A’ noite, porém, clareara de todo o céu, e o luar transfundira á natureza um sentido carinhoso e nupcial, disperso pelo ar morno e abafado de um fim de estio. Os curiangos, aos saltos pela estrada, alternavam os seus pios sonoros, e vinha do seio da matta o bate-bocca dos urús estridentes, profanando, com a emplumada luxuria, a selva dolorosa.

A faixa de pastagens, lado a lado do córrego, mostrava-se salpicada de clarões, fixos ou intermitentes como fogos fatuos. Eram as palhoças dos carreiros, cobertas de sapé, paredes de “paus a pique”, roliços, dançando uns contra os outros, pelo vão dos quaes barafustavam os cães, genios domiciliarios que o miar das jaguatiricas trazia em alarme, latindo de longe, esqueleticos e medrosos.

O curral era o complemento de cada habitação, ás vezes em um só recinto, de arame farpado ou travéssas horizontaes de

taboas, ás vezes subdividido em compartimentos, o primeiro destinado aos bois carreiros, com uma larga entrada por onde passassem as juntas cangadas, o segundo aos animaes de sella, o terceiro aos bezerros e vaccas leiteiras...

Fóra, como exquisitos monstros que velassem pelos cochichólos, quedavam as carretas e os carretões, mirando-se uns aos outros, mudamente, fatigados, pendentos dos argolões as grossas correntes de ferro, as rodas chapeadas comprimindo o solo fôfo, com os cabeçalhos estirados para a frente como um pescoço esguio.

Nas casinholas provisórias, ephemerás, destinadas a durar o que duraria a exploração de uma nesga de matta virgem, embiocavam-se famílias inteiras, metralhadas ao verão pelas chuvas desabridas, açoitadas ao inverno pelo frio vento que varejava entre as frinchas, assobiando.

Não eram, Deus louvado, relativamente longas essas phases de hostilidade dos elementos, e as outras quadras do anno, de uma doçura embaladora, permittiriam dormir-se ao ar livre, em rêdes pelos alpendres, não fosse o temor dos bichos maus e em especial da "onça maneta", a celebre, que ha tanto tempo, por todo aquelle sertão, vinha commettendo depredações e morticínios no gado e nas pessoas. Até certa hora, porém, a prosa transcorria sempre ao sereno, reunidos os moradores ora neste, ora naquelle rancho; e ás vesperras de domingo ou dias santos o serão se afundava pela noite a dentro, numa toada de violas e sanfonas, intercalada de cantigas e desafios.

A' noite de sexta-feira santa excluïam-se naturalmente as expansões musicaes; mas o prazo dado habitual se realisava e á porta da morada mais confortavel e importante do lugar, a morada do pardo Chico Aureliano, dono de tres boiadas que eram o seu orgulho e marido de uma cabocla tão melindrosa e tão alva que inspirava áquella gente toda uma devoção singular, de imagem de Nossa Senhora.

A roda formara-se aos poucos, á medida que chegavam os visinhos, cujos vultos se destacavam de longe, ao luar. As mulheres "iam lá para dentro", e os homens, á porta, alguns assentados em tamboretos ou tócos de paus, outros acorados sobre os calcanhares, os mais indolentes espapaçados na rélva a mirar suavemente o céu estrellado, cahiam na modorra da prosa, inalteravel e monótona, versando sempre sobre os trabalhos da semana, alguma rez que apparecera doente e cujos remedios se

discutiam, ou noticias de proezas novas, felizmente longinquas, da "onça maneta"...

— "Eu, não", dizia o Margarida, "eu não tinha medo de metter o carro nesses socavões de Deus em qualquer outro dia santo do anno. Mas na sexta-feira maior... isso capaz!... Guardo esse dia, ainda que não tenha o que comer nem beber, e é porque sei de muitos casos acontecidos como castigo a teimosias dessas... Por exemplo, o que succedeu ao Capitão Felicissimo, vancês não se alembam?..."

A palestra caminhara naturalmente para alli, e as superstições de uns, os receios e as duvidas de outros, haviam sido expostos como as variantes do mesmo thema lugubre da Paixão.

Quando o Margarida se referiu ao Capitão Felicissimo, a toada da conversação já se vinha esmorecendo, partindo de alguns pontos bocejos largos, ruidosos, como uivos selvagens; mas a voz do narrador, arrastada e sonora, espevitara as atenções e a expectativa á sua historia foi favoravel e honrosa.

E' que o aureolava a fama de sujeito muito viajado e sabido, e disso elle se desvanecia, pondo cada vez mais nas suas aventuras pormenores sensacionais e maravilhosos, protagonista nas acções mais nobres, simples comparsa nas secundarias, e alheio de todo, ausente pela força de mil coincidencias, nos transes de maus effeitos. A credulidade sertaneja emprestara-lhe assim, á sua vida, uma feição de prodigio e de romance, escutando-lhe as narrativas de bravuras e soffrimentos com enternecida emoção.

Era um caboclo de Minas, alto, bem feito, de olhos claros e cabellos anelados. "Zeca da Margarida"... Assim lhe chamavam os rapazelhos coévos, na cidadezinha onde nascera. Zeca da Margarida... Margarida era a mãe, uma creatura esbelta e feliz, lavadeira nos pontos mais frequentados do córrego que banhava a povoação, tão formosa e desejada que, quando mettia nagua as pernas alvas e bem feitas, arrepanhando as saias para os joelhos, e se curvava sobre o batedor, estendendo os braços roliços e ondulando o collo macio e cheio, das moitas ribeirinhas explodiam suspiros e delirava a inspiração de um poeta local, esgrouviado e cheio de callos, professor das letras primarias.

Margarida, cantando risonha, banhada de sol, batia a roupa, envaidecida pela adoração de que se sabia objecto. E o que

alvorocava as suas camaradas, indignando os pretendentes leaes á sua mão de esposa, era ser o professor casado e vir postar-se alli, á ponte, babando-se pela rapariga, escandalosamente.

A mãe de Margarida obrigava-a com frequencia a mudar de logar no córrego; ia de um extremo a outro da cidade. Mas aqui ou alli, entre duas ensaboadelas, Margarida erguia os olhos compassivos e meigos, e meiga e compassivamente descobria o vulto do seu poeta. Respeitoso, tremulo, elle atirava-lhe versos, lembrava-lhe toadas para cantal-os. E as outras lavadeiras já se divertiam afinal, achando naquillo tudo um quê de inoffensivo, lisonjeadas até, pela classe, com tamanha deferencia das letras primarias. Tanto assim que, quando Margarida deu para des- apertar os vestidos e sentir á beira dagua tonturas exquisitas, attribuiram o caso a um ou outro dos cubiçadores illetrados, havendo até no ról analphabetos. E foi ella propria quem, aos gracejos e insinuações em tal sentido, altivamente protestara, orgulhosa da sua fidelidade ao vate ribeirinho, rematada por aquella maternidade desinteressada como por uma auréola de gloria.

O poeta, deante da franqueza de Margarida e temendo o escandalo no logarejo, escamoteara-se logo com a esposa, que era beata e o enganava com os sacristães, para a capital.

Margarida, porém, outra vez esbelta e formosa, continuou a atravessar as ruas, cantarolando feliz, mais feliz ainda quando além da trouxa á cabeça levava ao collo um bebê gorducho e lindo que era o seu enlevo. Não se lamentara, não fingira vexames, não entristecera. Parecia que se déra para aquelle resultado apenas, de um filhinho lindo... E assim o foi criando, á beira dagua, desdenhosa aos suspiros que lhe vinham das moitas, inflexivel ás insinuações da propria mãe a quem sorria agora a idéa de uma velhice tranquilla, amparada á belleza da filha.

... Zeca da Margarida... Foi-se deixando chamar assim, pelos colleguinhas de escola, pelos companheiros da rua. E quando a mãe morrera e elle, já crescido, abalara para terras novas, vira, sem contrariedade, o nome materno masculinizado, adherente ao seu. O Margarida... Era extravagante mas era assim mesmo. O nome feminino contrastava com o seu aspecto masculino, com a sua desenvoltura de linguagem, gabarolas quanto a valentias e casos de amor, exaggerado e imaginoso, tecendo sempre em volta da sua existencia uma teia brilhante de proezas

e aventuras. Era a phantasia paterna, do poeta dos lavadoiros, que explodia em florações do sertão, inconscientemente...

Ao chegar alli, ás Macahubas, algum tempo depois da abertura da estação e quando a beira da linha já começava a ficar juncada, por muitos alqueires de terra, de tóros e tóros de peroba, á espera dos embarques, aggregara-se como carreiro ás turmas do Chico Aureliano. Nesse tempo o Aureliano ainda estava sózinho, sem a familia. Tinha vindo primeiro á tóa, de visita a um genro, mas agradara-se do lugar, dos tratos da madeira, e resolvera ficar tambem: — o seu sitio em Taubaté andava exausto, elle não dava para aquella historia de plantar arroz com irrigação, queria tentar vida nova!

Homem decidido, de poucas conversas, voltara lá, vendera a sitioca, para vir logo, com um filho buçando, a começar a labuta. Comprara tres carros arreados, sessenta bois, e empreitara a puxada de mil vigas para a estação, impertinente com os carreiros, querendo tudo a tempo e a hora, não admittindo que o sol sahisse sem achar as boiadas cangadas. E, de longe, nos depositos da linha, conheciam-se as tóradas que elle puxava, cada monstro de quatro a cinco metros cubicos que os outros refugavam no matto com medo de estrondarem-se os carros ou esmigalharem os bois do cabedalho quando alguma era mal collocada e rolava num baque, por cima da róda, para o chão...

A principio os antigos carreiros estranharam a sua “subergia”, que não pegava numa “vara de ferrão”, e era só ir atraz dos carros, “muito sim senhor”, no seu cavallo alazão, de cigarro na bocca... E scandalizara-os tambem a sua idéa de erguer uma casa de telhas, bem feita, de soalho e forro, as paredes de taboas rejuntadas, “obra para mais de conto e quinhentos”, affrontando os casebres toscos, esparsos beira-córrego, ao longo da invernada.

E só depois da casa prompta é que Chico Aureliano embarcou para buscar a familia.

A presença daquella filha casada e daquelle filho moço fazia presumir-lhe para mulher uma maduraça qualquer, parda-vasca como elle, que os filhos mostravam a mesma dóse de mes-tiçagem, na pelle, e nos cabellos semicarapinhentos. Ninguem sabia que elle era viuvo e casado segunda vez, e só então é que se

comprehenderam aquelles luxos de casa assoalhada e de um bello cavallo baio para silhão que elle trazia muito tratado, e fôra para a estação no dia da chegada, com uns arreios enfeitados, freio de prata, peitoral, redeas, manta, tudo novo e reluzente. E logo a noticia da mocidade alvura e belleza da esposa do carreiro se espalhou, como uma surpresa, por toda a parte.

— “Era mesmo uma senhora morgada”, disseram os portu- guezes da turma, lavradores de tóros, que quando sahiam dos mattos, á tardinha, com as cabaças d’agua ás costas, picados dos moscóes, lhe passavam defronte á casa atirando olhares sonha- dores de desejo e melancolia.

Toda a sociedade rustica das Macahubas se encantara por aquella creatura tão branca e tão melindrosa, esbelta como uma novilha virgem, de cabellos negros de azeviche que ella repuxava com simplicidade sobre a fronte e as orelhas, recobrindo-as num recôrte de azas descabidas, de passaro preto. Até as creanças pasmavam para ella, e eram ardentes caricias, desabafo da sua ancia de maternidade, de que se evolava qualquer coisa de re- voltado e sensual.

O marido a trazia num recato extremo; jámais lhe consen- tira descer ao córrego a bater roupa, dera-lhe uma creada para servir comida aos camaradas, para tratar da criação, como se arreceasse crestar-se ao sol aquella pelle delicada e mimosa.

E a todos “Don’Anna” conquistava pela sua modestia, um pouco pelo seu ar arredio de enfado e tristeza. E se lhe davam “dona”, tanto os homens como as mulheres, faziam-n’o menos por cerimonia do que por uma particularidade do nome, a que o proprio marido não se esquivava.

Pois Don’Anna, naquella sexta-feira santa, lá estava, “lá dentro”, meio deitada na sua rêde, mais branca do que de cos- tume pelo contraste com o vestido preto, ouvindo antes a con- versa das vizinhas do que falando ella mesma. Em certo ponto até a conversação parara de todo e só se ouvia o guincho dos ganchos da rêde, a que ella dera um pequenino impulso e balan- çava mollemente, ondulando as franjas de renda. Fôra exacta- mente quando a voz sonora, meio cantarolada, do Margarida se erguera lá fôra:

— “Eu, não... Eu não tinha medo de metter o carro nesses socavões de Deus em qualquer outro dia santo do anno. Mas na sexta-feira santa... capaz!...”

No grupo de mulheres parece que o prestigio do Margarida era tambem grande, pois o silencio continuou como se todas se empenhassem por não perder uma palavra do que elle iria narrar.

II

“— O Capitão Felicissimo era homem de muita consideração em São Gonçalo do Sapucahy, tinha sido juiz de paz, provedor da santa casa e vereador da Camara... Mas a politica foi-lhe acabando com a fortuna e por fim a lida delle era a conducção de cargas de São Gonçalo até a Campanha, para despachar na estrada de ferro. Começou com uma tropa de burros que o que mais se conduzia eram jacás de queijos e de toucinho; mas, logo a lavoura de café deu de produzir, achou que o melhor eram carros de bois, cada carro levando sessenta saccas... Aquillo era uma comitiva importante quando as boiadas do Capitão Felicissimo se estendiam pela estrada! Quê, homem de capricho para boi estava alli!... Tinha uma boiada só de jaguanés, outra só de barrosos, outra só de fumaças. Até no geito dos chifres elle fazia questão de apparellhar as juntas

Quanto a gente topava com os carros delle era o mesmo que passar uma nuvem de cassunungas. Ficava aquelle zunido horas e horas, afinadinho, que lá desses carros mudos, feito carroção de burros, elle não queria saber, nem de graça.

... Pois esse homem se desgraçou por causa de uma teimosia em trabalhar na sexta-feira santa...”

Observando a solicitude do auditorio, o Margarida retardava a narrativa, mettendo-se em digressões, pigarreando. A lua approximava-se de um grupo de nuvens escuras, que se formara ao poente, prenuncio seguro de chuvas pela manhã. Nos brejos, á beira da córrego, os sapos ferreiros começavam uma martelada infernal.

— “Que succedeu afinal, a esse Felicissimo?” interpellou Chico Aureliano, cansado dos rodeios do Margarida.

— “Eu já conto... E conto porque vi com estes olhos que a terra ha de comer. Se não, se tivesse *visto contado* por outros, nem acreditava. Mas fui testemunha do facto, que eu tinha ido

a São Gonçalo levar quatro animaes de estimação do Major Chico de Lemos e na volta alcancei os carros do Capitão, carregadinhos de café. Era em fins de Março, mas ainda chovia muito por aquellas paragens. O Palmella estava cobrindo a ponte e os caminhos todos numa tejuqueira que nem mingão... Aquillo, umas duas leguas para cá de São Gonçalo pegou uma chuvarada de afogar cachorro na enxorrada. Os carreiros dobraram os toldos dos carros e soltaram os bois. Felizmente tinha um rancho perto e o povo pôde esconder da aguaceira que estava cada vez peor.

Alli estivemos tres dias, jogando o búzio a vintem e acabando a pinga dos garrafões. O Capitão não jogava nem bebia; ficava á beira do fogo, accendendo cigarros na brasa e praguejando contra a chuva.

— Porqueira de tempo!... Marcara o despacho do café para quarta-feira e eram tres ou quatro dias de atrazo...

E andava de lá para cá, no rancho, dando ponta-pés nos cachorros, arrastando as rosêtas das esporas, para vir outra vez sentar perto do fogo

Felizmente na quinta-feira o tempo estiou. A rapaziada, no entanto, não se dava por achada: firme no quentão e no búzio, quando o Capitão estrillou:

— “Eh! canalhada!... Não estão vendo o sol de fóra?... E’ juntar bois que amanhã de madrugada seguimos.”

Elles todos ergueram a cabeça, espantados:

— “Uai!... seu Capitão! Então vancê não sabe que estamos nas endoenças? Hoje é quinta-feira santa e amanhã é sexta...”

— “Qual endoenças, qual nada, seus vagabundos! Não chegam os dias perdidos com essa chuva maldicta? Amanhã cedo quero os bois cangados, e — ródá na estrada. E ha de dormir tudo fechado, esta noite.”

Os carreiros não tretaram, porque sabiam que com aquelle homem não era bom tretar. Foram sahindo para o pasto, uns para aqui, outros para alli, a campear as boiadas

De noite ainda alguns resmungaram, á beira do fogo, contra a idéa de pegar boi num dia santo tamanho. Mas o patrão esbravejou com elles, furioso:

— “O’ raça do demo, quem manda aqui sou eu! Os bois são meus, os carros são meus. Carreiro meu é para carrear á hora que eu quizer, no dia que eu mandar. Quem não quizer botar a mão na vara amanhã pôde ir embora. E já!... Dinheiro está

aqui para pagar. Estão com vontade de rezar, vão rezar na igreja!... Cambada do diabo!"

E andava de um lado para outro, de botas e esporas, as rosêtas riscando o chão do rancho.

No dia seguinte, cedo, as boiadas estavam cangadas, quatro boiadas de sete juntas cada uma. Os carreiros enguliram o café e falaram o gado. Saiu tudo bem. Só o que tinha é que os carros não queriam cantar. Aquillo a modos que deu um nervoso no capitão...

— "Vocês engraxaram os eixos dos carros?"

— "Não engraxámos, Capitão."

— "Então ainda deve ser da humidade."

Mas o sol nasceu, esquentou, e os quatro carros na mesma, caladinhos, que nem os bois puxavam direito. O Capitão galopava o cavallo para a frente, escutava o primeiro carro, olhava os cocões, mandava parar, apalpava o eixo. As cantadeiras estavam quentes, apertadas, e nada! Chegava para outro carro, e outro, até o ultimo... Tudo na mesma.

— "Vocês fizeram alguma mandinga, seus canalhas..." dizia elle.

— "Nós, não, patrão! Ninguém poz a mão nesses eixos, palavra de Deus!"

Mas aquillo não era nada. Era de certo um aviso para o Capitão, mas o homem teimou em seguir, e seguia. Aquelles carros até parecia que carregavam defunto. Até o meio-dia ficou nisso a coisa. Mas o meio-dia é a hora de morrer Nosso Senhor, como vancês sabem. Os carros nessa hora atravessavam uma chapada que vae dar no Palmella e o caminho alli estava enxuto de uma vez. De repente o carro de deante empacou. O carreiro e o candieiro gritaram os bois de todo o geito. Ferrão daqui, ferrão dalli, nada! A comitiva inteira parou, o Capitão foi vêr o que era.

— "Que diabo é isso, Romualdo?"

— "Não sei, patrão. A modos que a boiada afrouxou..."

— "Qual afrouxou o quê... Boi está vadio, apanhou agua tres dias, isso amollece o casco. Aperta esses diabos."

— "Vamos, eia!..."

— "Eia! Rochedo, Castello, Lavrado!..."

E a voz esgançada do candieirinho cortava o vozeirão do Romualdo, como guinchos de seriema

Outros carreiros se approximaram e berravam tambem. Mas qual! O carro parecia grudado no chão. A boiada arcava nos canzís, punha a lingua de fóra, enterrava os cascos no chão... Alguns bois, com o lombo picado de ferrão, escorriam sangue, mas nenhum tinha largado um urro

O Capitão examinou o terreno, examinou o carro. Não tinha um barranco, não tinha um atoleiro, as rodas estavam com a chapa mesmo por cima da terra.

— “Emendem mais seis juntas”, gritou elle, com as mãos tremendo nas rédeas, revirando o cavallo p’r’a direita e p’r’a esquerda, como se campeasse alguma coisa.

Tiraram do carro de traz mais seis juntas de bois, só ficando a do cabeçalho, e emendaram no da frente.

— “Vamos, toquem agora.”

As duas boiadas esticaram as tiradeiras, mas foi a mesma historia: o carro não alluiu. O Capitão desapeiou do cavallo, tomou a vara de um carreiro e cahiu elle mesmo nos bois de couce, de ferroadas.

— “Cambraia, Arvaristo!... Eia, vamos!...”

— “Eia! Castello, Moreno, Sargento!...”

E era uma gritaria, a carreirada toda chugando os bois, as varas de ferrão com as argolinhas tinindo, alumando no ar...

O Capitão olhava para aquillo esgazeado, com os bigodes num eriçamento de onça, que até dava medo. O Lucas Tapéra, que era o carreiro mais velho, chegou para elle e falou:

— “Olhe, seu Capitão, o melhor é soltar os bois. Isso aqui, anda tentação do maligno...”

— “Qual tentação, seu besta! Atréle mais bois. Tire seis juntas do outro carro, tirem logo dos dois carros, ponham mais doze juntas. Quero vêr cincoenta bois estirados nessa estrada. Ou elles arrastam o carro ou eu os mato, mato-os, ainda que seja a tiro!...”

Os homens já o olhavam com terror. Parecia com o demo no corpo, os olhos vermelhos reluziam. As botas pretas pareciam mais compridas, as pernas finas, esticadas nos lóros, quasi tocavam o chão...

Uniram-se as boiadas todas. Aquillo ficou um rosario de bois que até se perdia de vista. O Capitão marcou os logares para todos os carreiros e candieiros. Até eu tive de ficar de vara na mão, bem perto delle.

— “Quando eu avisar, todos falem ao mesmo tempo. Olhem : um, dois e tres!”

— “Eia! eia! vamos! Lavrado!...”

— “Rochedo! Cambraia! Sargento!”

— “Brinquinho! Marquez!... Estrello!...”

Era um alarido que até parecia um bando de maitacas, passando no ar...

De repente eu reparei que a junta do pé do couce se tinha descangado. Avisei ao Capitão.

— “O...ô...a! ooô...a! Pára tudo! Descangou uma junta aqui.”

Os dois bois se tinham mettido entre os da junta seguinte e a canga oscillava, suspensa ao meio, pelo tamoeiro. O Capitão e eu fomos arranjar os bois e então vimos uma coisa incrível: os canzis estavam abrochados, direitinho! Como é que teriam sahido os bois?

O Capitão olhou, pasmo! Ficou pensando um pouco, depois ergueu a cabeça e gritou para os carreiros.

— “Está bom, rapaziada!... Vamos largar disso hoje. Soltem essas boiadas e vão todos p'r'os quintos dos infernos!...”

E desabotoou depressa as bróchas para os outros não perceberem nada.”

Todos haviam escutado, contrictos, a prodigiosa historia. A noite escurecera, occulta momentaneamente a lua pelas nuvens negras que se estendiam do poente. Da porta da casa projectava-se uma fraca réstea de luz e lá de dentro só chegavam os rangidos da rêde, rythmicos, guinchados, como pios estridulos de grillos. O rosto do narrador, na sombra, parecia uma mascara negra, immovel, e o sentido das phrases perdia com a falta da sua collaboração physionomica, sempre vivaz, expressiva e exuberante.

— “E depois?... Você disse que o Capitão se tinha desgraçado...”

— “E se desgraçou mesmo. No outro dia, só depois da alleluia romper é que 'garraram a campear os bois. Era um pasto pequeno, só com uma moitinha de matto na gróta. Pois não houve

meio de juntar a boiada inteira. Nem no sabbado, nem no domingo, nem na segunda... Quando achavam oito, dez bois, sumiam seis ou oito dos que já tinham achado. O Capitão não parava, sem comer nem dormir, ora a pé, ora a cavallo.

Alli havia artes do capêta ou então castigo de Deus. Eu, de mim, penso que era castigo de Deus...

Na manhã de terça-feira, o Capitão sahiu do pouso a pé, para bater a invernada. Alguns carreiros já tinham ido embora, dizendo que não trabalhavam mais com aquelle homem, que elle estava amaldiçoado.

O Capitão andou, andou, e até a hora do almoço não estava de volta. Ninguém se importou, porque elle, desde o encravo do carro, não tinha hora de comer nem beber. Por perto das duas da tarde, eu e o Romualdo descemos até o córrego para tocar dois bois que tínhamos avistado, e démos com um vulto cahido á beira da corrente, com os pés nua. Era o Capitão. As botas e o chapéo estavam de uma banda, as calças meio arregaçadas. De certo elle chegara alli e resolvera banhar os pés. Tirou as botas, entrou nua e deu-lhe qualquer coisa. Estava morto.

Gritámos para os companheiros, carregámos o corpo até o carro da frente, deitando-o por baixo da tolda, entre duas pilhas de saccos de café. Seis bois foi o sufficiente para puxar o carro até a Campanha e no dia seguinte o homem era enterrado..."

— "Você não esteve queimando campo, não, Margarida?" perguntou Chico Aureliano, após um longo silencio, com uma voz grossa e intimidativa.

— "Juro que é a pura verdade, seu Aureliano", protestou o narrador. "Vancê não acredita?"

— "Póde ser... Commigo nunca succedeu nada assim, nem nunca soube de boi sahir da canga com os canzis abrochados."

— "Foi castigo..." obtemperou Ignacio Felix, patriarcha dos carreiros "Foi castigo... Com as leis de Deus não se brinca."

— "Por isso é que eu digo", insistiu o Margarida na sua voz flexuosa e branda, "em qualquer outro dia santo do anno não ponho duvida de andar com o carro por esses socavões do mundo. Mas na sexta-feira da Paixão... capaz! Nem que me tórrem de rêlho. Quem viu o que eu vi, não se mette em temeridades dessas, nunca mais!..."

III

A noite avançava e, como a historia do Margarida tinha lançado uma impressão de mysterio ás almas daquelles homens, recolhiam-se todos a uma pensativa mudez. Veiu o café, trazido pela mucama de Don'Anna, uma pretinha baixa, coxeando de um quadril, cuja dentuça forte alvejava, batida pela réstea de luz.

O signal de retirada foi dado em seguida, apparecendo á porta o rancho de mulheres, distribuidas alli mesmo cada qual a seu dono, e partindo com elle, cabisbaixas. Don'Anna ficou algum tempo de pé, á porta, destacando-se a sua silhueta appetitosa contra a frouxa claridade. O Margarida se demorara, empregado que era do Chico Aureliano, a receber as determinações para o serviço do dia seguinte, declarando, porém, terminantemente, que — só trabalharia do meio-dia em diante, após a passagem da Paixão.

— “Não, que com essa experiencia que já contei não facilito...”

— “Não ha duvida, rapaz”, acquiesceu o Aureliano. “Mais meio-dia, menos meio-dia... Eu tambem não quero serviço antes da Alleluia. Até o melhor é nem se trabalhar amanhã. E'... Você avise os outros. Só péguem os bois na segunda-feira. Até o melhor era irmos amanhã, no trem, para Barretos, ouvir missa, não acha, Don'Anna?”

Don'Anna respondeu que sim, que desde que alli estava nunca fôra á missa.

— “Pois vamos embarcar na Collina. Você, seu Zéca, me toque os cavallos cedo, o meu alazão e o baio da Don'Anna.

E o Margarida, sobre essas determinações, despediu-se, emquanto o casal se recolhia á habitação.

Chico Aureliano, contra o costume, sentia insomnia nessa noite. Estirado ao lado d'elle, todo em contornos delicados, o corpo adormecido da esposa se desenhava vagamente, erguendo e baixando a colcha de rendas como num vae-vem de oceano. E, contemplando-o, esteve o pardo a scismar longo tempo nas penas da sua vida de trabalhos, tão arduos e constantes que se atirava cada noite para o leito moido de cansaço, mal tendo forças de benzer-se e virar para o outro lado, com um somno de pedra.

A mulhr, coitada, se demorava sempre recostada aos pés de cama, rezando, e era aquella a primeira noite em que elle a

via adormecer primeiro, sentindo-lhe o corpo a arfar ao seu lado, num rythmo suave.

Pensamentos subversivos assaltavam-lhe o espirito entre imagens insolitas, mas occorria-lhe a lembrança do dia que era, e elle recapitulava a historia do Margarida, generalizando para si prescripções de abstinencias, por analogias, num intimo terror de peccados e de castigos.

Esforçava-se por dormir e, como meio de conseguil-o, poz-se a resomnar alto, de olhos fechados. Ouvira aconselhar isso como um estratagema infallivel e já o applicara certa vez, em viagem, com pleno successo. Desta vez, porém, quando talvez, estivesse para adormecer, sentiu que a esposa se erguia, olhava-o e escorregava do leito, timida, a passos commedidos, como uma criminosa. A immobibilidade do carreiro foi então forçada, galvanizados todos os membros pela infinita surpresa; e, como parasse de resomnar, a mulher se deteve á porta, hesitante, apprehensiva.

Permaneceu alli, alguns momentos, estatica, mas o marido pôz-se a resomnar de novo, observando-a. Pela porta, agora entreaberta, entrou um jacto de claridade e elle viu-a então, em camisa, descalça, só com um chale ás costas, esgueirando-se cauta, felina, sem rumor algum.

Chico Aureliano deixou passar algum tempo e ergueu-se tambem; ouvira o pequeno ruido da "porta da rua", aberta e fechada logo, e então sahiu do quarto, passou á sala, olhando para fóra por uma fresta da janella. A noite clareara de novo, desembaraçada a lua das nuvens que a encobriam. No campo, em frente, pastavam os grandes bois de carro, taciturnos alongando-se na relva as enormes sombras negras... Outros, deitados, aos pares, flanco a flanco como no trabalho, ruminavam soltando suspiros fartos.

Custou-lhe a distinguir o vulto da mulher que se dirigia ligeira, quasi occulta entre o jaraguá, para uma moita de tabocas, mesmo defronte á casa. Firmando o olhar, pareceu a Aureliano que um homem estava parado junto á entrada da moita e tanto estava que veio descendo de vagar ao encontro da mulher e subiram ambos, confundidos num abraço, elle curvado para ella, naturalmente beijando-a.

Gelado, tremulo, receiando cahir morto com tamanhos arrancos do coração, o mulato apanhou a um canto da casa uma

vara de carreiro, grossa e ferrada nas pontas, abriu com violência a porta, e sahiu.

Os dois vultos já se haviam embrenhado nas tabocas. Elle conhecia bem a moita, um ponto de "batida" do gado, com uma clareira ao meio, toda forrada de folhas seccas. — "Estariam muito bem alli, sim senhor!..." E, num ápice, em pleno delirio, uma visão torturante o desvairou, num transbordamento de odio, no despeito do seu amor illudido, na decepção do seu desejo sopitado havia pouco, pelo escrupulo da noite religiosa...

E elle correu para a moita, enredando-se nos ramos, ferindo-se aos espinhos dos arranha-gatos, sem saber o que iria fazer. A orla do bosque deteve-se, offegante, com o coração ás marradas, a fronte em suores frios. Pensou que iria morrer alli, deixando-os lá dentro, felizes, nos braços um do outro. Chegavam-lhe rumores de vozes abafadas, chuchurrear de beijos, risos... Foi-se arrastando como um tigre, lentamente, sem o estalido de um galho. Olhava em torno, rilhando os dentes, mas nada via. Entretanto ouvia sempre os mesmos rumores terriveis, os mesmos risos, os mesmo beijos...

Foi-se approximando mais, ergueu-se atraz de um tufo espesso... E reconheceu o Margarida!

Então um rancor surpremo affluii ao coração do carreiro e, erguendo a manguera ferrada, elle a edseu uma vez e duas vezes e vinte vezes sobre a cabeça do Margarida, gritando:

— "Então, seu diabo, é assim que ocê respeita a sexta-feira santa! E' assim, hein?... E' assim que ocê respeita a sexta-feira santa!..."

E só acabou de malhar, cessando o tripudio phantastico, quando viu que uma bordoadá tinha apanhado tambem a cabeça de Don'Anna, que ficou para alli estatelada, com os olhos fóra das órbitas, horrivel.

VEIGA MIRANDA

FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN

Commemorou-se no dia 17 de Fevereiro o centenario do nascimento de Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, que viu a luz na então Provincia de São Paulo, no Municipio de Sorocaba, em São João do Ipanema.

Era elle filho de Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, Coronel de Engenheiros e natural da Allemanha. Tinha este homem vinte annos de idade e achava-se em Portugal, interinamente empregado na fabrica de Foz d'Alge, quando occorreu a invasão do reino pelas cohortes de Napoleão I.

O joven Frederico Luiz, com as divisas de primeiro tenente de artilharia, envolveu-se com muita distincção na terrivel batalha do Vimeiro, em 21 de Agosto de 1808.

No Brasil, por esse tempo, cogitava-se de restaurar a exploração do ferro no morro de Araçoiaba. O Conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho, escreveu para Portugal, recomendando viessem de lá tres officiaes que, entre os mais distinctos discipulos das escolas theoricas e praticas de Freiberg, haviam sido engajados por dez annos afim de se empregarem em trabalhos montanisticos no Brasil. Desses officiaes o primeiro que partiu foi Frederico Varnhagen, a quem a Carta Regia de 27 de Setembro de 1814 confiou a direcção do estabelecimento metallurgico já então denominado — Real Fabrica de São João do Ipanema.

Estas circumstancias deram ao Brasil a gloria de ser a patria de Francisco Adolpho de Varnhagen.

O futuro historiador patricio correu suas primeiras letras no Rio de Janeiro. Passou depois a estudar em Portugal.

O velho reino, exgottado pelas barbaras e incriveis depredações dos francezes e pela succção brutal e insaciavel do inglez libertador, sahia da revolução liberal de 1820 e da contra-revolução absolutista. Morto D. João VI, o infante D. Miguel voltava ao reino e, quebrando os juramentos feitos, dissolvia as Côrtes, apoderava-se do throno, rejeitava a Constituição de 1826. Rebentou a tempestade com o seu sequito de vinganças, de perseguições, de exilios, á sombra das forcas, em meio de uma anarchia sangrenta. A reacção liberal delineou-se e acabou enfrentando o absolutismo numa guerra de quatro annos, cujos fastos, diz Oliveira Martins (1), presentes a todos, ainda não foram historiados condignamente.

Esses successos, accrescentando-se aos que se passavam no Brasil, levaram D. Pedro I á Abdicação de 7 de Abril de 31 e o atiraram no caminho de Portugal, onde ia defender a corôa que renunciára em favor de sua filha. Abriu-se então a campanha que começou com a Expedição da Ilha Terceira e terminou em 1834, na Convenção de Evora Monte, que coagiu D. Miguel a sahir do reino.

Francisco Adolpho era ainda menor. Não obstante isso, alistou-se como voluntario nas fileiras do exercito constitucio-nal, recebendo de D. Pedro IV, com galardão, quando a luta terminou, o posto de 2.º Tenente de Artilharia.

Si seu pae combatera pela libertação de Portugal do jugo estrangeiro, elle batalhara contra a tyrannia desordenada, fanatica e criminosa.

Os destinos dos dois Varnhagen approximavam-se assim, bellamente.

Serenados os animos, poudo Francisco Adolpho proseguir em seus estudos, vindo a concluil-os na Real Academia de Fortificação, em 1839. Já então era notavel o seu pendor para os estudos historicos.

Nesse mesmo anno de 1839 publicou em Lisboa seus dois primeiros ensaios, a saber: *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo 16.º, impresso com o titulo de Noticias do Brasil de Gabriel Soares de Souza* e, em primeira edição, *Diario da Navegação da Armada, que foi á terra do Brasil em 1530 sob a*

(1) Historia de Portugal, 1.ª ed. vol. 2.º, pag. 280.

capitania-mór de Martim Affonso de Souza, escripto por seu irmão Pero Lopes de Souza.

O primeiro destes trabalhos bastou a conquistar para o joven Varnhagen o titulo de membro da *Real Academia das Sciencias de Lisboa*; os dois abriram-lhe logar no *Instituto Historico e Geographico do Brasil*, fundado pouco tempo havia.

Operava-se agora em Portugal a reacção romantica.

O gesto rebellado contra o classicismo fôra erguido pela Allemanha. A Inglaterra, a Italia, a França imitaram-no. Almeida Garrett introduziu o novo credo em Portugal.

Entre as caracteristicas do novo programma literario estava o culto ás tradições patrias, o nacionalismo, o estudo e aproveitamento das inspirações populares, a feição historica, que Alexandre Herculano viria desenvolver.

Este egregio mestre da historiographia na peninsula iberica dirigiu *O Panorama*, fundado em 1837 e constituido orgam da propaganda romantica, porta-voz de uma geração de intelligencias sequiosas do passado nacional.

Criou-se Varnhagen nesse meio; sentiu que ahi despertava e se fortalecia a curiosidade historica que era nelle um instincto mysterioso a espera de uma oportunidade para definir-se e fructificar.

Em 1840 dava elle ao *Panorama* a *Chronica do descobrimento do Brasil*, de que fez depois segunda edição correcta e augmentada, com o seguinte titulo: *O Descobrimento do Brasil, chronica do fim do 15 seculo.*

Esta valiosa contribuição fôra vasada em forma de romance afim de, affirma o autor, melhor adaptar-se ao gosto do paiz. A *Chronica* vulgarizava a inestimavel carta de Pero Vaz Caminha, onde palpitam as innocentes commoções do primeiro artista que se deslumbrou diante da natureza brasileira.

Nesta altura da vida de Francisco Adolpho ha um ponto que merece ser destacado: é o que se refere ás duvidas levantadas sobre a sua nacionalidade. Filho de allemão, era ainda criança quando o levaram da terra de seu berço. Educou-se em ambiente extranho. Tudo contribuia para tornar-lhe indifferente o solo sobre o qual nascera. Seria elle, em taes condições, um brasileiro?

Ao saber dessas interrogações partiu para cá e o seu primeiro empenho foi derrubar as difficuldades que se oppunham á sua nacionalidade. Mas, no momento em que chegou, o espirito

publico andava commovido pelas luctas da Maioridade. O instante não era, pois opportuno para debater-se o assumpto que interessava a Varnhagen. Retirou-se elle para o interior e ahi se achava quando, em 1841, chegando-lhe noticias de que seu pae adoecera gravemente na Europa, embarcou para lá. Afinal de contas, a qualidade de cidadão brasileiro foi-lhe reconhecida por decreto datado de 24 de Setembro de 1841.

“Parecia, diz Oliveira Lima, (1) que a patria de nascimento lhe devera ser indifferente. Não assim — reivindicou-a pela intelligencia e pelo coração, offertou-lhe as primicias do seu talento, e a custo de muito esforço pessoal logrou, aos 25 annos, fazer-se reconhecer como brasileiro. O que para tantos outros fôra puro presente do acaso, para elle foi uma ardua conquista, que mais lhe fazia querer os despojos da victoria, a saber, a sua carta de naturalização e o lugar diplomatico que immediatamente deveu á generosa protecção do Imperador D. Pedro II, sempre prompto em animar o culto das letras.”

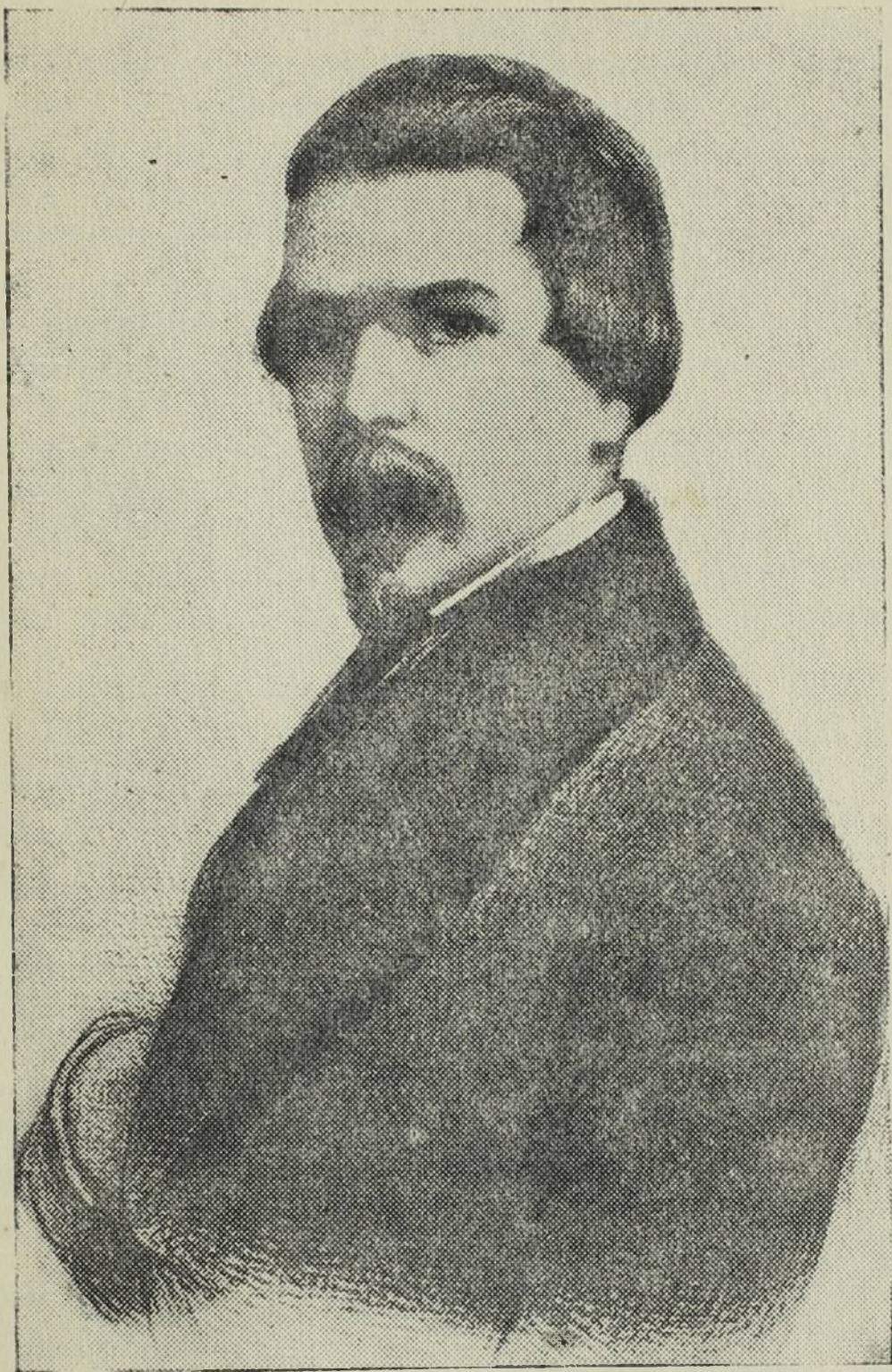
Por sem duvida que não foi a ambição do cargo que o levou a desejar ser brasileiro.

Estremecendo o torrão natal, Varnhagen via para além do cargo a gloria de ser o historiador de sua patria de nascimento e de opção. Ser brasileiro para alcançar a gloria... Mas então o ser brasileiro já serviu para alguma coisa digna e levantada!

Francisco Adolpho entrou na carreira diplomatica em 1842. Neste mesmo anno foi admittido como official regular do corpo de engenheiros, posto do qual se demittiu nove annos depois. Começou sendo Addido da Legação do Brasil em Lisboa, de onde e com o mesmo posto sahiu para Madrid, em 1847 sendo neste mesmo anno promovido a secretario.

Eil-o, portanto, no posto que lhe havia de offerecer estupendas ensanchas para a sua vocação literaria. Logo, logo se atirou á pesquisa de documento por livrarias e archivos, não só para satisfazer a incumbencia que o governo lhe dera de colher dados relativos aos limites do Brasil, mas tambem para augmentar o cabedal de conhecimentos que depois espalhou pelas obras que compoz.

(1) Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras. Rev. da Academia, vol. 2, pag. 459.



FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN

ESTE RETRATO DO HISTORIADOR BRASILEIRO É TRABALHO DO CELEBRE PINTOR HESPANHOL MADRAZO. OUTROS RETRATOS EXISTEM, FEITOS EM EPOCAS DIFFERENTES, MAS NENHUM DA UMA IDÉA TÃO EXACTA DO ILLUSTRE BRASILEIRO COMO ESTE. É UMA OBRA PRIMA DE PINTURA.

Da bibliotheca publica eborense sacou elle, corrigiu e publicou em 1847 a *Narrativa Epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Pernambuco, etc.*, escripta pelo P. Fernão Cardim. Ainda em 1847 expunha á publicidade um drama historico americano — *Amador Bueno*, em quatro actos e tres mutações, drama esse de que arranjou uma segunda edição em Madrid, em 1858.

Em Madrid, em 1849, publicou *Trovas e Cantares de um codice do 14.º seculo, ou antes mui provavelmente o "Livro das Cantigas" do Conde de Barcellos*. Mais tarde, em 1868, accrescentava elle ás *Trovas e Cantares* as *Novas Paginas de Notas*, nas quaes, em vista de estudos posteriores e da confrontação com o Codice do Vaticano, reformou o juizo que anteriormente fazia de ser o Cancioneiro do Collegio dos Nobres trabalho de uma só pena. Apesar disto, ainda ha escriptores, como Mendes dos Remedios (1) que alludem ao engano de Varnhagen attribuir todo o Cancioneiro ao Conde D. Pedro. Bem razão tinham Sylvio Romero e João Ribeiro (2) quando, alludindo ás *Trovas e Cantares*, escreveram que "de toda a obra de Varnhagen é esta parte relativa á velha poesia trovadoresca portugueza que tem sido mais levianamente maltratada da parte da critica portugueza ; mas sem a menor sombra de razão."

Esses venerandos cadernos de pergaminhos, vestigios da idade proto-historica do nosso idioma, cuja infancia rude deixou alli, em versos, o sentimento da gloria, da independencia, do amor e o culto da mulher, que os trovadores, os segreiros e os jograes andaram espalhando — arrancal-os do esquecimento, ordenar-lhes as canções, metter-lhes esclarecimentos sobre a linguagem archaica, dar-lhes interpretação intelligente, eis um trabalho que, realmente, merece o qualificativo de insigne.

Não parou aqui a pasmosa actividade de Varnhagen. Além dos *Epicos Brasileiros*, de que houve duas edições, (1843-1845), contendo a segunda os poemas — *O Uruguay*, por José Basilio da Gama, e *O Caramurú*, por Fr. José de S. Rita Durão, seguidos de notas biographicas e interpretativas do texto; além da disser-

(1) Historia da Literatura Portugueza — 3.ª edição — pag. 28.

(2) Compendio de Historia da Literatura Brasileira — 2.ª edição — pag. 372.

tação, o *Caramurú perante a Historia*, que é de 1846 e foi apresentada ao Instituto Historico, que premiou o autor com uma medalha de ouro; além da "*Réplica apologetica de um escriptor calumniado e juizo final de um plagiario diffamador que se intitula general*", publicada em Madrid em 1846, e relativa a José Ignacio de Abreu Lima — dava-nos Varnhagen, em 1850-1853, os tres volumes do *Florilegio da poesia brasileira* ou collecção das mais notaveis composições de poetas brasileiros fallecidos, contendo as biographias de muitos delles, tudo precedido de um ensaio historico sobre as letras no Brasil.

Este prefacio deu lugar a uma birra entre José Verissimo, Oliveira Lima e Sylvio Romero. O primeiro destes escriptores considerava a introduccão do *Florilegio* como "a fonte da nossa historia literaria á qual teria Varnhagen ahi assentado o criterio geral." Secundando esta opinião, Oliveira Lima ⁽¹⁾ exclamava: "E' verdade que sobre aquellas paginas reveladoras repousam os trabalhos criticos posteriores, mais avultados e mais acabados, que retomavam o fio abandonado pelo grande trabalhador no seu prurido de descobrir novas informações, nelle mais forte do que o deleite de enfeixal-os com garbo." Além do que acima vai dito, J. Verissimo descobrira em Martius noticia da opinião que attribue ao cruzamento das raças uma forte influencia no Brasil. Sylvio Romero, sentindo o sal na molleira, achou *mingado, insignificante* e destituído de idéas theoricas o *Ensaio sobre as lettras no Brasil*, cujo valor, escreve elle ⁽¹⁾ "tem sido sem o minimo criterio exaggerado, com o fim especial de ferir a determinado historiador da patria literatura. E', accrescentou Romero, uma pequena campanha do genero da que attribue irracionalmente a Martius a doutrina da influencia do mestiçamento das gentes brasileiras em nossa historia e vida social, ou da que a dá graciosamente de presente a Fernando Wolf..."

Varnhagen não se circumscrevia ás investigações historicas; interessava-se, como bom polygrapho que era, pelo governo, pela administração, pelo progresso de sua patria. Uma nova divisão das provincias, a mudança da capital do paiz para o interior, o trafico

(1) Discurso de Recepção — citado.

(1) Compendio de Hist. da Lit. Brasileira, já citado.

dos negros, o captiveiro, eis ahí problemas que elle estudou em dois folhetos sahidos a lume em Madrid, em 1849-1850 — *Memo-rial Organico* que á consideração das assembléa geral e provin-ciaes do imperio do Brasil apresenta um brasileiro; *O Trafico dos Africanos e a escravidão*.

Varnhagen entendia que a capital do Brasil devia localisar-se longe do litoral, para evitar vexames e humilhações e não se desnacionalisar ao contacto com os estrangeiros; entendia que a cada provincia devia outorgar-se não só extensão territorial proporcionada á das outras sinão tambem população e riqueza sufficientes afim de que todas gosassem de importancia o mais possivel igual; entendia que era urgente viesse uma lei dizer quando ficariam livres todos os filhos de escravos.

Em 1851, o nosso historiador veio visitar o Brasil. Aqui não se conservou inerte. Eleito primeiro secretario do *Instituto Historico e Geographico*, reorganisava-lhe a bibliotheca, o museu e o archivo quando foi despachado Encarregado de Negocios em Madrid. Nessa cidade publicou, em 1853, o terceiro volume do *Florilegio*. No anno seguinte, tirou dos prelos o primeiro tomo da *Historia geral do Brasil*, isto é, *do descobrimento, colonisação, legislação e desenvolvimento deste Estado, hoje imperio independente, escripta em presença de muitos documentos authenticos, recolhidos nos archivos do Brasil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda*.

O segundo tomo desta obra sahiu em 1857.

A *Historia Geral* fôra objecto incessante das vigílias de seu autor e consumira-lhe os melhores annos da vida.

Em compensação mereceu approvada pelo competentes e franqueou a Varnhagen o ficar pertencendo a varias corporações scientificas e literarias, como a Academia das Sciencias de Munich e a Sociedade Geographica de Pariz.

Alguns assertos da *Historia Geral* suscitaram criticas que encontraram resposta em dois opusculos, um estampado em Pariz em 1858, sob o titulo *Examen de quelques points de l'histoire geographique du Brésil, comprenant des éclaircissements nouveaux sur le second voyage de Vespucci, sur les explorations des cotes septentrionales du Brésil par Hojeda et par Pinzon, sur l'ouvrage de Navarrete, sur la véritable ligne de demarcation de Tordezillas, sur l'Oyapok de Vincent Pinzon, sur le véritable point de vue où doit se placer toute l'histoire du Brésil, ou Analy-*

se *Critique du Rapport de M. d'Avezac sur la recente Histoire générale du Brésil*, outro impresso em Madrid, em 1867, sob o titulo — *Os Indios bravios e o sr. Lisboa, Timon* 3.º, em resposta a umas observações de J. F. Lisboa.

Voltando á America em 1859, foi Varnhagen nomeado Ministro Residente na Republica do Paraguay. O despotismo de Lopes a tal ponto o revoltou que, em 1860, abandonou o posto sem licença do governo. Em Janeiro de 1861 era transferido para Venezuela, Nova Granada e Equador, com instrucções para visitar o norte brasileiro e as Antilhas.

Isto lhe deu margem para escrever para o Ministerio da Agricultura varias cartas em que se occupava de assumptos relativos ao café, ao tabaco e ao assucar.

Ainda no character de ministro, passou, em 1864, a servir no Equador, Perú e Chile. No Perú protestou contra a maneira pela qual o Presidente Prado, faltando com a cortezia devida ao Brasil, defendia o governo paraguayo.

No Chile manifestou-se contra a brutalidade hespanhola no conflicto hispano-chileno.

Foi nesta phase de sua existencia que Varnhagen começou a divulgar a respeito de Americo Vespucci, uma serie de trabalhos que só rematou em Vienna d'Austria. José Carlos Rodrigues (1) synthetisa pela maneira seguinte essas apaixonadas investigações:

“Em uma de suas cartas o navegante florentino falla de sua viagem á America em 1497 e 1498: ora esta viagem tem sido considerada com uma mera ficção, e Humboldt, que já tão favoravel foi a Vespucci, a crê muito problematica. O sr. Varnhagen fez uma analyse escrupulosa dessa carta, e está hoje convencido que Americo Vespucci com effeito esteve na America naquelles annos, nas costas de Honduras, Yucatão, do golfo do Mexico e da Florida; que a sua expedição demorou-se no cabo Cañaveral, aos 28 1/2 gr. de lat. n.; que pela circumnavegação da peninsula de Florida e pela rota que seguiu para continuar sua viagem para a Europa, aportou nas Bermudas, então habitadas por antropophagos, com quem teve de lutar; e finalmente que o acompanharam nesta expedição Vicente Yañez Pinzon e Juan Dias de Solis, que eram elles mesmos os chefes da expedição.

(1) Rev. do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, vol. XIII — 1908 — pag. 100 e *Jornal do Commercio*, edição do dia 6 de Janeiro de 1907.

Além disto, prova o sr. Varnhagen que Vespucci fez mais quatro viagens á America.

Na primeira destas, ou na sua segunda viagem em 1499-1500, elle teve por companheiro Alonzo de Hojeda; então tocaram no Brasil, no moderno Rio Grande do Norte, donde vieram até a foz do Maracaibo.

A sua terceira viagem occorreu em 1501-1502. Então visitou elle os cabos de S. Roque e Santo Agostinho, a Bahia, Rio de Janeiro e entrada do Prata. Nesta viagem, Vespucci ficou convencido que todas essas terras eram parte de um continente diverso dos da Europa, Asia e Africa. A sua quarta viagem foi em 1503, sob o commando de Gonçalo Coelho, que perdeu dois de seus seis navios na ilha de Fernando de Noronha e Vespucci então foi parar ao Cabo Frio e dahi passou-se a Lisboa, onde chegou em Maio de 1504.

Finalmente, a sua ultima viagem foi em 1505 quando explorou a costa americana desde o dito cabo Cañaveral até além do Dariano e do Atrato. Além destas, o sr. Varnhagen ainda admitte a hypothese de uma sexta viagem, acompanhado de um Cosa.

Quasi todos os criticos, como dissemos, não têm acreditado na primeira viagem, cuja historia por Vespucci o sabio Humboldt considerava como uma cópia pervertida da ulterior e verdadeira narrativa de 1499 com Hojeda. O sr. Varnhagen não só prova a veracidade intrinseca dessa narração da primeira viagem, como tambem prova que tres annos depois da sua publicação, appareceram traducções successivas em italiano, francez e latim; que, por perto de um seculo, não se duvidava de sua authenticidade, até que o historiador do Rei de Hespanha, Herrera, lembrou-se de acoimal-a de impostura. Além disto, o proprio Colombo julgára Americo como digno de toda a confiança; as honras que Portugal e a Hespanha lhe conferiram em vida eram demasiadas para um mero subordinado de expedições como se pretende que foi; e Pedro Martyr, escrevendo a Colombo sobre a bahia de Honduras, admitte que já havia sido visitada por outros, o que é tambem confirmado por Oviedo na sua "Historia das Indias".

Varnhagen era, pois, pela realidade da viagem de Vespucci, em 1497. O Florentino, quatorze mezes antes de Colombo, tocou a terra firme americana no cabo *Gracias a Dios*, em Honduras.

Não obstante o empenho que o nosso investigador fez na solução dessa these historica, o problema permanece obscuro.

Oliveira Lima (1) pensa que ahi existe uma dessas questões aventadas para nunca serem decididas, questão que, pela sua perplexidade, é uma das muitas que nos fazem duvidar da veracidade das primeiras de que a historia costuma tão solennemente tirar suas conclusões.

Seria por demais longo apontar as contribuições de Varnhagen para a historia das expedições de Vespucci e de Colombo. Preferimos remetter o leitor para o resumo que dellas ordenou Oliveira Lima e vem no volume 2 da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, pags. 474 e seguintes.

Em 1867 Varnhagen recebeu o titulo de Visconde de Porto Seguro. No anno seguinte foi transferido para Vienna d'Austria como Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario.

Foi fecunda a ultima phase de sua existencia. Elle continuou a trabalhar o problema de Vespucci; reeditou suas pesquisas sobre a verdadeira *Guanahani* de Colombo, que era a *Mayaguana* e não qualquer outra das Lucayas; deu a segunda edição melhorada da *Historia Geral* e a *Historia Completa das luctas hollandezas no Brasil*, que lhe valeu uma polemica com P. M. Netscher; divulgou contribuições elucidativas da cartographia da Edade-Media, da Renascença e concernente aos primeiros descobrimentos no Novo Mundo; analysou codices literarios e trouxe a lume, em primeira edição, o *Cancioneirinho de trovas antigas, colligidas de um grande cancionero da bibliotheca do Vaticano, precedido de uma noticia critica do mesmo grande cancionero com a lista de todos os trovadores que comprehende, pela maior parte, portuguezes e gallegos*; espalhou opusculos sobre a literatura dos livros de cavallaria, occupando-se das proezas da Segunda Tavola Redonda, do Triumpho de Sagramor, dos romances de Amadis de Gaula, Palmeirim de Inglaterra e outros; dirigiu a reproducção da preciosissima *Arte, Vocabulario y tesoro de la lengua guarani, ó mas bien, tupi*, do jesuita Antonio Ruiz de Montoya; lançou folhetos como *Os Dous Velloso*s, botanicos brasileiros; publicou outro trabalhos de ethnographia e linguistica americana, como sejam — *L'origine touranienne des Américains — Tupis-caribes et des*

(1) Discurso de Recepção — já citado.

anciens Egyptiens — indiquée principalement par la philologie comparée e Historia da Paixão de Christo e taboas dos parentes-cos, em lingua Tupi, por Nicolás Japuguay.

Além do que fica summariado, muita cousa existe que veiu a publico em varias épocas, porque Varnhagen, no empenho de divulgar logo tudo quanto entendia util, não era homem que ficasse de lima em punho, a polir a phrase. Assim é que produziu mais o seguinte: *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belém* seguida de um glosario de alguns termos relativos á architectura; *Chorographia cabo-verdiana ou descrição geographico-historica da provincia das Ilhas de Cabo-Verde e Guiné*, publicada em companhia de José Conrado Carlos de Chelmieki; *As Primeiras Negociações diplomaticas relativas ao Brasil; Qual o gráo de veracidade em que se deve ter o facto maravilhoso de Diogo Alvares Corrêa e da celebre Paraguassú, conforme refere Rocha Pitta na sua America portugueza; Memoria sobre os trabalhos que se podem consultar nas negociações de limites do imperio, com algumas lembranças para a demarcação destas; Succinta indicação de alguns manuscriptos importantes, relativos ao Brasil e a Portugal, existentes no museu britannico de Londres e não comprehendidos no Catalogo Figanieri, publicado em Lisboa em 1853; Aun las questiones de limites del Ecuador ó sea Pedro Moncayo y su nuevo folheto, sus absurdos y su mala fé, em que a penna de Varnhagen muito trabalhou sendo sua toda a parte relativa á diplomacia; A caça no Brasil ou manual do caçador em toda America tropical, acompanhada de um glossario dos termos usuaes da caça, por um brasileiro devoto de Santo Huberto; Carta ao sr. dr. L. F. da Veiga acerca do autor das Cartas Chilenas, que Varnhagen attribue a Claudio Manuel da Costa e não a Alvarenga Peixoto, como se suppunha; A questão da capital: maritima ou interior? — Projecto de uma lei addicional á das terras publicas, com a imposição do censo por maior, e favores aos que promovem a colonisação agricola no Brasil; Relatorio do Congresso Estatistico de S. Petersburgo em Agosto de 1862; Carta ao exmo. ministro da Agricultura a respeito principalmente de varios melhoramentos nos engenhos de assucar nas Antilhas, applicaveis ao Brasil; O tabaco na Bahia; O Café da Bahia; A cultura do trigo no Brasil; Memoria sobre a necessidade do ensino e estudo das quinze linguas indigenas no Brasil; Excerptos de varias listas de condemnados pela inquisição de Lisboa desde o*

anno de 1711 ao de 1767, comprehendendo só brasileiros e colonos estabelecidos no Brasil; *Ethnographia indigena. Linguas, emigrações e archeologia. Padrões de marmores dos primeiros descobridores; Gabriel Soares de Souza: memoria; Naturalidade de Felippe Antonio Camarão; Sumé: lenda mitho-religiosa americana, recolhida em outras éras por um indio Moranduçara; Relatorio e parecer apresentado ao Conservatorio Real da arte dramatica por uma commissão especial acerca das peças submettidas ás provas publicas em 1841*, trabalho assignado tambem por F. S. Margiochi; *Elogio historico* do vice-almirante Ignacio da Costa Quintella; biographias de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Salvador Corrêa de Sá e Benevides, João Fernandes Vieira, Martim Affonso de Souza, Pero Lopes de Souza, Euzebio de Mattos, Fr. José de Santa Rita Durão, Antonio José da Silva, Manuel Botelho de Oliveira, Vicente Coelho de Seabra, João de Brito Lima, Fr. Manuel de Santa Rita Itaparica, Thomaz Antonio Gonzaga, Domingos Caldas Barbosa, Antonio de Moraes e Silva, Jorge de Albuquerque Maranhão, Francisco José de Lacerda e Almeida, Antonio Pires da Silva Pontes Leme, todas publicadas pela Revista do Instituto Historico e, ainda inédita, uma *Relação em 25 classes de documentos existentes no archivo real de Simancas, relativos aos limites meridionaes do Brasil para delles se tirar copia*, acompanhada de observações feitas pelo Barão de Ponte Ribeiro.

Não contente com esta formidavel producção, delineou a *Historia da Independencia*, que ainda se conserva inedita e da qual o Barão do Rio Branco publicou em Pariz alguns trechos. (1)

Varnhagen falleceu em Vienna d'Austria, no dia 29 de Junho de 1878.

* * *

Actualmente, ninguém mais discute o valor de Varnhagen. A personalidade do historiador, considerada sobretudo pelo lado intellectual fixou-se graças ao tempo e á acção dos criticos.

Para Oliveira Lima, Varnhagen é o mais notavel dos nossos historiadores. Elle foi o criador da historia patria, sob o aspecto

(1) Para melhor conhecimento da bibliographia de Varnhagen — V. Sacramento Blake — *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, vol. 2.

da comprovação dos factos, da rectificação de erros teimosos, da separação entre a lenda e a verdade, da analyse dos documentos, da investigação cuidadosa e paciente dos archivos, operando-se tudo isso longe da preocupação das perspectivas de conjuncto, sem concepções estheticas e sem fórmula artistica, numa visivel incapacidade para retratar uma personalidade, traçar um character, descrever os scenarios dos grandes successos historicos, dramatizar as lutas das multidões e o formidavel combate do homem contra a natureza.

E' certo que Varnhagen não podia emprestar aos seus trabalhos uma feição philosophica: faltava-lhe para tanto preparação scientifica e, mais do que isso, faltava-lhe obra critica anteriormente feita por outros, sobre a qual elle pudesse assentar as generalisações a que fosse chegando no estudo e descoberta das causas mais remotas e dos effeitos mais distantes dos phenomenos historicos.

Sem documentos não ha historia. Ora bem, si no Brazil ao tempo de Varnhagen ainda não se conheciam documentos sinão em numero diminuto, como pretender sahir dos dominios da simples narrativa parcellada e lacunosa de um ou outro capitulo dos nossos fastos para a analyse das causas, para o encadeamento dos successos e para o estabelecimento das leis que presidiram ao evoluer da nossa civilisação?

Apesar dos esforços de investigadores de livrarias e archivos, dos quaes Varnhagen foi certamente o mais destemido, qual é hoje, em materia de documentos, o nosso material historico em condições de ser aproveitado? E' escasso; não obedece a uma catalogação segura; anda espalhado por jornaes, revistas e folhetos; é de accesso difficil; apodrece nos archivos; o caruncho devora-o tranquillamente, impunemente, ao abrigo não só da nossa falta de recursos para a publicação desses papeis preciosos e ameaçados de completa ruina mas tambem da criminosa indiferença que mostramos pelas nossas tradições, pelo nosso passado, pelas nossas glorias, trabalhos e misérias de outr'óra, em cuja contemplação poderíamos achar o pensamento commum, a aspiração collectiva, capaz de dar-nos a feição de um verdadeiro povo dentro de uma verdadeira patria.

Em todo historiador, para ser completo, temos que achar um critico, um erudito e um artista; isto é, uma natureza impressio-

navel, maliciosa e sagaz; um talento versado no apurar factos e delles deduzir idéas, imagens e emoções.

Varnhagen não é um artista. O seu geito de narrar é perfeitamente banal. Os typos, de que se occupou; as paisagens, que teve que descrever; os dramas, cujo enredo traçou não tem relevo e não commovem. O estylo de Varnhagen não conhece elegancia; é uma coisa desgraciosa e opaca. Na obra do historiador ha trechos de uma trivialidade lamentavel.

Estudando a Capitania de Itamaracá e mostrando o destino do seu donatario, morto quando voltava da Asia, escreve elle:

“Faltou pois Pero Lopes do mundo no momento em que a sua perda era a todos mais sensivel. Depois de haver elle lobrigado a trilha que o devia conduzir ao templo da gloria, depois que a esposa cedendo o seu carinho, havia nelle, e, só nelle, posto toda a esperança de gosa felicidade, e o de um bello renome para seus filhos, depois que as esperanças da patria começavam a desabrochar em favor deste joven pundonoroso... tudo perdido! Em verdade nada póde haver de mais triste, de mais cruel do que uma prematura morte!”

E’ um final pathetico, polvilhado de frases feitas, levando na cauda uma consideração positivamente *accaciana*.

Vejamos outro exemplo:

“Parece que a penna se nos resiste a tratar do donatario da Bahia, nem que movida pela dôr que nos punge o coração, ao considerar seu triste fim. Não ha duvida que é assumpto de que não nos podemos occupar, sem que se nos repasse a alma de magoa, que desejariamos poupar de repetir, se, pela importancia do assumpto, não fomos a isso obrigados pela severa tarefa que nos impuzemos, desde que ousamos levantar o pensamento a ser fiel, bem que humilde, historiador da patria.”

Depois de referir o desastre em que Francisco Pereira Coutinho, foi devorado pelos antropophagos de Itaparica, Varnhagen exclama:

“Primeiros martyres da civilisação da terra bahiana! A grande obra que emprehendestes, e por que vos sacrificastes, veio a realisar-se! O solo que regastes de vosso sangue é um dos mais populosos e mais productivos do Imperio de Santa Cruz; e os seus habitantes mais piedosos ainda se lembram de vós em suas orações ao Senhor dos justos, que distribue a quem os mereceu galardões sempiternos!”

E' assim a arte de narrar em Varnhagen!

Em materia de descripção, sahiam-lhe especimens como o seguinte, em que elle exalta o clima de S. Paulo de Piratininga:

“Ahi nunca são excessivos nem o frio nem o calor; e o ananaz sazona á sombra da pereira, e os sarmentos dos vidonhos se entresacham nos carramancheis com as hastes trepadoras dos maracujazeiros — de modo que ao lado do cacho d'uvas recende muitas vezes dependurado o aromatico maracujá.” (1)

Surgiram a Varnhagen algumas polemicas. Pois bem, ainda aqui, apesar de esporeado pela discussão, elle manifesta a sua inaptidão artistica. Oliveira Lima compara essas polemicas a monotonos arrazoados de praxistas, insipidos, desenxabidos.

Portanto, Varnhagen, não será pelo cunho artistico de suas obras que merecerá a nossa veneração. Elle foi simplesmente um erudito historiographo, bem fornido de probidade literaria, dotado de um excellente faro, cheio de uma paciencia germanica na investigação e de um cuidado minucioso no aproveitamento dos resultados de suas pesquisas. Escrevia em mau estylo, mas catava nos outros defeitos de linguagem e odiava os francezismos. Aqui vai, para prova, um trecho de carta que escreveu, em 9 de Abril de 1874, ao dr. J. C. Rodrigues: “Tenho continuado a lêr com interesse o *Novo Mundo*, em prova de interesse, vou expor-me ao desagrado dando-lhe um conselho amigavel. Evite v. s. no seu aliás claro e bello estylo, tanto quanto puder, o demasiado emprego dos pronomes pessoaes e possessivos, riscando na minuta todos os que se poderem dispensar; e ainda mais a repetição frequentissima (á franceza) do pronome *um*, p. ex.: Fulano de tal, *um* homem de raro talento, etc. Porque não simplesmente — homem de raro, etc.? (2)

Si a Varnhagen escasseava a tendencia philosophica, sobrava o dom de duvidar, não em materia religiosa, mas em assumptos de historiographia. Foi elle quem poz na categoria das lendas os episodios do Caramurú e da aclamação de Amador Bueno.

A ausencia de estylo artistico e commovedor nas obras de Varnhagen não quer dizer que ellas sejam monotonas, porque o polygrapho era rico de idéas, já não digo originaes, mas interessan-

(1) *Historia Geral* — 2.^a ed., pags. 171, 196, 201, 263 do 1.^o volume.

(2) Rev. do Instituto Historico de S. Paulo, vol. 13, pag. 104.

tes. E as idéas são o principal. Porque teve idéas, Varnhagen deve ser considerado mais do que um mero chronista, mais do que um singelo expositor de factos.

Diz Oliveira Lima que elle entra de direito na categoria dos escriptores da variedade a que os allemães dão o nome de historia pragmatica, a saber a historia que não é propriamente a philosophica, ou que dos acontecimentos deduz as leis que governam na sua marcha as sociedades humanas, mas que vai além da simples exposição dos factos, acompanhando-os de reflexões e considerações sociologicas.

Varnhagen foi muito do seu seculo, cujos inicios assistiram a uma estupenda resurreição da curiosidade historica. Tratava-se sériamente da reabilitação do passado e a tarefa operava-se dentro de um programma novo e reaccionario. O romantismo invadiu a historiographia, infundindo-lhe uma tendencia anteriormente desprezada — a tendencia nacionalista. Varnhagen foi sempre um nacionalista ferrenho. A Revolução Franceza, destruindo montanhas de privilegios seculares, tirou aos documentos dos archivos o seu valor juridico e politico, libertou collosaes acervos de papeis pertencentes ao Estado, tirou os fechos ás portas dos archivos e os tornou accessiveis a todos. O exemplo da França, seguiram-n'o as demais nações, até mesmo a Inglaterra, si bem que mais demoradamente. Desde então, o documento historico absorveu todas as actividades, empolgou todas as atenções, constituiu-se em idéa fixa, transformou-se numa terrivel obcessão. Achar documentos, restaural-os, esclarecel-os, copial-os, fornecel-os á voracidade do publico, eis o ideal da historiographia romantica.

Tão largo e profundo movimento era uma reacção frenetica, vibrante, vertiginosa contra a idade passada, que abusara da literatura e da philosophia.

O nacionalismo, caracteristico da revolução romantica nos estudos historicos, levou muito naturalmente os governos a proteger enthusasticamente e por interesse proprio as investigações historiographicas. Pois não se tratava de levantar e robustecer o sentimento nacional?

Em França, Guizot, quando occupava o ministerio da Instrucção Publica, mandou um relatorio ao rei e nelle se liam as seguintes palavras: "Só ao Governo pertence poder realisar a grande tarefa de uma publicação geral de todos os materiaes im-

portantes e ainda ineditos sobre a historia de nossa patria. Só o Governo possui recursos na medida das exigencias de tamanha empresa. Não falo dos meios de occorrer ás despesas que tal empresa importará; mas, como guarda e depositario desse legado precioso dos seculos passados, póde o Governo enriquecer a referida publicação com uma porção de esclarecimentos que os simples particulares tentariam em vão obter." (1)

A orientação de Guizot transmittiu-se a um exercito de curiosos. Dentro em breve partiram de todos os cantos do paiz projectos, questionarios, relatorios, memorias, cartas, communicações, circulares, instrucções sobre documentos historicos, pontos onde se achavam colleccionados, modo de catalogal-os, de entendel-os e processos para restaural-os. Solicitava-se devéras a collaboração de todos junto das muitas commissões reunidas em Pariz e por todo o territorio francez. A poeira dos archivos revolvidos enchia os ares.

De todos os lados partiam as respostas dos pesquisadores. Estes rectificavam uma data, aquelles conseguiam dar a um acontecimento remoto a sua real physionomia, até então deturpada pela ignorancia. Centenas e centenas de volumes ponderosos, atochados de copias de documentos, de inventarios de documentos, de interpretação de documentos abarrotavam as bibliothecas e o mercado de livros. A mania chegou a tal furor que produziu um typo extranho e imperterrito — o abbade Migne. Este homem concebeu o temeroso plano de compor uma patrologia em que se encontrassem todos os elementos relativos á historia da egreja. Para ordenar mais rapidamente a gigantesca obra, montou uma typographia onde, durante mais de vinte annos (1844-1866) imprimiu perto de quatrocentos volumes respeitaveis pelo corpo, contendo textos latinos e gregos. Este allucinado já se preparava para metter nos prelos mais algumas centenas de volumes analogos quando veio um incendio e lhe destruiu a fabrica. Esta paixão do documento teve-a Varnhagen e, ainda por este lado, elle é um bom producto da primeira metade do seculo 19.

Para Varnhagen, a historia devia ser um ensinamento. Ajusta-se-lhe o conceito de Oliveira Martins: — A historia é sobre-

(1) *Louis Halphen—L'Histoire en France depuis cent ans*, pag. 58.

tudo uma lição moral. (1) "Formar e melhorar o espirito publico nacional", eis como Varnhagen definia os fins da historia.

Quando escreveu a *Historia completa das lutas hollandezas no Brasil*, sua intenção foi varrer o acabrunhamento em que se achava o espirito da nação, assoberbado pela guerra do Paraguay. Esta intenção, accrescentando-se ao nacionalismo de Varnhagen, levou-o a preferir, entre as grandes figuras da guerra contra a invasão dos batavos, o brasileiro Vidal de Negreiros ao portuguez João Fernandes Vieira, ao contrario do que fizera Southey.

Mas, releiamos alguns periodos do prefacio posto á *Historia das lutas com os hollandezes*. São trechos onde Varnhagen revela sua probidade literaria em nada escrever sem antes documentar e visitar o theatro dos acontecimentos.

"Se algum dia a sorte nos guiar os passos ás provincias de Pernambuco e Alagoas, de modo que as possamos por algum tempo percorrer em todos os sentidos, e vêr por nossos proprios olhos o theatro desta prolongada guerra (dos hollandezes), e estudar os antigos campos de batalha e compulsar os archivos ou escriptorios publicos e particulares das duas provincias, talvez que emprehendamos tratar o assumpto com mais extensão em uma historia especial.

Se bem que haviamos curiosamente estudado os arredores do Recife até Itamaracá e Igarassú, de um lado, e até os Guararapes e o Monte das Tabocas, de outro, e que tenhamos visitado, com a devida curiosidade, as capitaes do Maranhão, do Ceará, do Rio Grande, da Parahyba, da Alagoas e da Bahia, e suas immedições, não pensavamos começar a redigir o livro projectado, sem examinar antes todos os postos e percorrer todos os caminhos, onde, por seus patrioticos feitos, se immortalisaram os quatro heróes brasileiros, anti-hollandezes, Vidal, Barbalho, Camarão e Dias.

Porém o homem põe e Deus dispõe. Achavamo-nos, por motivos do serviço publico, no Rio de Janeiro, e accidentalmente em Petropolis, e ainda estava por decidir a titanica luta que o Brazil susteve no Paraguay, e nem se quer as armas alliadas haviam vencido o Humaytá, e eramos testemunhas dos desfalle-

(1) Historia de Portugal — Advertencia, 7.^a edição.

cimentos de alguns, quando, com o assentimento de varios amigos, nos pareceu que não deixaria de concorrer a acoroçoar os que já se queixavam de uma guerra de mais de dois annos, o avivar-lhes a lembrança, apresentando-lhes, de uma fôrma conveniente, o exemplo de outra mais antiga, em que o proprio Brasil, ainda então insignificante colonia, havia lutado, durante vinte e quatro annos, sem descanso, e por fim vencido, contra uma das nações naquelle tempo mais guerreiras da Europa."

Comprehende-se que, ás voltas com a demonstração dessa these, Varnhagen entrasse a votar antipathia a João Fernandes Vieira, que era natural da ilha da Madeira. Erguer o animo brasileiro pondo-lhe deante um quadro em cujo primeiro plano avultava a figura de um portuguez seria demasiada falta de logica!

Varnhagen revelou constante interesse pelo estado das letras, da legislação, da situação economica do paiz. Era centralista. "Ao provincialismo affirmava elle (1) associam-se apenas idéas de *interesses* provinciaes, quando principalmente as de *gloria* andam annexas ao patriotismo, sentimento tão sublime que faz até desaparecer no homem o egoismo, levando-o a expor a propria vida pela patria, ou pelo soberano que personifica o seu lustre e a sua gloria."

Não ha nessas palavras uma profissão de fé politica?

Varnhagen era hostil aos indios; desprezava as raças inferiores. Na opinião d'elle, a politica dos jesuitas sustentada pelos reis e favoravel á catechese á sombra da liberdade era resultado de mal entendida philantropia. Que contradicção a de Las Casas, que elle qualifica de monomaniaco e pseudo-philantropico, em querer aos americanos no mesmo estado em que se achavam e em prégar a conveniencia da escravidão africana! O systema a adoptar-se devia ser o da força. Teria sido melhor que a cobiça dos colonos bem encaminhada arrebanhasse os selvagens, em vez de ir além dos mares encher porões de navios com infelizes negros, cuja presença, além de outros graves inconvenientes "estropeavam a lingua, em detrimento até da educação da mocidade, que, havendo começado por aprender com elles a falar erradamente, tinha depois mais trabalho para se desavezar de muitas locuções viciosas."

(1) Oliveira Lima — Discurso de Recepção.

Na defesa de suas opiniões, Varnhagen não recuava diante de nenhum argumento. A ogerisa ao indio não impediu que Varnhagen fosse um grande conhecedor dos idiomas brasilicos, cujo ensino aconselhava. Foi elle quem no *Instituto Historico* fundou a secção ethnographica. Além disso, fez edições criticas das obras de Montoya e compoz uma doutrina sobre a origem dos Tupis e Carahybas, muito erudita mas que, no entender dos competentes, não ficou provada.

Com relação aos negros, era francamente pela libertação do ventre escravo.

* * *

O visconde de Porto Seguro era um "gourmet". Um dos secretarios que com elle serviram na Legação de Vienna contou a Oliveira Lima que Varnhagen, quando cançado, recreava-se fazendo pastelões e batendo pudins. Era um cozinheiro de *primo cartello*. Mas entre as suas habilidades não estava apenas a de empunhar gravemente a penna de historiador e a de amarrar o avental de doceiro, sinão tambem a de ser um homem de salão completo, fino e capaz de, sob esse aspecto mundano, conquistar nomeada entre aristocracias exigentes como a madrilena.

Os que lhe estudaram o character descobriram-lhe uma indole combativa. Disseram que elle era um impulsivo e tinha rompantes colericos. Em materia de pundonor, escrupulisava. Não se envolveu em lutas politicas. A consciencia que tinha do proprio valor transformou-se-lhe, no fim da vida, num orgulho intolerante e irritavel que não admittia opposição, conforme attestou Joaquim Manuel de Macedo ao fazer-lhe o necrologio (1). Tinha o animo independente e aborrecia o despotismo. A tyrannia de Lopes levou-o a desertar Assumpção.

A morte de Almeida Garrett (1854) e a retirada de Alexandre Herculano para a Quinta de Valle de Lobos, em Santarem, deixaram Castilho á frente da legião romantica, de ferula em punho, distribuindo rações de gloria aos seus fiéis, apontando á aversão das padarias literarias os que de qualquer modo fugiam aos canones já gastos da famosa doutrina. Contra este absolutismo se levantaram ahi por 1865 os chamados Dissidentes de Coim-

(1) Oliveira Lima — Discurso de recepção.

bra, com Anthero do Quental á frente. A pendencia animou-se de tal maneira que deu de si um duello entre Anthero e Ramalho Ortigão. O nosso Varnhagen metteu-se na questão, jurando fidelidade a Castilho e prevenindo os amigos contra os juizos que do mestre andavam espalhando Adolpho Coelho e Theophilo Braga, "dois sujeitos" como escrevia elle, que "na litteratura portugueza quasi não têm por si mais que a si mesmos, elogiando o sr. Coelho as obras do sr. Braga e o sr. Braga as do sr. Coelho" (1)

Os extremos de amor filial fizeram que Varnhagen inserisse em sua *Historia Geral*, um capitulo relativo á historia dos grandes progressos da mineração de ferro no Brazil. Ahi se compraz em explicar as attitudes e os esforços de seu pae, que elle mostra á posteridade como tendo sido um homem pertinaz na luta e modesto no instante da victoria. Mas, Varnhagen logo se desculpa com estas linhas: "se nos alargámos demasiado; se a penna não poudes conter-se a seguir os impulsos do coração; se dissemos mais do Ipanema e do seu benemerito engenheiro do que desejavam saber os leitores, desculpa merece quem crê em consciencia que commetteria uma grande injustiça e quasi uma impiedade, se tivesse tratado de ser menos extenso neste assumpto, que diz respeito ao seu progenitor, e até ao logar do seu nascimento."

O que houve de mais pathetico na fecundissima existencia de Porto Seguro foi o amor que consagrou á patria. Não se limitou a nascer no Brazil; conquistou com ardor a qualidade de brasileiro. O seu esclarecido patriotismo alargava-se a toda a America, conforme bellamente demonstrou por occasião do conflicto hispano-chileno, remota e extranha consequencia da independencia do Perú.

Negaram-se os portos do Chile a fornecer carvão á esquadra hespanhola do Pacifico. A uma insolente intimativa do almirante Pareja, o Chile respondeu com a declaração de guerra, saudada pelo entusiasmo do povo. Interveio baldadamente o corpo diplomatico. Varnhagen associou-se aos seus collegas, declarando que o fazia em favor da paz e em defesa dos direitos da civilização moderna, apesar dos sentimentos que nutria pela Hes-

(1) V. Cartas de Varnhagen a J. C. Rodrigues — Rev. Inst. Hist. de S. Paulo, vol. XIII.

panha, onde residira durante onze annos. O que se discutia era o caso novo em lei internacional de ser apresentado um *ultimatum* antes de entaboladas quaesquer negociações. A nota em questão foi desapprovada pelo nosso governo. Na opinião de Oliveira Lima, esta attitude de Varnhagen honra o seu espirito de justiça, confirma a sua independencia de character e lança viva luz sobre o seu americanismo.

ARMANDO PRADO.

UM INFORMANTE DO IMPERADOR PEDRO II

Pouco tempo depois da quédá da monarchia brasileira, o governo republicano resolveu installar o Museu Nacional na velha Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro.

Muita coisa que D. Pedro em 89 deixára no antigo solar, sua morada predilecta ao que supponho, desapareceu nas primeiras horas da republica; seja por culpa de alguns furtos irreprimiveis em momentos incertos e tumultuosos, seja por destruição voluntaria e provada, tambem insustavel nos lances paroxisticos de paixão politica.

Outros restos do imperio, que a relha dos historiadores ainda não trouxe á superficie, alguns com fragrancia de reliquia tradicional, existem hoje no Museu. Na sua maior parte são peças que a gente solarenga não pôde incluir nas bagagens do velho imperador, nos apertos da occasião.

Retratos de familia, livros de horas da imperatriz, cartas e outros papeis, alguns apparatus de physica, vasos, peças de um jogo de xadrez, que vem de Pedro I, e a propria cadeira do throno, foram reunidos em 1912 numa sala onde fiz dispor todo o material existente relativo á historia do Brasil.

Não um só, senão muitos desses restos merecem uma noticia; esse de que vou tratar me pareceu digno de ser divulgado. Mesmo porque é uma obra d'arte ainda não publicada, ao que penso. E deve ter sido uma utilissima informante, muda e segura, do ultimo imperador.

* * *

Em 12 de Dezembro de 1853 Luiz Aleixo Boulanger offereceu a D. Pedro um "*Mappa Sinoptico de Notabilidades do Brasil*,

com a *Constituição e Ephemerides Nacionaes*". Trata-se aqui deste mappa.

Elle evoca os trabalhos de calligraphia microscopica que se tornaram celebres em todos os tempos, a partir da codice da Iliada que segundo Plinio fôra escripto num pergaminho capaz de ser fechado numa casca de noz; lembra os pacientissimos trabalhos dos illuminadores benedictinos da idade media.

O mappa era protegido por um disco de vidro; formava uma pequena mesa informadora que o imperador podia fazer girar a seu gosto, pondo debaixo dos olhos o sector onde se encontrasse a informação necessaria em um momento dado. Toda a vida politica e administrativa do imperio, de 1822 a 1853, alli está, expressa nos differentes nomes e nas diversas datas.

Si era preciso saber qual fôra o ministro da justiça em 1826, bastava ao chefe do estado correr o dedo sobre a superficie da sua fiel informante.

No sector dos ministros da Justiça, desde 3 de Julho de 1822, encontrava o que queria:

— 21 de Janeiro de 1826... Visconde de Caravellas.

Si desejava saber a data da nomeação dos ministros do Supremo Tribunal a pequena mesa logo o satisfazia, rezando nas suas letras minusculas do nome de todos elles, desde José Albano Fragoso, nomeado a 18 de Setembro de 1828.

— Qual foi o nosso primeiro representante diplomatico nos Estados Unidos da America?

— José Silvestre Rabello, nomeado a 21 de Janeiro de 1824, diz o mappa sem delongas.

* * *

O trabalho de Boulanger foi escripto em letras tão pequenas que, mesmo augmentadas seis vezes, ainda são lidas com difficuldade. O mappa tem a fórma de um disco de 0,556 millim. de diametro. Hoje está amarellecido e manchado. A calligraphia é admiravel, ainda assim pequenina. As suas informações, Boulanger as traçou com segurança. Todos os pontos que conferi foram encontrados exactos.

No centro do mappa vê-se a corôa imperial e as insignias das ordens honorificas com que a monarchia alegrava seus servidores. Os nomes dos imperantes e as datas dos nascimentos e casamentos de seus cognatos, lá estão na integra. Assim, a princeza

Izabel, a redemptora immortal da gente escrava, que infelizmente não tem recebido dos brasileiros o culto que a patria republicana lhe deve, nasceu a 29 de Julho de 1846.

A Pedro I foi reservado um logar especial, como "Fundador do Imperio".

Ao redor do nucleo central onde se acha grupada toda a familia imperial, ha tres zonas circulares concentricas.

A primeira é occupada pela Constituição do Imperio, datada de 1823.

E, a despeito de estar escripta em letras miudinhas, o imperador tinha sempre sobre a sua mesa, e diante de seus olhos, dest'arte, a pauta do seu governo e garantia de seus subditos. A microscopica edição, ao que affirmam, nem por ser humilde, era menos respeitada; de outras constituições ha noticias que, nunca reduzidas a tal limite, nem por isso se cumpriram com rigor...

A segunda zona está dividida em sectores onde se encontram dados historicos sobre as Regencias, os Ministros, o Conselho de Estado, os Presidentes de Provincia, os Senadores do Imperio, os Officiaes Generaes, os Arcebispos e Bispos, o Supremo Tribunal de Justiça, o Corpo Diplomatico, de 1822 á 53.

A ultima zona é ainda mais interessante. Comprehende um calendario de ephemerides, composto com euperior criterio. Acharam agasalho nelle, factos de fundamental importancia para a historia da nossa cultura.

Assim, para exemplo sómente:

20 de Janeiro de 1699 — Creação dos Capitães-móres no Sertão do Brasil.

25 de Janeiro de 1663 — Principia no Brasil o estabelecimento do correio, decretado ha muitos annos.

28 de Janeiro de 1808 — Decreto franqueando os portos do Brasil ás nações estrangeiras. (Sic).

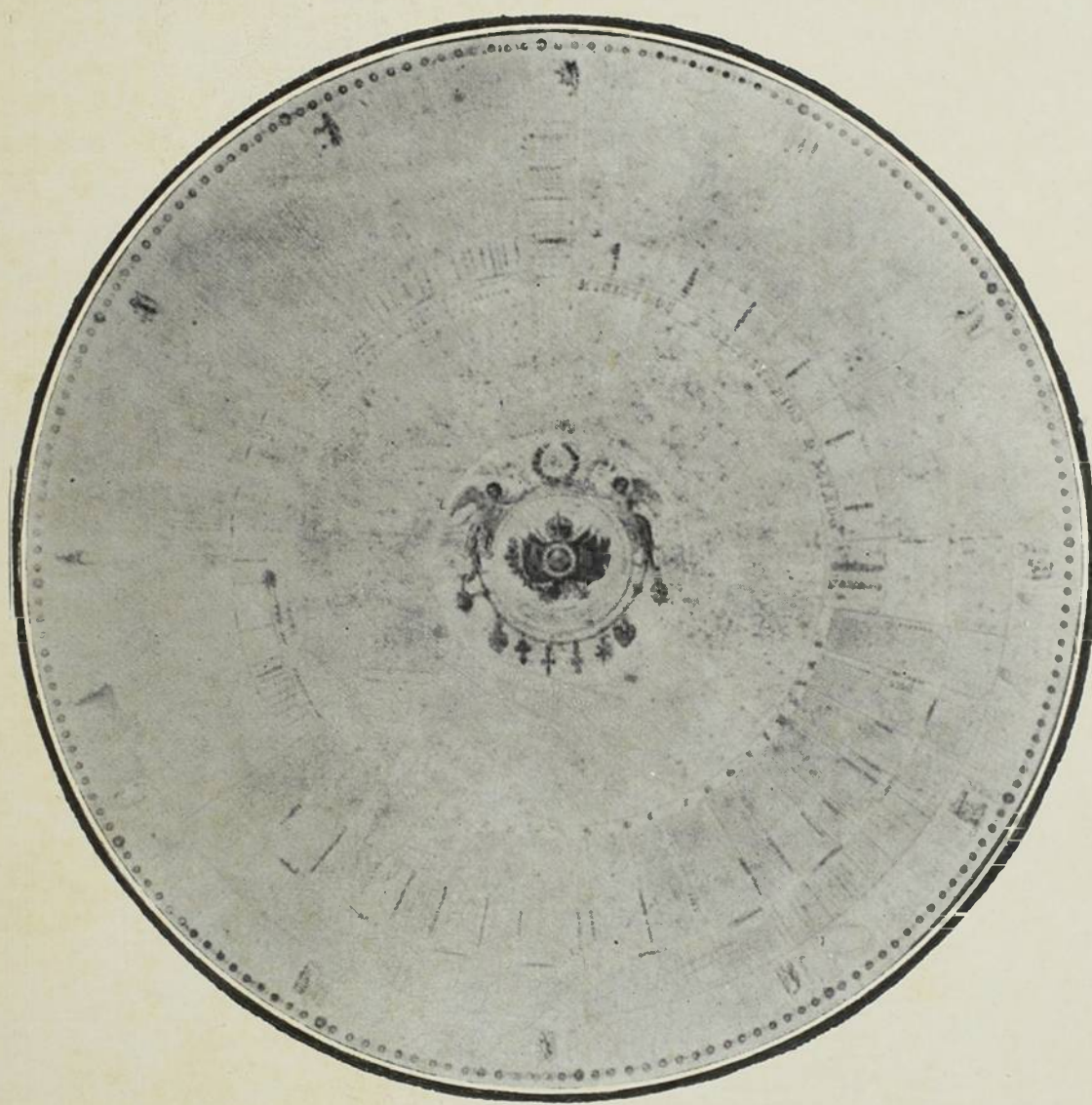
21 de Fevereiro de 1720 — He destacado da Capitania de S. Paulo o districto de Minas que no dia 2 de Dezembro é elevado á categoria de Capitania de Minas Geraes.

25 de Fevereiro de 1727 — Creação da Provincia do Rio Grande do Sul.

1 de Março de 1820 — Decreto concedendo a liberdade de imprensa.

6 de Junho de 1818 — Crêa-se um Museu Nacional no Rio de Janeiro.

MAPPA SINOPTICO DE NOTABILIDADES
DO BRASIL



(REPRODUÇÃO DO MAPPA, FEITO POR LUIZ BOULANGER E
OFFERECIDO A D. PEDRO II, COM TODAS
AS INFORMAÇÕES NECESSARIAS SOBRE A
VIDA POLITICA DO IMPERIO DE 1822 A 1853)

E, para não transcrever aqui as mais indicações desse curioso e utilissimo trabalho, é só bastante dizer que o artista insigne foi espalhando, pelos mezes a fora, os mais interessantes factos da nossa vida nacional.

* * *

Luiz Aleixo Boulanger era francez. Chegou aqui em 1829.

Em 1832 José Bonifacio de Andrada e Silva, José Bonifacio — o grande, o escolheu para mestre de seus pupillos reaes; e, sem duvida, essa escolha honrou mais ao professor do que a propria condição dos seus alumnos.

Porque, ter merecido que a preferencia de um sabio de tal pórte o distinguisse foi para Boulanger uma consagração.

Aos principes ensinou geographia e mostrou como se póde domar os dedos, para adaptal-os aos rigores da calligraphia. Nem se póde dizer que lhes ensinou essa arte primorosa, difficil e inutil; os manuscriptos de Pedro II demonstram que o esforço de Boulanger, nesse capitulo, foi perdido todo inteiro.

Depois, o imperador prestigiou seu mestre como elle o merecia.

Boulanger foi Escrivão da Nobreza do Imperio, e morreu socio do Instituto.

Traçava as cartas de nobreza e desenhava os brasões novos.

Entre outros escriptos, deixou um opusculo em que vulgarisou a concepção admiravel de Gall, sobre as funcções do encephalo. E, só por isso, já se póde vêr que intelligencia lucida era a de Luiz Aleixo.

Gastou a mancheias a sua vista, executando trabalhos a bico de penna, retratos e motivos heraldicos, de que o Instituto Historico possue uma grande collecção. Morreu cégo, em 24 de Julho de 1874.

* * *

Neshuma referencia existe a esta mesa historica, nem nos jornaes da época, nem nos autores que falam da obra de Boulanger.

Encommenda realisada a pedido de um rei que desejava andar sempre ao par da vida progressiva do seu estado, ou antes,

presente feito a um antigo discípulo estimado, o trabalho de Boulanger é uma maravilha de exactidão e harmonia.

Não é demais acreditar que a luz dos olhos do artista paciente foi em grande parte esfumada por tantas letras microscópicas, pequenas pedrinhas do edificio util e original que elle compoz com a historia do Brasil, para guia do seu rei...

E. ROQUETTE PINTO

A PROPOSITO DO "APRIORI" NA THEORIA CRITICISTA ⁽¹⁾

Em philosophia, pensar é um acto de criação. As sciencias levantam-se e se desenvolvem em torno de um certo numero de conceitos que ellas não formularam nem discutem: presuppõem-nos. Assim, os conceitos de phenomeno, de corpo e outros, muito embora através das sciencias se satisfaça, por economia, a clausula da "experiencia possivel". A Philosophia nada recebe acabado, feito; tem que examinar os seus conceitos fundamentaes, discutir-os, formulal-os. A Sciencia nada indaga quanto ao seu objecto, amplitude, methodo; sente-se tolhida, predeterminada. A Philosophia começa por uma volta sobre si mesma. Ella propria é a sua primeira pergunta.

Sua solução não se busca, nem se realisa isoladamente, porém em concatenação intima com a que se der ao problema do pensamento.

Pensar e pensar fóra, livre de prenoções, eis a Philosophia.

Dahi, a necessidade primordial da critica do conhecimento. Os restantes problemas, comquanto offereçam, por certa face, perspectiva nova, são por aquelle dominados. "Resolver a situação do objecto e do sujeito equivale a antecipar sobre elles um juizo." E' a dose inevitavel de Metaphysica. Além disso, na Theoria do Conhecimento se estabelecem as bases do methodo, que leva fatalmente ao systema, já significando, por si só, uma tendencia do espirito.

(1) Literatura: Külpe, Messer, Natorp, Cohen, Stammler e Radbruch.

Razões são essas por que toda philosophia esbarrará em absurdos, si lhe não penetramos o espirito, isto é, aquella indicada concepção fundamental. Exemplo, a philosophia de Kant. Censores não faltam que lhe propalem o absurdo das idéas. Recuam ante as entidades que se enfileiram a tres de fundo, vasias, sem significação para a vida...

O calcanhar de Achilles é a lenda do *apriorismo*. E todo o merito do eminente pensador fica, a este geito, reduzido ao "forte de dar nomes novos" a velharias estereis. Contra malquerença tão grande, porfiam outros em dar á philosophia de Kant as côres fortes do Naturalismo e escolas mais ou menos positivas, pelo entender, neste sentido, a noção e o valôr da experiencia. Não é menor a injustiça.

Bacon disse dos philosophos que uns são como as formigas; outros se assemelham á aranha, no intermino trabalho de tecer; e o verdadeiro philosopho tem, na sua actividade, alguma cousa da formiga e alguma cousa da aranha. E' como a abelha: reúne, digere, transforma. Kant é assim. Aproximemo-nos do mestre.

I

O sol aquece a pedra. Primeiramente, uma intuição empirica: fóra de mim existe alguma cousa, um multiplo, um x , que affecta a minha sensibilidade. Neste momento o x equivale a mero phenomeno (*Erscheinung*). Este é, porém, colhido pela "unidade synthetica" (unidade synthetica da consciencia) e recebe através das categorias seu significado, torna-se preciso. Conheço a relação entre a pedra e o sol, isto é, sei que o sol aquece a pedra. Tenho, mercê da categoria de causalidade, formulado um conceito. No primeiro momento, realisa-se a ordenação do x no espaço e no tempo; no segundo, o meu conhecimento se realisa, pelo estabelecer-se da relação, verifica-se o ordenamento dos dados da sensibilidade, segundo as categorias.

"A intuição sem o conceito é cega; o conceito sem a intuição, vasio". Espaço, tempo, categorias, não são, em summa, entidades, mas formas, "condições de experiencia possivel". "Que com esta começa todo conhecimento, não pode haver duvida" (*Kritik d. r. Vernunft*, 47). Mas, si a materia do conhecimento nos é dada pela experiencia, através dos sentidos, a firma existe *a priori*.

Surge assim o problema, impertinente, ameaçando o rigor geometrico da construcção.

* * *

Segundo propalada noção de Kant, *apriori* é tudo o que no conhecimento independe da experiencia. Em vista de tal ensinamento, repetido, vezes sem conta, na "Critica", não se tem vacillado em attribuir o *apriori* ao sujeito, em ligar-lhe, por esta attribuição, character de subjectividade. Entre nós, no Brasil, esta interpretação constitúe o ponto fundamental da critica contra Kant. Para os nossos philosophos (assim para os muito illustres como para os que lêem mal e soletrado), esse *apriori* é synonymo de innato, de idéa innata. Sendo isso, applicam-lhe a famosa diatribe de Locke. Por milagre de semelhante critica, passa o systema de Kant ao imprestavel ponto de vista do Racionalismo, que elle suppoz haver sobrepujado. Mas entre o principio de identidade de Leibniz, de resto em si mesmo contradictorio, e o *apriori* de Kant, não ha vislumbrao ponto de contacto. Mesmo anteriormente a Kant, a subjectividade das "formas" já não correspondia inteiramente a conceito ingenito. As *ideae innatae* de Descartes significam apenas, nos termos de sua expressa declaração — simples, mera capacidade do espirito á mercê de posterior desenvolvimento.

De que *apriori* independe de experiencia, não se segue, tambem para Kant, seja elle innato, preexistente, uma fôrma encravada no intellecto. Contra, falam espirito e letra de sua philosophia. Sua attitude é inequivoca:

"De maneira nenhuma admitte a "Critica" representações preformadas ou innatas; todas, em conjuncto, pertençam á Intuição ou aos conceitos do Entendimento, ella (a "Critica") as tem como adquiridas" (Kleinere Schriften zur Logik und Metaphysik, 3e. Abt., pag. 43).

Claro como o sol ao pino do meio dia! Mas o erro é logicamente continuo, sob os multiplos disfarces de suas transformações. O absurdo revive na interpretação do Phenomenalismo.

* * *

As formas aprioristicas existem em nós, explicam taes interpretes, em estado potencial, como funcção do espirito, uma pre-organisação espiritual, segundo a qual o sujeito reage ás im-

pressões do mundo externo. O forte de Kant não era dar nomes novos a idéas de uso commum. Não é, por este motivo difficil ao Phenomenalismo, o harmonisar-se com a letra da philosophia de Kant. Prova. "E' indispensavel, em todo caso, disse o philosopho, exista, no sujeito, uma base que determine o modo de se realisarem as representações, excluindo sempre possibilidade contraria... e esta base, ao menos, é innata". Outras vezes, repete-se, por entre a deducção das formas, a opinião de que ellas são a maneira por que o espirito reage á impressão do mundo exterior. Desta altura, a philosophia de Kant é uma contradicção. O sujeito eleva-se ao primado, condiciona o dado da experiencia, condiciona o objecto. Desfaz-se, como as sabidas bôlhas de sabão, a correlação entre ambos. Metaphysica de sabor antigo. Outro argumento. Para os que interpretam Kant em sentido phenomenalista, só a presente noção de *apriori* se concilia com o pensamento da "cousa em si". Mais um enxerto na interpretação de Kant. Com a significação de um substracto inaccessible ao conhecimento, suporte do que se pode conhecer, a "cousa em si" é uma criação dos interpretes. Quando ella não tem, na Critica, um mero significado didactico, deve ser entendida apenas como alvo do conhecimento, instavel, impossivel de fixar-se.

Tanto resulta da minuciosa analyse de Cohen. Ademais, não me é permittido affirmar aquelle *substractum*, si o declaro, preliminarmente, inaccessible ao meu conhecimento...

O Phenomenalismo, na philosophia de Kant, é uma tormenta a vencer. Não vencida, poderíamos dizer do Kantismo o que seu fundador disse da escola de Wolf: almofada de dormir.

II

O Criticismo precisa partir do pensamento e desmontal-o, peça por peça. Está no seu methodo. Pensar e conhecer são, em toda linha, synonymos. Não está na letra, mas no espirito do Kantismo. Conhecimento com exclusão do *pensar* devia, antes de tudo, ser expresso sem sentido, si quizesse escapar ao perigo de ser pensado. Tambem o dado da percepção, si é conhecimento, não o é senão através do *pensar*. Conhecer é, pois, pensar. Mas conhecer tem mais extensão. Pensar é a miniatura delle: trechos para a totalidade do caminho, disse-o Natorp. Neste caso, as leis fundamentaes do pensamento são, por igual, as normas, se-

gundo as quaes nos é dado conhecer alguma cousa. Pensar é, inquestionavelmente, uma forma de consciencia. Analysando-a, temos: o *x*, o *Eu* e a *determinação*, que é o significado da relação de um para outro. Em torno do schema, a velha e sempre renovada questão do sujeito e do objecto. Neste ponto, a philosophia de Kant deixa passagem a qualquer das duas hypotheses, si não fôr entendida no sentido estritamente transcendental. Dois nomes apenas (que nomes sem conta poderia citar) provam o aserto: Hegel e Goering...

Conhecimento é um processo, *procedere*; sujeito e objecto, duas faces d'elle. Nesta determinação é inutil procurar o elemento anterior, porque ella presuppõe a existencia correlata de ambos.

Si eu affirmo a existencia de um delles, conheço-o, e, no meu conhecimento, os dois elementos são correlatos. Si assim não é, conheço antes de pensar, isto é, de conhecer. Um absurdo. O pensamento é a condição do objecto e é por este reciprocamente condicionado. Igualmente, a *materia* e a *forma*. "Forma é a forma da materia; a materia, materia da forma". A correlação kantiana permanece. Não ha precedencia, os dois elementos coexistem: o *apriori* é um presupposto fundamental. Quero dizer: o conceito *a priori* é concomitantemente pensado com o conceito que acaba de formar-se. Conceito *a priori* não se refere ou applica senão a conceitos.

Exemplo: o conceito corpo presuppõe os conceitos espaço e substancia; o conceito occorrença, o de causalidade. São concomitantemente pensados. Assim tambem no mundo juridico: sujeito e objecto de direito presuppõem o conceito de *querer*, de vontade; o conceito de inviolabilidade é o *a priori* de injuridico. O dilemma estabelecido para a *Idéa*, vale sem a minima discrepancia de uma linha, quanto ao *apriori*, em geral: si elle não é innato, só pelo proprio acto do conhecimento pode ser explicado (Kant, Prolegomena, § 43).

Talvez unicamente esta seja a solução possivel. O methodo predeterminou-a. Porque, para o methodo critico, importa exclusivamente considerar, decompor o *pensar* em seus pontos, definir as direcções no *processus* de *determinação*. Emquanto o methodo genetico se entrega ás fadigas da pesquisa historica, buscando, de taba em taba, não raro na psyche dos animaes inferiores, a trama de conhecer humano, o methodo critico se apegá, sem phan-

tasia nem embuste, ao que no pensar é relevante: a estrutura e a estrutura do pensamento actual, em direcção para o futuro.

Ao methodo deve Kant a aureola de Copernico da Philosophia. Por elle se renova o transcendentalismo e se renova para melhor. Perdeu a symetria e certas subtilezas arbitrarías. Está na sua essencia, porque o conhecimento é um *procedere*, um *fieri*, no seu eterno perguntar. E as philosophias valem, sobretudo, pelas perguntas que levantam.

FLORIVALDO LINHARES

EDUARDO PRADO E SEUS AMIGOS

(CARTAS INÉDITAS)

I

E' sempre instructiva a correspondencia dos grandes homens — como a de toda a gente. Expansão intima e natural de almas que se abrem para outras, como jardins secretos, na ternura das confidencias, ella vale por um precioso documento psychologico; exercicio literario de informações, com rendilhados de phrase e rebusca de effeitos, mais ou menos endereçada a todo o mundo, ella tem, ainda assim, a frescura, a vivacidade e o pitoresco de um depoimento pessoal, apanhado em flagrante, sobre os individuos e as coisas da época. Insignificante ou valiosa, ella retrata sempre, ora bem, ora mal, no coração e no espirito ou em ambos, a pessoa que a escreveu e, não raro tambem, as pessoas de que trata.

Se, ás vezes, não se lhe percebem nas phrases as pulsações de um coração, o espirito, entretanto, nunca deixa de lhe imprimir aos periodos a sua marca inconfundivel. Póde não ser uma fresta por onde o olhar surprehenda o segredo de uma alma, mas é, quasi sempre, uma janella por onde se pode admirar a chamma de um espirito e calcular a força de um character.

Onde quadro mais vivo de uma sociedade brilhante e espelho mais fiel de um espirito encantador do que na correspondencia de Mme. Sevigné, tão movimentada e tão colorida?

A correspondencia de Mlle. Lespinasse, ardente como uma lava, rasga, em fulgurações de dôr, o mysterio de uma grande alma como o não faria nunca uma academia inteira de psychologos profissionaes. Voltaire e Frederico o Grande, na correspondencia que trocaram e que é um gigantesco prelio de bajulação mutua em que o principe real dominou talvez o poeta cortezão — deixaram eternamente impressos, o primeiro, o deslumbramento infantil de um collegial que se acamarada com um filho de rei e o segundo, a alegria transbordante de um plumitivo bisonho que apanha de escriptor glorioso uma rajada de elogios.

Historia nenhuma dá impressão tão nitida do que era, por exemplo, o Senado romano na época de Cicero como dão as cartas do celebre orador. O resumo de uma sessão feito em uma dellas é um desenho de tal precisão de traços e de tal intensidade de côres que raros historiadores lograriam fazer igual. Impressiona e instrue.

Sente-se, vê-se, através das phrases rapidas do orador ainda a offegar da batalha, o movimento tumultuoso, a agitação tempestuosa da multidão excitada pelas manobras das facções em luta, ouvem-se, cruzando-se no ar, as invectivas tremendas dos senadores, uns contra os outros, os apartes, as allusões ferinas, as ameaças, os insultos, a explosão escandalosa de interesses pequeninos e de odiosinhos sopitados e verifica-se, maravilhado, que essa enchente de insolencias, de grosserias e de baixeiras que inunda e enxovalha a vida de quasi todos os parlamentos modernos é apenas a sobrevivencia de uma tradição que os romanos nos legaram...

Mais instructiva é ainda a correspondencia do terrivel inimigo de Verres e de Antonio no que toca á sua propria individualidade. Conhecemos todos o orador e o politico aureolado pelo fulgor das maiores victorias tribunicias de que ha registo na historia dos povos civilizados. Poucos saberão, entretanto, que aquella grandeza toda mergulhava as raizes na terra fôfa de uma vaidade immensa e que os destinos de Roma estiveram, muitas vezes, na dependencia de um elogio ao consul que domou Catilina... Sabem-no, porém, os que já leram a sua correspondencia. Vê-se nas suas cartas o grande homem descer do pedestal depôr a aureola a um canto, sobre um tamborete, despir a purpura consular, pendural-a a um cabide, e, reduzido ao tamanho e ao feitio de outros homens, apparecer na

CARTA DE EÇA DE QUEIROZ A EDUARDO PRADO

Consulado
do
Portugal
--
Particular

Paris 4 Julho
1898

Meu caro Prado

É. provável que N
hoje mas na a Veuilly.
e é provável que eu
continue a esquecer-me
cum me tendo esquecido
todo este dia de lhe
fazer um pedido.

Vm. muito português,
se para por ser muito

brilhante (nunca vi
 de sua arte) vai para
 S. Paulo, no dia 28 de
 Julho, e quer fazer
 o seu conhecimento
 para que N.º padre
 que um pouco, grand
 ativo em seus domínios
 se vai para sair
 a seu artista que
 se chama Ribeiro uma

singeleza prosaica dos trajes caseiros, o corpo e a alma á fres-
 ca. E não é com pequena surpresa e pouca lastima que se
 apanha, de repente, ao dobrar uma pagina, aquelle genio do ver-
 bo, ajoelhado aos pés de um historiadorzinho qualquer da época
 a implorar-lhe que escreva a historia do seu consulado e da conju-
 ração de Catilina e a supplicar-lhe que o elogie, que o elogie muito,
 que o elogie sem reservas, ainda mesmo que tenha para isso
 de embellezar os acontecimentos, de violar as leis da histo-

carta d'apresentação
que elle lhe levará
a Hne de Rivoli. E
escrevo. Me esta para
o presente, e para que
V. lhe faça um
bom agasalho

De C

Jurey

ria e de afastar-se das fronteiras da Verdade... Cuidasse logo da sua gloria se não elle, que alli estava aos seus pés, seria obrigado a fazel-o com a sua propria penna e isso havia de ser desagradavel porque, se a censura é difficil contra si mesmo, a modestia não permite que a gente a si propria se elogie... Não! A historia dos seus actos precisava ser escripta. O seu consulado não havia de ficar sem elogio e o seu nome não havia de morrer sem um clarão de gloria...

Sou por isso um ledor soffrego de correspondencias de toda

a ordem, inclusive de *Memorias*. A *Memoria* é uma especie de correspondencia secreta destinada á posteridade e ou porque é secreta ou porque tem um destinatario desconhecido, conserva um sabor picante que na correspondencia commum, com raras excepções e entre estas podem contar-se a correspondencia de Mirabeau e parte da de Voltaire, não é facil encontrar-se.

Uma das minhas queixas intimas é a pobreza, em nossa litteratura, de producções dessa natureza. *Memorias* por assim dizer não existem e cartas, a não ser as do padre Vieira e do cavalheiro d'Oliveira, que formam as duas collecções mais ricas que até hoje se reuniram, ou andam esquecidas nos archivos publicos e nas gavetas particulares ou correm mundo aos fragmentos, sem ordem e sem revisão.

II

Dito isto não preciso explicar a minha satisfação quando, ha poucos dias, um velho amigo, Edmundo Navarro de Andrade, pôde cumprir antiga promessa de me franquear a sua collecção de cartas autographas. Edmundo conviveu intimamente com Eduardo Prado e eu sabia que da vasta correspondencia que Eduardo manteve com meio mundo uma fracção importante estava com elle. Lá encontrei, de facto, cartas de Eça de Queiroz, de Guerra Junqueiro, de Maria Amalia, do conde d'Eu e até de Ed. Pailleron. Mas o que havia de mais precioso era uma série de cartas que Eduardo endereçou a uma senhora durante as suas viagens da mocidade. São annotações rapidas e concisas das impressões que lhe causavam as coisas e os homens que ia encontrando. Traçadas ás carreiras a bordo dos navios em que viajava ou nos quartos dos hoteis em que se deteve um minuto na sua marcha pelo mundo, essas cartas podem ainda hoje, trinta annos após á data que trazem, ser lidas com prazer.

Vou prevenindo, porém, que pouco adeantam para o conhecimento dos logares que o viajante percorreu. Não são nem um escriptorio de reflexões, nem uma galeria de paisagens, nem um album de figuras. Valem pelos dados que offerecem para o estudo do escriptor e do homem. Deste ponto de vista, valem muito. Já se denuncia nellas o escriptor que mais tarde se havia de firmar pela simplicidade sempre elegante do seu estylo tão natural, e tão incisivo em que uma rara vivacidade de espirito

realçada pelo esmalte de uma malicia risonha e travessa, punha scintillações inesperadas.

Algumas dellas parecem, por assim dizer, o rascunho de paginas que hoje figuram nos volumes das *Viagens*. Confrontadas com o que está impresso attestam a fidelidade das narrações do volume e a facilidade com que Eduardo compunha os seus trabalhos. Foram escriptas visivelmente a correr e a expressão é nellas tão precisa como é no livro. Mostram que ao escriptor lhe saia quasi tudo de improvisado, de um jacto, sem esforço apparente e que elle não era desses que perdem horas a enfeitar periodos, a limar phrases e a ensaiar vocabulos... Homem da ultima hora, como diz em uma das cartas, tem-se a impressão de que só escrevia tambem á ultima hora, quando o vapor se apparelhava para sahir, quando o criado chamava para o jantar ou quando o impressor reclamava originaes para a machina prestes a mover-se...

Isto explica a feição mais jornalística e pamphletaria do que artistica que a sua obra guardou a despeito do seu gosto, da sua cultura e da sua indole literaria.

A primeira das cartas, pela data, foi escripta de Roma. Não só pelo logar de origem como pelo tom zombeteiro e pela ironia maliciosa lembra um pouco as cartas do President des Brosses. Mas só por isso. No mais é enorme a differença que as separa.

Eis uma ligeira amostra: E' o delicioso perfil de um padre romano que negociava em medalhas:

“Minha senhora:

As minhas excursões em Roma que duram da manha até á noite, não me têm impedido de consagrar alguns momentos ás diligencias numismaticas, ordenadas por V. Exa. e promettidas por mim.

Arranjei o conhecimento de um prelado romano, monsignore C. T. Este senhor é um alegre e rotundo sujeito, rico, e que vive num palacio atopeado de curiosidades e objectos de arte. Entre uns e outros está, como deve ser, comprehendida a numismatica. Por uma anomalia que parece ser natural, nos costumes italianos, o referido monsignore tambem vende exemplares das suas collecções depois de haver procurado convencer bem ao cliente de que não é negociante e de que entrega-se a este divertido passatempo como o pae do *Bourgeois Gentilhomme* que trocava panno por dinheiro para servir aos amigos. O monsignore mostrou-me toda a sua casa, inclusive o quarto de dormir onde notei duas depressões redondas no travesseiro.”

FRAGMENTOS DE UMA CARTA DE EDUARDO PRADO

*Hôtel de Londres**15 Place d'Espagne**Rome*

esta medalha entre as Malto-Porti-
-guesas. Monignon Taggiarico
enumera ~~sete~~ 8, sendo 4 de
Vilhena e 4 de Manoel Pinto.

Das 1.^{as} da', no seu catalogo "
seguintes preços — 1 de 50 francos —
1 de 300 francos e 2 de 150 francos.
Uma destas é a descrita por Lopes
Fernandes e a q^{ta} Monignon tem
actualmente como atraz referi.

Os preços que attribue si de
Manoel Pinto são estes: 1 de 80
francos; duas de 85 e 1 de 25 francos.
Mandarei a V.ª o catalogo anim
como o adreue do Monenhon a

quem V. S. ... poderá dirigir-se
em qualquer tempo.

Esperando resposta de V. S.
Tenho a honra de cumprimentar
com muito saudade, de
agradabilíssima companhia
sua e dos seus. Para
não augmentar esta minha
exclusivamente nummática
not dou outros noticiis do
que aqui tenho visto

De V. S.

Seu muito humilde

Eduardo Prado

Depois de prestar contas das diligencias que fizera para obter certa medalha pela qual muito se empenhava a senhora a quem se dirigia, Eduardo prosegue, com estas informações interessantes:

“Indaguei em seguida das medalhas cunhadas em commemoração da extincção da Companhia de Jesus. Monsignore e outro negociante a quem falei vão entrar em pesquisas. Monsignore T. falou-me de uma medalha do Padre Malagrida, que deve ser muito curiosa. E’ muito grande, tem o busto do celebre jesuita e de outros padres portuguezes, tambem jesuitas, com uma inscripção contumeliosa.

Esta medalha é desconhecida em Portugal, pelo menos do Lopes Fernandes. Monsignore disse-me que havia poucos dias vendera-a a um negociante de Milão por 200 francos e perguntou-me se eu queria que elle desfizesse o negocio em meu favor. Disse-lhe que ia sujeitar o caso á apreciação de V. Exa.”

Vem logo a seguir um trecho que revela a tenacidade com que Eduardo estudava e debatia as questões historicas por que se apaixonava e a familiaridade com que tratava certos assumptos de uma aridez patente:

“Está resolvida a celebre questão dos *Pintos*, prevalecendo a minha hypothese. Monsignore T. é autor de um livro de que offereceu-me um exemplar: *Le Monete e Medaglie della S. Ordine Gerosolimitano nella età moderna* (1530-1798). A Ordem de Malta teve como grão-mestres tres portuguezes, Luiz Mendes de Vasconcellos; D. Antonio de Vilhena e Manuel Pinto da Fonseca. Os grão-mestres como soberanos nos estados da Ordem tinham o privilegio de cunhar moeda e usavam delle. Vi no medalheiro T. ... moedas de ouro, prata e cobre desses grão-mestres, tendo as de Manuel Pinto da Fonseca, além da effigie deste, o seu escudo com as tres meias luas. Estas moedas preciosas por si mesmas, estão comtudo fóra do quadro da collecção de V. Exa., pois não são moedas de Portugal. Não acontece o mesmo em relação ás medalhas. Lopes Fernandes descreve e comprehende como medalha referente a Portugal o admiravel medalhão do grão-mestre Vilhena, mandado cunhar em Malta para commemorar a erecção do forte Manuel, levantado em La Valleta pelo referido grão-mestre.”

Daqui por deante, até o final, a carta perde o seu interesse. De outra carta, escripta da Austria, destaco ainda um pequenino trecho para mostrar o devorador de livros que foi Eduardo:

“Por falar em mau tempo devo dizer-lhe que, ha dous dias, o tempo é simplesmente horrivel aqui. Nem posso ao menos sahir ao ar livre. Fe-

lizmente recebi hontem dous grossos volumes, a correspondencia de Darwin, que me fornecerão leitura com certeza para uns quatro dias, isto é, metade do tempo que tenho ainda de passar aqui."

Ler em quatro dias toda a correspondencia de Darwin não é proeza para qualquer.

Como a do President de Brosses, esta série de cartas de Eduardo sobre a sua excursão na Italia, série evidentemente truncada e incompleta, revela através da forma leve, na linguagem desataviada e concisa, que a caracteriza, o equilibrio de um espirito solido ao qual a aspereza de certos estudos não amedronta nem consegue alterar o fio á lamina de uma ironia mais brejeira que maldosa.

O que me parece extremamente curioso, nessas cartas, é o silencio absoluto que ellas guardam a respeito das ruinas e da arte do paiz. Eduardo é um apaixonado de coisas antigas e não tem, entretanto, uma só palavra para o passado de Roma. Dir-se-hia que elle percorreu aquella pagina viva da historia sem abrir os olhos.

A unica referencia que nellas se encontra á arte italiana é a seguinte:

"Veja só o que é viajar: eu estava crente de que a ceia de Leonardo da Vinci era um fresco num convento de Florença!"

Este silencio foi talvez intencional. Quem sabe Eduardo quiz discretamente poupar á pessoa a quem se dirigia o flagello de uma dissertação tantas vezes e por tanta gente renovada?... Mas ainda assim não posso comprehender como, uma vez ou outra, não lhe escapou um grito, uma exclamação que trahisse o historiador e o artista.

III

A parte mais pittoresca e mais agradavel da correspondencia que tenho em mãos é a que descreve a segunda viagem de Eduar-

do Prado aos Estados Unidos. Principia por uma narrativa escripta logo ao partir da Europa, ao tocar em um dos pontos da Irlanda. Desenham-se nella alguns aspectos da vida de bordo:

“O vapor em que venho é o maior que tenho visto, as accomodações são magnificas e apezar de sermos 1.200 passageiros, não me parece máo o serviço. Luz electrica por toda a parte, graduavel durante toda a noite nos camarotes, campainhas, banhos, barbeiro, lojas de novidades, imprensa, etc., etc., tudo existe aqui nesta verdadeira cidade fluctuante. A quasi unanimidade dos passageiros é de norte-americanos voltando para a terra depois de um passeio na Europa; a inspecção rapida que tenho feito em menos de 24 horas me tem convencido de que não ha mais de meia duzia de gente de primeira ordem, embora todos sejam de 1.^a classe. O tempo hontem estava magnifico e o céu de Liverpool de uma limpidez clara que me fez lembrar o céu do Egypto; de bordo apenas via-se, sobre a cidade, uma banda pardacenta atravessada no horizonte; era a athmosphera encarvoadá pelas innumeras chaminés das fabricas.

Agora (10 horas da manhan) está choviscando e ha nevoeiro; o barometro do salão tem a ironia de marcar *Set fair!* Começo a ter mais uma prova de quanto é verdadeira a theoria do barão de Hubner: o frio é o inimigo que se deve combater em viagem.

Escrevo-lhe da bibliotheca do *City of Rome*; já corri os olhos pela estante. Romances inglezes e para variar romances americanos! Felizmente trago livros possiveis de ler e espero com elles effectuar toda a travessia. Ha aqui muita gente lendo grandes jornaes inglezes desdobrados, romances de capas de figuras e algumas moças em trajos quasi masculinos escrevendo cartas ou notas. Não imagina a quantidade e a variedade de ulsters e de bonets de viagem que ha aqui reunidos; ha uns amplos, outros apertados e pequenos, de xadrezes, miudos, de grandes listras multicores, claros, escuros, vermelhos, azues ou de um verde-amarello que sem lembrar o auriverde pendão, lembram Zola ou a palavra celebre de Waterloo. Por minha parte arvorei já um dos barretes da minha collecção. O meu arsenal de viagem vae funcionando assim, assim; ainda não estou bem acostumado aos aperfeiçoamentos das minhas malas, as molas resistem, as correas desatam-se e os cor-deis enredam-se; felizmente tenho oito dias deante de mim (pois chego a Nova York no dia 12 de manhan) para, na confortavel largueza de um camarote de que sou o occupante unico, occupar-me seriamente de um estudo que é indispensavel, para a boa ordem da minha longa viagem.

A estas horas está já V. Exa. installada no seu Schevening. Que inveja tenho eu de quem só tem de fazer estes curtos passeios que apenas são deslocções comparadas á monumental tolice que estou emprehendendo; desta vez não é um dente que arranco — vae toda a queixada.”

CARTA DE GUERRA JUNQUEIRO A EDUARDO PRADO

Caro amigo.

Chega a recta tua muleta uma carta em que
me da noticia que me esqueci de avisar a
tua me remetteu varios dos seus homages.

Dando, porque me temes a respeito.

Os doze fclmente dispulso-er, porque vou
melhor. Chega-me apenas o trasmogant
por mais ams A diga-me quanto da
dono

Supor taler que me esqueci da tua
afiducia em Christo sobre o que? Incomum

Laes ha duas no Roma com a suba d'isso.
Ata me a respeito. Vini por elle que anda
desde ja se preparando o torracento redondo
e varinhas de sangue de Adolpho, com con-
dente de remanar marcari a mofa-estupenda

Itas ago ha duas mais, tratando
da marea. Vou melhor e o entento me em
outro de 15 dias para a melhor habilitacao
do Tenente do Arco

Ambrases de Nam d'Chimay, idem
da Intellu e Pacambos.

Paris, Hotel de Paris 31

am

ffm

Pouco antes de chegar a Nova York, elle escreve de bordo, á mesma pessoa, outra carta ainda. Encontram-se nella scenas e episodios que, mais tarde, foram aproveitados no volume das *Viagens*. Vale a pena lê-la com o volume das *Viagens* aberto no ponto correspondente.

“Estam dizendo a bordo que chegamos amanha ás 5 horas da tarde a Nova York mas eu ponho a cousa lá pelas 8 horas e ainda me darei por muito feliz.

A viagem tem sido muito confortavel, com bom tempo e por isso ainda não funcionou a seringa de Pravaz.

Tenho passado todo o tempo a ler; é incrível a quantidade de cousas que tenho lido nestes oito dias em que não tenho talvez trocado com palavras. Uma destas noites houve uma *lecture* por uma gordissima *Miss* ingleza a respeito da Terra Santa; contra a minha expectativa a oradora deitou o verbo falando com facundia, espirito e elegancia apesar de não dizer cousa alguma de novo. Houve tambem serviço religioso acompanhado de orgão; infelizmente as vozes dos cantores impediram-me de ouvir o orgão. No dia seguinte um conego (*canon*) protestante annunciou uma conferencia sobre as industrias da Irlanda. O orador era um typo muito ridiculo; pelo que disse viu-se que era proprietario de uma fabrica de manteiga no Tipperary e terminou a conferencia distribuindo prospectos da sua fabrica. E' um sujeito obeso e de um ridiculo acabado. Na manhan seguinte appareceu no *saloon* uma engraçadissima caricatura do conferencista e feita pelo lapis de um artista incognito. Houve depois, julgue do meu desespero, um concerto de amadores. Imagine; mando-lhe o programma para memoria; o *chairman* deitou discurso e os artistas... não faz idéa dos sons ineditos e surprehendedentes que emittiram.

Mando-lhe tambem um numero do *City of Rome Express*, jornal que se publica a bordo e que é tão sem graça como os leitores. Vae tambem o Track Chart com a marcha do vapor marcada dia por dia, o que é a unica distracção de bordo. Ia-me esquecendo de que ha mais de 30 creanças!!!!

Hoje de manhan estavamos ainda a 500 milhas de Nova York e appareceu-nos o barco do piloto; os pilotos de Nova York sahem a tres ou quatro dias da costa ao encontro dos vapores. Parece que houve muitas apostas entre os americanos sobre o numero do piloto — quando o barco chegou perto viu-se — 16 — em grandes letras pretas na vela grande. Havia tres dias que estava no alto mar e trouxe jornaes até o dia 3 ou 4 de Agosto; jornaes de Nova York que nada adeantaram.”

Alguns dias depois, seguia outra carta, agora já de Chicago, com as suas impressões da terra. O tom alegre, communicativo e

ligeiro accentua-se ainda mais e attenúa, dando-lhe uma feição interessante, a superficialidade das observações.

“Escrevo-lhe, minha senhora, com o fim de dar-lhe algumas noticias minhas. Interrompi hoje aqui a viagem transcontinental para ter uma noite de descanso. Não pode imaginar nem de longe o calor que soffri em New-York durante a viagem. Não lhe falo de New York; todo o tempo que não consagrei a diligencias relativas á viagem passei bebendo agua gelada ou tomando banhos quentes. Raspei toda a barba e cortei o cabello rentissimo; fiquei um melão, mas apesar disso soffro muito com o calor horrivel que ainda continúa. Para mal de peccados o expresso do Eric Lake & West que tomei hontem á tarde, é um trem endiabrado de 50 milhas por hora, cousa que nas pessimas estradas americanas produz um abalo e uma trepidação terriveis — bref — depois de ter escapado do Atlantico enjoei no trem com todos os *ff* e *rr*! Quanto á poeira só lhe digo que tive saudades de Pedro 2.º!

Eu não conhecia a Europa quando estive nos Estados Unidos pela primeira vez. A impressão que tive agora foi muito peor. Quasi que dou razão á Baroneza de Itajubá!

A minha viagem, ou antes a direcção da minha viagem, está muito comprometida. Em New York tive muito más noticias do cholera no Japão e isto confesso-lhe que esfriou-me muito. Em todo o caso disse-me o consul japonéz em New York que eu devia tomar informações com o seu collega de San Francisco. Estou resolvido, caso confirme-se a noticia da continuação do flagello, a embarcar para a Nova Zelandia, visitando em seguida a Australia, Java e a India, ficando de nenhum effeito a China e o Japão.

Chicago, como sabe, é a cidade mais brutal do mundo. Vim da estação para o hotel hontem á noite e agora pela manhan parto para outra estação; espero, graças ao fresco que trouxe a grande chuva que agora cahiu, poder continuar sem interrupção ao menos até Ogden, donde irei, em uma hora, dormir em Salt Lake City, na terra dos Mormons.

Estou na realidade extenuado com a viagem e ancioso para ver-me livre deste paiz que é uma fornalha e onde para abrir-se a bocca paga-se um dollar e outro para fechar-se. Decididamente o mundo é Paris.”

Eis as suas impressões de Salt Lake City:

“Emfim aqui estou hoje na capital dos Mormons. Muita mosca e muita creança é o que vejo — resultados do clima e da religião.

Quanto aos costumes aqui destas regiões do Far-West julguei não po-

der dar-lhe melhor informação senão a constante de um jornal que tive a honra de remetter-lhe de Deuver... Verá que toda a primeira pagina é de assassinatos, violencias, lynchamentos e outras bellezas. A viagem é muito fatigante, sobretudo no verão; é debalde: não ha beliche nem *sleeping-car* que substitua uma boa cama. Salt-Lake é uma cidadesinha bonita. Toda arborisada e irrigada no meio de um deserto, o seu aspecto é muito agradável. Somente, o elemento yankee invade-a cada vez mais e desapparece a antiga tranquillidade patriarchal dos Mormons. Coitados destes! O governo de Washington persegue-os agora sem piedade e em breve a polygamia não será mais do que uma legenda.

Estive em casa de um velho mormon, um dos doze apóstolos, que me offereceu gentilmente uma photographia do seu jardimzinho que elle cultivava com uma paz d'alma e uma tranquillidade invejaveis mesmo em Salerno. Para fazer contraste com essa photographia que envio-lhe vae uma outra representando o reverso da medalha.

Parto hoje á noite para San Francisco, onde estarei só depois de amanha. Está um calor abrasador e o salão donde escrevo está opaco das horriveis fumaradas dos cachimbos americanos. O melhor é deixar aqui este ruido e ir dar um passeio de carro. Sempre que ler a palavra *carro* pense logo num horror de dollars."

S. Francisco não o attráe:

"San Francisco é uma grande cidade muito aborrecida; não conheço pessoa alguma, já vi o que ha para ver-se e tenho passado horas da solidão a mais completa. Quasi que não saio do meu quarto de medo de pagar logo um dollar."

Uma das curiosidades do logar é a casa da Moeda. Foi vel-a:

"Visitei hontem a Casa da Moeda que passa por uma das melhores e maiores do mundo; vi muitos milhões de dollares em ouro e prata e a collecção numismatica, bem pobre e cheia de uma porção de moedas antigas, a maioria das quaes me pareceu falsa."

Aliás não é só S. Francisco; é o paiz inteiro que lhe não agrada.

“Não imagina como estou aborrecido dos Estados Unidos. Decididamente do mundo a Europa, da Europa a França, da França Paris, de Paris todo o perimetro do *pavé du bois*! Isto pensava eu hontem quando era horivelmente sacudido num pessimo carro sobre a detestavel calçada de San Francisco ”

A sua viagem teve, por causa do cholera, de soffrer uma alteração no traçado. Em vez de ir á China e Japão, elle irá ás ilhas Sandwich ou Hawaii, á Nova Zelandia, á Australia, Java e India.

“Sinto muito não ver o Japão e a China, que provavelmente nunca terei occasião de visitar.”

Mas esse sentimento é compensado logo, no seu espirito, pela perspectiva de certos estudos que desvendam no viajante um fundo serio e utilitario que as apparencias da forma brincalhona não deixaram até então perceber.

“Pelo lado artistico, prosegue a carta, são dois paizes muito mais interessantes do que as prosperas colonias inglezas de Oceania, mas pelo lado pratico, economico e social ha nestas muito mais que apprender. Em Java o elemento pittoresco e archeologico, que é o da minha predilecção, offerece-se em grande escala á admiração ao lado da cultura do café que pretendo estudar comparativamente a do nosso café. Nenhum brasileiro percorreu ainda as plantações de café da grande colonia hollandeza.”

Os volumes das *Viagens* attestam a sinceridade do proposito. E é bom que o attestem porque, logo em seguida, o tom da carta nos põe novamente deante do *globe-trotter* espirituoso a quem os travesseiros de um leito ou a poeira de uma estrada parecem interessar mais que os aspectos de uma civilisação e que o caracter de um povo.

“Confesso-lhe que estou resolvido a não emprehender só nenhuma outra viagem. Nem que para isso seja preciso um grande sacrificio. Irei talvez até ao ponto de casar-me.”

TRECHO DE UMA CARTA DO CONDE D'EU

Versailles, 20 de novembro
de 1891

S^{ra} Eduardo Prado

Recuso o recebimento da
carta que me escreveu a
16 do corrente, e agradeço-
lhe a expressão das esperanças
que nutro em relação ao
futuro do Brasil.

As notícias continuam
com effeito muito confusas.

A estada em S. Francisco proporcionou a Eduardo Prado uma curiosa aventura, que talvez seja ignorada, pois não vem contada nas suas *Viagens*. Vale a pena ser conhecida. Trata-se de um duello.

Descancem: não houve mulher na questão. E' um duello branco. A narração, feita com um bom humor delicioso, é esta *charge* literaria:

Ainda que nos falheça
qualquer meio de influir
na marcha dos negócios,
essa acontecimentos
muito nos preoccupa
e entretencem; pois a
conservação da integridade
do Brazil é nosso maior
dezejo

Leiteiro de Oliveira

“A unica distracção que até agora tive foi esta: Encontrei no trem um rapaz francez que disse-me ter sido official do exercito e estar hoje estabelecido na California. Travamos conhecimento, embora o homem me parecesse de maneiras pouco delicadas. Hontem veio visitar-me com um companheiro. A conversação cahiu sobre as escolas francezas e o tal official diz-me de repente falando da Escola Polytechnica de Paris — *Celle-là n'est pas pour des Brésiliens, il faut avoir une tête pour y entrer* —

Respondi-lhe: *Bah! les officiers prussiens s'en sont bien moqués!* e dei-xei sós na sala os meus dous francezes. Esta manhan apresenta-se aqui um outro francez, pedindo-me explicações e satisfações em nome de M. Roger. Respondi ao sujeito, de dentro de uma banheira, por detraz de um biombo (o que já tirou muito da solennidade do acto) que não dava explicação alguma a M. Roger, um desconhecido para mim, nem me bateria antes d'elle provar-me que não era desertor do exercito como eu suspeitava.

Terminei o meu banho e o francez foi-se embora. E até agora está o caso nesse ponto que, creio, será o ponto final.”

E foi, de facto, o ponto final. Cartas posteriores mostram que o francez não deu mais signal de vida. Este episodio define bem o homem. Por traz do ironista despreoccupado mostra-nos inesperadamente o cavalheiro altivo que, sem apagar dos labios o sorriso perpetuo, sabia, quando necessario, pôr no lume vivo dos olhos acolhedores a faisca que mantem á distancia o adversario ousado.

De outra carta, que é a ultima escripta de S. Francisco, copio um trecho que se encontra nas *Viagens*. Parece-me muito mais expressivo que o que vem no livro. E' o seguinte:

“Uma das causas mais curiosas de San Francisco é o lugar d'onde pude trazer as duas algas. Chama-se Clipp House ou Seal Rock. E' uma ponta da costa junto a dous ilhotes de rochedos. Estes rochedos estam continuamente cobertos por uma multidão de uma especie de phocas ou de leões marinhos que fazem uma algazarra extravagante, pois o grito delles é um meio entre o latido do cão e a voz humana. A pelle dessas phocas emquanto humida parece negra e lustrosa; secca é fulva como a de um leão verdadeiro.

E' muito curioso o espectaculo daquelle rochedo *grouillant* de phocas e de *pingouins*. Quasi que não se vê a pedra; parece uma ilha animal”.

Dez annos depois, escrevendo do Brejão a um rapazelho a que muito se affeioára, e que é o mesmo amigo a quem devemos

esta leitura, ainda é o mesmo homem simples e encantador que se comprazia em disfarçar a seriedade dos assumptos e a solennidade dos conselhos na graça ligeira de uma linguagem correntia e familiar a que um grãosinho de malícia nunca deixava de comunicar um gosto especial. Vejam lá:

“Meu Edmundo,

Estou muito arrependido de tel-o feito partir na segunda-feira porque tenho de ter aqui uma demora maior do que esperava e estes dias podia eu ter a V. aqui, no Brejão, onde, para mim, V. já faz muita falta.

Espero que tenha chegado bem a S. Paulo, com muito juizinho, bem comportado, bem lembrado dos meus conselhos e com um pouco de saudades minhas.

Somos conhecidos de ha tão pouco, mas penso que a novidade para as creanças, como V., dá a tudo uma certa graça.

Tenho pensado muito no que se pode fazer de V. Creio que se poderá fazer alguma cousa menos má. Tudo depende de si mesmo. Em todo o caso, como meu projecto é do seu agrado, estou sempre convencido de que deve ir para uma carreira que lhe garanta uma vida no campo: ao ar livre, com muitas arvores, muito gado manso e verdura. Nada de literatices de cidade, que dão em deitar-se ás 5 horas da manhan, com muito máo estomago.

O curso da escola de Gembloux é de 3 annos. O preparo para a entrada poderá exigir um anno, pois V. está muito atrasado. Sendo assim, lá por 1899 poderá V. estar por aqui de volta, doutor em batatas, cousa que é muito mais interessante do que isto de leis, medicina ou engenharia. Se Deus quizer e V. não contrariar-o, creio que terei esse prazer então: o de receber o alumno de Gembloux muito entendido em queijos, forragens, manteigas, gado, etc., etc. Está claro que eu amo muito os meus bichos para sujeital-os aos tratos de calouro que V. lhes quererá dar. Servirá porém a sua sciencia agronomica para os cafés e para os bichos dos outros com proveito para si e com um pouco de alegria de que bem precisa o coração deste seu padrinho affectuoso,

Ed. Prado.”

Quem conhece o destinatario desta carta não pode deixar de admirar a segurança da visão psychologica de Eduardo Prado. E’ admiravel tambem o senso pratico da vida em um homem que parecia tão afastado das coisas vulgares e a quem, filho mimoso da sorte, o problema da escolha de uma carreira devia ser alheio ou, pelo menos, indifferente.

Tenho ainda sobre a mesa, deante de mim, varias outras cartas do mesmo punho. Não vale a pena transcrevel-as ou commental-as. Nada adeantam, para o estudo do escriptor, ás que já foram transcriptas e commentadas.

IV

Devo agora, para encerrar esta breve inspecção ás cartas inéditas escriptas por Eduardo ou dirigidas a elle por outras pessoas e que constituem a riqueza da collecção de Edmundo Navarro, escolher dentre as que lhe foram endereçadas, algumas interessantes e significativas.

Seja a primeira, uma do proprio punho do conde d'Eu, enviada de Versailles em 20 de Novembro de 1891.

Essa carta tem um preço duplo: revela que o destinatario scube merecer a confiança do principe e denota da parte do principe uma nobre affeição pelo paiz, que, depois de o adoptar como filho, o exilou.

“Sr. Eduardo Prado,

Accuso o recebimento da carta que me escreveu a 16 do corrente e agradeço-lhe a expressão das esperanças que nutre em relação ao futuro do Brasil.

As noticias continuão com effeito muito confusas. Creio que a posição do Marechal Deodoro deve ser muito critica, uma vez que o levou a suspender a publicação da imprensa periodica, a prohibir a correspondencia telegraphica e até postal. Mas o que seguir-se-lhe-á?

Receio que o movimento que triumphou no Rio Grande do Sul, prolongando-se, venha a tomar feição separatista, apezar da opposição que os chefes militares devem, creio eu, fazer a esta idéa anti-patriotica. — Já se fala hoje de terem substituido a bandeira nacional, por outra, branca com globo encarnado! Ainda que nos falleça qualquer meio de influir na marcha dos negocios, esses acontecimentos muito nos preoccupam e entristecem; pois a conservação da integridade do Brasil é nosso maior desejo. — *Gastão de Orleans.*”

Seja a segunda, uma de Guerra Junqueiro. Simples e curiosa, ella trae a inteira camaradagem que entre ambos se estabeleceu e revela no poeta que escreveu os versos mais sonoros e

coruscantes da lingua portugueza e que a gente imagina pomposo como os seus poemas um homem singelo, affectuoso e chão.

“Caro amigo:

Chegou a receber ha mezes uma carta em que eu lhe pedia que me assignasse varios jornaes e que me remettersse variadas drogas homeopaticas? Duvido, porque não tive resposta.

As drogas felizmente dispenso-as, porque vou melhor. Assigne-me apenas o *Intransigent* por meio anno. E diga-me quanto lhe devo.

Suppõe talvez que me esqueci da sua afidalgação em Christo Senhor Nosso? Engana-se.

Escrevi ha dias ao Ramos Gomes a saber disso. Ahi vae a resposta. Verá por ella que póde desde já ir preparando o borrãozinho redondo e vermelho do sangue do Redemptor, com que dentro de semanas marcará a roupa — estragando-a.

Estou aqui ha dois mezes quasi, tratando da viscera. Vae melhor. No entanto não irei antes de 15 dias para a piolheira babilonica do Terreiro do Paço.

Lembranças ao Barão d’Arinos, idem da Estrella e Paranhos. — Seu, G. Junqueiro. — Porto, Hotel de Paris, 31”.

Seja a ultima, de Eça de Queiroz. E’ a mais interessante de todas. O grande escriptor envia-lhe, em provas, o conhecido estudo que lhe consagrou na *Revista Moderna*, do sr. Martinho Botelho, e pede-lhe que o examine e que o emende.

Não é só a estreita, a doce, a terna amizade que um ao outro prendeu, até á morte, os dois escriptores que se reflecte nessa carta. E’ tambem, e sobretudo, a maneira de Eça comprehender e exercer o seu officio de artista. Sabe-se geralmente que, desgostoso sempre do que escrevia, não lhe era raro, nas provas dos seus trabalhos, refazel-os por inteiro. A carta é um testemunho disso. E’ testemunho tambem de que não differia muito, na correspondencia particular e no livro, o feitio do escriptor ou, por outra, de que se encontram nas suas cartas intimas os mesmos toques de fantasia e de bom humor, a mesma riqueza de côres e de vida que lhe deram ás obras o pittoresco e a força que as tornaram sem egual, em nossa lingua, como suggestão de idéas ou como representação do mundo exterior.

“Paris, 15 de Agosto 1898 — Querido Prado. — Antes de tudo o assumpto “Viagem”. Não posso ir, infelizmente! Tenho vinte e duas razões — mas só lhe dou as duas primeiras: o negocio da Serra, que não está decidido, não está adiado, e justamente neste momento reclama mais attenção e esforço; o negocio do *Ramires*, que os meus editores, muito prejudicados com as pavorosas demoras da *Cidade e Serras* e *Fradique*, me supplicam de findar, e rever, e ter preparado para livro, antes de elle passar todo na *Revista*. Se estes dous negocios, além dos outros vinte, tivessem uma leve tangente por onde eu me pudesse escapar, iria, amanha, já esta tarde, porque com o abafamento de Paris, e a solidão da casa e a extranha melancolia que se apoderou de mim, eu estava bem precisando de movimento, companhia d’amigo, e grande ar de montanha!

Mas quê! A libertação dos servos não se entendeu aos que trabalham nos chamados “campos da intellectualidade”; e de resto por todo o mundo cada vez ha mais escravos...

Agora, em quanto ao artigo. Foi uma derrota. Graças á indecente bosculagem do principio, e da qual Você *magna pars fuit*, eu metti á pressa por um caminho que trilhei, a gemer e a suar atravez da sua aridez, durante dez dias: e só ao fim é que descobri a fresca, risonha, assombreada vereda por onde devia ter vindo. Quer isto dizer em estylo menos asiatico que, em vez de fazer sobre Você um luminoso e agradável *tableau de genre*, fiz uma immensa, e tristonha e monotona *grisaille*, que inspira um incomparavel tedio. Ao ver nas provas a obra horrenda (porque não me deixaram sequer reler o original) decidi refazer o *trabalho todo* nas desgraçadas provas. E agora tinha largueza de tempo, porque depois da vertiginosa pressa, ou antes no meio della (!) o Botelho desapareceu, não sei para que vaga Suissa, e nunca mais tugio nem mugio. *Revista parada* — eu portanto com vagares... Refundi pois todo o monstro nas provas, mas debalde! Por mais desbastado e limado, e disfarçado, e ajanotado e *moucheté* de pequeninas e affectadas graças, o monstrengo ficou monstrengo. E’ o peor artigo de todos os meus artigos maus... E pensar que, se se tratasse d’um indifferente, talvez eu tivesse sido sublime!

Emfim ahi devem ir agora as segundas provas. Leia com resignação. E ao lado, a tinta azul, faça ao desvalido e indigente artigo, a esmola de alguma idéa, e até mesmo de algum adjectivo. Eu, depois, cá passarei esse bom metal para o meu cunho particular. Repare bem nas passagens que dizem respeito ao Brasil, Politica, etc.

E escreva. A Emilia e pequenos na Bourboule, onde estão bem, graças a Deus, e para onde tenho mandado os seus gritos de cima dos montes. Apresente os meus affectuosos respeitos á sra. D. Carolina, minha senhora, e para Você fraternal abraço do seu do C. — *Queiroz*”.

Estas cartas completam o estudo que se póde fazer de Eduardo Prado com o fragmento de correspondencia que tivemos

á nossa disposição. Se as de Eduardo confirmam a impressão lisonjeira que já tínhamos do escriptor e do homem, as dos seus correspondentes ratificam essa impressão, mostrando, pelo carinhoso abandono das expansões, pelo tom geral de camaradagem e franqueza, que o escriptor era dignamente apreciado pelos seus mais illustres confrades e que o homem sabia conquistar a confiança e o coração dos amigos.

Isto basta para justificar a divulgação dessa correspondencia.

PLINIO BARRETO.

RESENHA DO MEZ

MONOLOGOS

Os necrologios... Vive uma pessoa, toda a sua vida, rodeada de adversarios sem conta, tintos dos varios matizes imaginaveis do odio. Ha as antipathias gratuitas, que são as mais communs e as mais temiveis. Ha os rancores provenientes de aggravos verdadeiros ou suppositos, directos ou indirectos. Ha as birras oriundas de diversidades de ideias e de incompatibilidades de temperamento. Ha as rivalidades asanhadas, as invejas vêsgas, os despeitos surdos, as ingratidões mordedoras, as malevolencias mais absurdas, mais inexplicaveis, mais extranhas e mais disparatadas entre si pelas razões em que pretendem fundar-se, mas todas harmonizando-se á maravilha na mesma campanha de destruição. Ai! do nosso homem, se não consegue manter-se de pé! Ai! delle, se é apanhado de chôfre numa attitude falsa ou descuidosa, ahi por uma encruzilhada difficil da vida! E assim lhe correm os dias, sob uma atmospherá oppressora, entre ameaças, choques, aggrêsões, e hostilidades dissimuladas e fugitivas. A cada passo um obsta-

culo, a cada volta de caminho um assalto. A todo momento, como entre as brenhas habitadas de bugres, o sussurro distante dos inimigos invisiveis que o seguem, os olhos tôrvos, a setta hervada na mão, torcendo-se por traz das arvores, rastejando no solo. E a propria agua que bebe e as flores que aspira contém insidias laboriosamente engehadas... A principio o infeliz tenta lutar: mas reconhece que tem um objectivo a attender e que seria cruelmente estúpido não occupar a sua vida senão em defender-se e aggre-dir... Segue o seu caminho, compondo uma mascara de serenidade e de resignação. E ás vezes, seja por predisposição natural, seja por esse effeito de auto-sugestão que faz que os sentimentos simulados tendam a tornar-se reaes, a essa mascara corresponde a realidade interior que ella visa exprimir. Mas, abaixo della, abaixo da resignação e da serenidade, mesmo reaes, mesmo profundamente reaes, abaixo da região illuminada dos sentimentos nitidamente divulgados pela consciencia, lá na zona obscura onde se agitam vagamente as forças do instincto e as operações da vida mysti-

ca, vai-se depositando a pouco e pouco, ultimo residuo de toda experiencia, uma sangrenta ironia absoluta, conjugada a um desejo nirvanico de absoluto anniquilamento. Um dia, emfim, o lutador cae. Então todos os adversarios que até á vespera procuravam á compita vêr qual delles seria mais feroz no ataque ou mais requintado na perfidia, depõem os trabucos, escondem as navalhas, affixam um grande ar de melancolica superioridade, e vão depôr enormes ramalhetes e colossaes corôas de saudades sobre o corpo hirto e amarello onde já não arde a alma que envenenaram em vida. Então o morto resplandece de virtudes e qualidades que ao vivo se não quiz reconhecer para desconto dos seus defeitos e contrapeso á acção das odiosidades visceralmente calumniadoras. Oh! os necrologios... Esse bom e probó José Verissimo, que acaba de seguir para o primeiro e unico descanso, teve de certo algumas falhas, como critico, e praticou *necessariamente* algumas injustiças involuntarias. Em compensação, que nobre espirito! que honestidade intellectual e moral! e que correcção heroica na vida! Era o critico que, tendo embora a franqueza rude e o gracejo acidulado, nunca se preocupou com pessoas, nem quiz erigir os seus despeitos pessoaes em assumptos dignos de prender a attenção do publico; que sempre disse, custasse o que custasse, o que lhe parecia a verdade, quando julgava util e conveniente que ella se dissesse. E era o homem particular que nunca soube tirar partido da sua illustração, do seu

talento nem do seu prestigio para se firmar solidamente na vida, e sempre se resignou, melhor, teimou em ser pobre, pobre como qualquer burocrata de segunda ou terceira ordem, pobre como todos os que não têm herança e não sabem preparal-a aos filhos com sacrificio da sua independencia e com a domesticação da sua altivez. Em summa: um character. Só agora lh'o reconhecem... Mas será certo que lh'o reconhecem? — YORIK.

JOSÉ VERISSIMO

A *Revista do Brasil* teve a infelicidade, logo no inicio de sua carreira, de perder um dos seus collabores mais eminentes e um de seus amigos mais uteis: José Verissimo.



O illustre escriptor, que foi talvez o mais completo e mais equilibrado critico literario que o Brasil possuiu até hoje, devia honrar todos os numeros desta Revista com um estudo no genero daquelles que figuram nos seus volumes de *Homens e Coisas Brasileiras*. A perda desses trabalhos, grande para nós e para todos, vae ser irreparavel.

Ninguém exercia com maior autoridade, com mais competencia e com tanta nobreza, entre nós, o duro mister de critico do que José Verissimo. Profundamente illustrado e integralmente honesto, a sua critica era sempre uma sementeira de idéas, uma fonte de informações e uma obra de boa fé. A maledicencia futil das esquinas e dos cafés tentou descobrir intenções mesquinhas e deficiencias de espirito nas reservas com que, não raro, acolhia certas glorias que o nosso entusiasmo tropical frequentemente improvisa; mas o tempo encarregou-se de mostrar que onde apontavam debilidades de character e fraquezas intellectuaes só havia independencia de juizo e segurança de criterio.

Afinal, passou de moda dizer mal do critico e, hoje, poucos seriam os que lhe não acatassem a autoridade litteraria e não lhe respeitassem a força moral.

A sua obra, que não é só de critica, pois abrange, além de outras coisas, o conto e a pedagogia, não pôde, porém, nem deve ser analysada nesta secção e neste momento. Sel-o-á, mais tarde e no logar apropriado, com a meditação que provoca e o carinho que merece. Aliás, Mario Alencar, já lhe consagra, neste mesmo numero da *Revista do Brasil*, um esplendido estudo.

Estas linhas, mais de noticia que de analyse, visam unicamente assignalar o conceito em que tinhamos o nosso eminente collaborador, accentuar a importancia que davamos aos seus conselhos e exprimir a dôr que a sua perda nos causa.

A biographia de José Verissimo foi por elle proprio traçada no *Dic-*

cionario Biographico da sra. Viscondessa de Cavalcante, em 25 de Julho de 1897. E' a seguinte:

"José Verissimo Dias de Mattos nasceu na colonia militar de Obidos, á margem esquerda do Amazonas, na antiga provincia, hoje Estado, do Pará, aos 8 de Abril de 1857.

Filho legitimo do dr. José Verissimo de Mattos, medico, e de d. Flora Dias de Mattos.

Iniciou os estudos primarios em Manaus, capital do Amazonas, completando-os em Belém, capital do Pará, em 1868. Em 69, seguiu para o Rio de Janeiro, onde estudou os preparatorios no internato do Collegio Pedro II, e no Collegio Victoria, matriculando-se na antiga Escola Central, nesse anno transformada em Escola Polytechnica.

Atacado de molestia grave, foi forçado a abandonar os estudos, e voltou ao Pará, em meados de 1876. Em 77, entrou para a redacção do "*Liberal do Pará*", onde escreveu folhetins, artigos de fundo e outros trabalhos.

Em 78, depois de ter sido, por alguns mezes, empregado de escriptorio da Companhia de Navegação do Amazonas, foi nomeado, mediante concurso, official da secretaria do governo do Pará, onde serviu até 83, tendo sido, nesse intervallo, promovido a chefe de secção.

Em 79 fundou a "*Gazeta do Norte*", jornal trimensal, liberal adeantado, que pouco durou.

Com a saúde de novo muito alterada, foi em 1880, á Europa, tratar-se.

Achando-se em Lisboa, por occasião do Congresso Literario Internacional, que alli se reuniu, naquelle anno, nelle tomou parte, tendo en-sejo de, por duas vezes, defender o Brasil.

E, principalmente os literatos brasileiros, de fazerem "a pirataria litteraria", como alli se disse, apresentando uma memoria succinta, sobre o movimento litterario no seu paiz, a qual foi publicada, com nu-

meras incorrecções, no "comptendu" do Congresso. Foi após o Congresso, condecorado com a commenda da Ordem de Christo.

Voltando ao Pará, fez parte, de 80 a 84, da redacção do "Diario do Grão-Pará", escrevendo artigos de fundo e occupando-se de questões de instrucção publica e de critica literaria.

Fundou, em 1883, a "Revista Amazonica", que apenas durou um anno; promoveu a criação da Sociedade Paráense Promotora da Instrucção; fundou em 84 e dirigiu até 90 o Collegio Americano, onde, além de outras melhoras, estabeleceu, systematicamente, a educação physica, um curso completo de instrucção primaria integral, tentando, sem successo, e pela primeira vez na Provincia, a criação de um jardim de infancia, segundo o methodo de Froebel.

Convidado pela commissão organisadora do Congresso Anthropologico em Paris, e nomeado seu correspondente no Brasil, foi a Paris, em 1889, e lá tomou parte no 10.º Congresso de Anthropologia e Archeologia Pre-historica, no qual fez uma communicacão sobre o "Homem de Marajó e a antiga civilização amazonica". Na imprensa do Pará collaborou ainda na "Provincia do Pará", no "Commercio do Pará" e na "Republica".

Em 1890 foi nomeado director da Instrucção Publica do Estado do Pará, e encarregado pelo respectivo governador, dr. Justo Chermont, de organizar a reforma de todo esse ramo de serviço publico, o que fez.

Em 1891, veio para o Rio de Janeiro, onde em 1892, foi nomeado director do Externato do Gymnasio Nacional.

No Rio fez parte da redacção do "Jornal do Brasil" e collaborou na "Noticia", tendo em 1895 fundado a "Revista Brasileira" (13.ª deste nome), publicação quinzenal no genero das grandes revistas europeas.

Tinha a commenda de Christo, de Portugal, pelo motivo declarado e era socio do Instituto Historico e

Geographico Brasileiro, da Sociedade de Ethnologia e Anthropologia de Florença e pertencia á Academia Brasileira de Letras.

Publicou as seguintes obras: "Primeiras Paginas", 1878, 1 vol.; "Emilio Littré", 1880, folheto; "Carlos Gomes", discurso, Pará, 1882, 1 folheto; "Scenas da Vida Amazonica", Lisboa, 1886, 1 vol.; "Estudos Brasileiros", 6 vols.; "A Educação Nacional", 1891, 1 vol.; "A Instrucção Publica no Estado do Pará", 1890, 1 vol.; "A Amazonia", 1892, 1 vol.; "A Pesca no Amazonas", 1895.

PORTUGAL-BRASIL O MENSARIO ATLANTIDA

Para defender e representar as aspirações e os interesses communs do Brasil e de Portugal iniciou-se em Lisboa, sob a direcção de João do Rio e João de Barros, a publicação de um mensario artistico, litterario e social, sob o titulo de *Atlantida*.

São já publicados tres fasciculos em uma edição do mais distincto aspecto, cuja collaboracão define com evidencia o programma e garante o seu brilhante successo, no intuito de manifestar, em accordam da mais perfeita harmonia, a expansão intellectual dos dois povos.

Foi adrede escolhido o titulo desta revista, designação grega que representa um dos mais antigos mythos geographicos, expressão lendaria de uma crença vaga, de povos e tempos protohistoricos, nesse famoso hemispherio occidental que se estendia para além do monte *Atlas*, onde era então o cabo do velho mundo, e onde repousava a abobada immensa do céu, com a infinidade deslumbrante dos seus astros.

Das glaucas profundezas do oceano resurge essa terra de mysterio, cuja lembrança apenas ficou na tradição oral dos egypcios e chaldeus, mas que a arte grega encarnou nas linhas esculpturaes dos seus mythos olympicos.

E resurge mais uma vez para unir ao novo o velho mundo, reunindo todo esse occidente da terra, por onde se expandiram as aspirações de uma raça forte, tão velha quanto a humanidade.

Houve quem localizasse nos archipelagos ibericos do Atlantico os ultimos vestigios desse paiz submergido. Será ainda ficção e méra hypothese geológica; não é, porém, duvidosa a sua realidade como marcos actuaes do periplo seguido pela epopeia argonautica dos iberos, em demanda do eldorado occidental.

Os iberos teriam sido os atlantes da lenda e são os povoadores do novissimo continente da America latina.

A nova revista pretende ser organ dos atlantes de hoje, daquelles que são portuguezes e brasileiros, sem os separar ou distinguir nas manifestações da sua intellectualidade, como se ainda hoje povoassem em commum uma unica patria, essa *Atlantida* submersa, que não foi o eden da fabula egypcia, mas de verdade fluctuou sobre a superficie ondeante do oceano, por onde vaguearam os seus destinos.

Ao passo que em Lisboa se iniciava a *Atlantida*, organisava-se em S. Paulo a *Revista do Brasil*, que no mesmo pensamento de harmonia nacional convoca a collaboração de portuguezes como aquella de publicistas brasileiros.

Não pode haver mais completa concordancia no synchronismo destas iniciativas, que é impulsionado pela determinante das condições ethnicas e historicas em que se geraram as duas actuaes nações.

Qualquer das duas revistas tem nesta orientação culminante do seu programma a mesma visão final. Por vario que seja o plano literario ou artistico, a gloria do seu successo é commum e representa um esforço, uma energia potencial, que provém da recondita genése do povo, é expressão original da alma da raça; não ha systema social ou politico, dissensões ou luctas de interesses, que por completo a destruam.

Reapparecem de quando em vez na historia dos povos, como na historia da terra, movimentos de resurgimento das camadas inferiores que são o substracto da nacionalidade; modernamente reproduz-se este phenomeno, que é de concentração e defesa, de renascimnto das unidades ethnicas que compõem as nações. Em um artigo do 2.º fasciculo da *Atlantida* o sr. Victor Vianna define com singeleza e precisão esta tendencia actual, que cumpre acompanhar, para integração dos povos da mesma estirpe que falam a lingua portugueza. Não podia ter mais clara e expressiva apresentação a revista de Portugal-Brasil!

E cumprirá a observancia deste methodo tradicionalista não só em relação ás produções literarias e artisticas como tambem á constituição e gestão politica das republicas. E', pois, o auspicioso resurgimento da *Atlantida* que cordialmente saudamos; se porventura for um mytho ou illusão, que seja tambem crença e ideal. — R. S.

NACIONALISAÇÃO DA ARTE

A déa de nacionalismo anda agora em todos os espiritos. Esta mesma revista, na sua pacifica missão civilizadora, é um fructo dessa idéa. Um dos aspectos mais interessantes que ella apresenta é o que diz respeito á literatura. Até que ponto será licito a um escriptor ou um artista, sem cahir em imitação ou perder o cunho nacional, até que ponto lhe será licito nutrir-se das idéas, da fórmula, do estylo que lhe fornecem as artes e literaturas estrangeiras? Eis ahi uma difficil questão a que o sr. Affonso Arinos, occultando-se sob o velado pseudonymo de Gil Cassio, deu, ha annos, uma resposta brilhante.

Um jornal do Rio, a "Gazeta de Noticias", abriu um concurso literario. O sr. Affonso Arinos, ainda quasi desconhecido como escriptor, enviou-lhe um dos seus contos — a "Esteireira". O conto foi premiado. Mas alguém, que adoptou o supposto nome de Joaquim Alves, extranhou, entre outras cousas, em artigo publicado na "Gazeta", o caracter demasiado violento de certas scenas do conto, reputando-as incompativeis com a indole do nosso povo. O sr. Arinos retrucou-lhe. E é desse artigo, verdadeira monographia sobre o assumpto, hoje completamente esquecido, que fazemos este apanhado.

"Uma scena do sertão, diz o sr. Arinos, não é por certo uma partida de *cotillon*, delicada, comedida, escoreita, onde as casacas elegantes realçam a immaculada brancura dos peitinhos, e os seios tumidos das damas, barbaramente enjaulados nos corpetes de ruidoso setim, aneiam por um pouco de liberdade, na perseverante ondulação; nem aproveitou aos sertanejos o ensinamento da civilização de Roma, cuja lingua quasi desconhecem ainda nas rixas do povileo e nas desenvolturas dos lupanares, os termos grosseiros, obscenos.

"Demais, quanta scena violenta ou inverosimil para muitos se en-

contra em obras immortaes? Que se dirá do final do "Hamlet"? Não será tambem inverosimil a paixão egoistica e despotica de Western por sua filha no glorioso "Tom Jones", de Henry Fielding? Por outro lado, quanta verdade não ha na inverosimilhança do anthropomorphismo da India, na alliança de Roma com o rei dos macacos, com o tetrarcha dos voadores, e mais este e aquelle bruto, para se fazer a conquista de Ceylão?

Que diremos hoje das façanhas de Siegfredo, dos amores de Gunther nos Niebelungen, das proezas de Gaul nos *Poemas Gaelicos*? Se não houvesse verdade no meio desse vortice de idéas e de factos, não seriam obras literarias, não seriam monumentos da civilização de cada povo, porque quando a obra literaria não traduz um estado de alma, não reflecte um cyclo da vida de um povo ou não toma a natureza no facto, jamais será obra de arte, mas uma impostura de burlão.

"Quem sabe sentir e sabe dizer o que sente, é escriptor, é artista. Assim, pois, a critica deve syndicar dessa harmonia, dessa concordancia no dizer com o sentir, ou, quando a obra literaria é antes objectiva, deve analysar se o facto observado o foi finalmente, por uma de suas faces, conforme a feição do temperamento ou a individualidade do artista.

"Fingir sentimentos ou não os ter vibrantes, energicos e originaes, leva o escriptor a imitar, haurindo seiva em fonte extranha, affeiçoando-se a fórmulas peregrinas, servindo-se dellas como "filhos ingratos ao primeiro leite", no expressivo dizer de Jacintho Freire".

Essa é, continua o sr. Arinos, a balda antiga de muitos dos nossos talentos. Fazem obra perfeita, não ha duvida. Mas simplesmente perfeita. Porque nellas, não só a fórmula como o sentimento é extranho ao nosso meio. Um conto de Goncourt ou de Mendès, ainda que escripto em portuguez e publicado no Rio, será bello, mas não será literatura

nossa. E, como planta exótica, fugiria á missão social da arte. Isto não importa negação da influencia da literatura estrangeira. Fôra absurdo pretender a sua supressão. Mas admittindo-a, não quer dizer que se deva admittir uma fórmula literaria não correspondente a nosso estado de civilização, a nosso genio, que seria uma fórmula postíça e portanto falsa. O escriptor é livre de tomar por objecto qualquer thema extranho. O essencial é que receba, sem perder o cunho nacional, as impressões do paiz extranho. E' o caso de Loti. Por acaso é turco o seu modo de sentir a vida turca? Quem não reconhece nas paginas de *Stamboul* a requintada sensibilidade gauleza, como seu cunho proprio? E igualmente, Gustavo Flaubert, em *Salambô*, applicou seu sentimento á antiquissima Carthago e sentiu a vida carthagineza de outr'ora. Mas o fez como um francez moderno. Assim, Goethe, em sua *Iphigenia na Taurida*, batida sobre o molde da celebre tragedia grega de Euripides, sentiu a poesia dos hellenos como filho do seculo XVIII. Foi, por isso, comprehendido. O mesmo não succedeu a Gessner que, sendo allemão, não "fez mais do que mentir á sua terra, mentir ao seu meio, mentir á natureza de seu clima, pintando a Allemanha, segundo nota um critico, como uma terra encantada, um jardim de flores, uma Grecia com suas eglogas e cujas planicies branquejadas de rebanhos eram palmilhadas por outras Chloés, buscadas de longe pelos anhos tenros e baladoras ovelhas. Essa natureza de convenção, e o estylo galante, e as flores da poesia pastoril, como tudo quanto é irreál e ficticio, tinham de tombar ao advento da verdade na arte, com Goethe".

A influencia estrangeira, pois, deve existir, e existe, em nossa literatura. O que é condemnável, o que se não deve admittir, é o modo de sentir ou a fórmula estrangeira. Porque, desde que uma obra literaria não seja um "simples brinco de imaginação nem o capricho isolado de

uma cabeça encandescida", mas um meio de se conhecer a maneira de sentir e de pensar dos povos, deve, a não passar de pura convenção, corresponder ao estado de civilização de cada povo.

A imitação revela ou a inferioridade de um povo, no ponto de vista da capacidade criadora, ou sua decadencia. Como exemplo do primeiro caso, temos os phenicios, "cuja arte, segundo os apoucados exemplos que nos legaram em Creta, era pura imitação da arte egypcia e chaldaica, e, no segundo caso, os hellenos de Alexandria, que, apesar da multiplicação das cadeiras de ensino, das collecções de manuscriptos e dos materiaes diversos da sciencia, não tiveram genios creadores nem originalidade artistica ou literaria. Puderam ter curiosos, delicados, eruditos, sabios e criticos notaveis; constituiram o *kanon*; seus poetas e artistas tiveram porventura elegancia e pureza de estylo, mas essa geração só produziu para a arte commentadores, scholiastes, espiritos judiciosos, porém impotentes como o celebre Aristarcho de Samothracia".

Nós não somos um povo inferior, nem decadente. Apenas não attingimos ainda á maturidade de nação, no sentido scientifico do vocabulo, isto é, de agremiação politica e social, tendo um pensamento, um sentir, uma acção, que sejam verdadeiramente a synthese da energia collectiva. E assim não devemos consentir que a arte brasileira, recém-nascida á cohesão do sentimento autonomico, se sirva de fórmulas peregrinas, quando lhe devemos imprimir o sainete propriamente nacional.

A arte tem, de resto, uma missão social, que precisamos encaminhar ao seu fim para não trahirmos o nosso papel de membros intelligentes de uma communhão. Em taes circumstancias, é bem de vêr que as obras calcadas sobre moldes estrangeiros, quando estes exprimam um estado de civilização differente, perdem o caracter de documentos para o estudo da psychologia de

um povo e trahem, portanto, a missão social da arte.

“Imaginemos Verlaine ou Mallarmé, diz o sr. Arinos, dominando a poesia no Brasil, Goncourt o romance; Wagner a musica; imaginemos mais o socialismo em politica, o pessimismo de Schopenhauer ou de Hartmann em philosophia, — tudo isso serão puras ficções, formas convencionaes que mentem ao periodo actual do nosso desenvolvimento social e politico.

“E’ a mesma coisa que dar á Inglaterra de sir Thomas Burton, á Inglaterra puritana, em que John Stranger era chamado “tres vezes santos e senhor Deus”, recebendo as mysticas adorações de Sarah Blackbury entre as palavras cheias de piedade e unção religiosa — “levanta-te, meu amor, pomba divina, belleza minha!” — dar a essa fervente Albion daquelle tempo a satyra, a livre critica, o scepticismo de Voltaire no seculo XVIII, ou de Max Nordau nos tempos que correm.”

Depois do que fica dito, conclue o sr. Arinos, “compreende-se que exigir delicadeza no estudo de temperamentos sanguinarios e ferozes do sertão, embora lá tenhamos tambem idyllios e branduras, é exigir da valentia de Ribera ou extremo vigor de D. Diego da Silva (Velasquez), em seu *Cuadro de las Lanzas*, a doçura divina de Murillo; exigir de Goya, o pintor de sangue, da guerra, o autor brutal e violento de scenas violentas e brutaes, como o espingardeamento dos patriotas hespanhões, no fresco improvisado sobre um muro, — a delicadeza inegualavel de Fortuny, ao traçar estas figuras *harto hidalgas de Caballeros* que, depois de terem passado pela *Puerta del Sol*, vêm escolher modelo, tendo nos olhos, mas só nos olhos, em fugaz lampejo, temulentas expansões de volupia.

“Além de que, mesmo nos grandes salões de tectos altos, com finissimas obras de talha e pinturas a fresco, quantas vezes os bronzes de Mercier, as estatuas de Saxe, os

bustos de Thorivald e os tapetes Aubusson têm testemunhado o desnudamento da polidez no animal humano, vendo-o immergir, fóra das roupagens da cortezia do seculo, como o *homo hominis lupus*, igual ao mestiço bravio e indomito dos sertões?”. — R.

BELLAS ARTES

PINTURA



Dentre os pintores estrangeiros que deram ao Brasil a sua preciosa collaboração artistica, o nome de Thomaz Driendl deverá ser lembrado com carinho. O sympathico pintor allemão que acaba de fallecer, aos 68 annos, no seu retiro da Boa Viagem, em Nietheroy, passou no Brasil grande parte da sua vida, aqui constituiu familia e produziu a maior parte da sua obra artistica.

Nasceu em Munich em Abril de 1849 e foi educado pelos jesuitas de Lauterach, na Baviera, para seguir a carreira commercial. Mas, a sua vocação para a pintura era irresistivel; a pinacotheca de Munich era a sua maior attracção e alli passava a

copiar quadros e desenhos, até que entrou para a Academia.

Veio para o Brasil em 1879 e logo depois expoz no Rio o seu quadro — “Scena de familia na Baviera” — que foi vendido na antiga Galeria Wilde, a Ferreira de Araujo, por 1:800\$000, e hoje pertence á galleria da viuva do Conde de Pinho.

De Munich tambem trouxe outro quadro de genero — “Uma Dama do tempo de Luiz XV, lendo uma carta”, que está com o sr. João Pinto Vieira.

No Rio, Thomaz Driendl em pintura deixou os seguintes trabalhos: restauração do tecto da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia; restauração da antiga Capella Imperial; dous retratos do fallecido Conselheiro Ferreira Vianna, um no consistorio da egreja da Candelaria (que talvez esteja estragado) e outro, corpo inteiro, na Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia; uma Nossa Senhora, que pertenceu ao Conselheiro Ferreira Vianna; outro retrato do Dr. Ferreira Vianna, que pertence ao Dr. Pires Brandão; retrato do Dr. Joaquim Murtinho, corpo inteiro, que pertence á familia desse fallecido estadista; retrato da Senhora D. Isabel, Condessa d’Eu, que se achava com o Conselheiro José Bento de Araujo; retrato do sr. Conselheiro Rodrigues Alves, no Palacio do Governo, na cidade de Fortaleza; retrato do fallecido Commendador Laranja; retrato de uma filha do Conde de Pinho; retrato do Sr. Dr. Nilo Peçanha, no edificio do Thesouro, e retrato do Sr. Conselheiro Dr. José Carlos Rodrigues. Além destes, deixou mais os seguintes quadros de

genero: “O ourives”, que fazia parte da collecção do fallecido Visconde de Antunes Braga; “Depois da Procissão”, pertencente ao sr. Gomes Brandão; “Caçador infeliz”, que foi adquirido quando exposto pelo fallecido Sr. Augusto Weguelin, sem contar diversas cabeças de expressão.

Era muito apreciado como retratista, pela sua faculdade de reproduzir a feição espiritual dos seus modelos.

Driendl era tambem architecto, e deixa alguns predios no Rio, construidos sob sua direcção. Não lhe era extranha a esculptura, tendo trabalhado por algum tempo na Faculdade de Medicina como modelador de cera em peças anatomicas.

Thomaz Driendl, pintor notavel, era um artista de grande sinceridade não só na sua obra, como nas relações com os outros artistas, aos quaes não regateava elogios, quando elles os mereciam. Assim procedeu com Belmiro de Almeida, com Henrique Bernardelli, Elyseu Visconti, João Baptista da Costa, Lattour e Raul Pederneiras, cuja feição caracteristicamente nacional lhe era muito sympathica. — N.

MUSICA

A sociedade paulista teve ensejo, no dia 31 de Janeiro proximo passado, de manifestar á distincta pianista brasileira, sra. Antonietta Rudge Miller a grande sympathia que lhe vota, concorrendo ao “recital” especial que a nossa apreciada artista realisou, nesse dia, no salão do Conservatorio.

Admirada e festejada desde muito nova ainda pelas manifestações

precoces do seu privilegiado talento, não tivera a sra. Rudge Miller, todavia, ocasião de receber em São Paulo, num concerto exclusivamente seu, as homenagens que lhe são devidas, hoje, que ella se pode considerar uma artista com a sua individualidade bem firmada, e possuidora de uma independencia que lhe permite interpretar com plena consciencia, atravez do seu temperamento, as obras que fazem parte do seu notavel repertorio.



O numeroso e selecto auditorio bem o comprehendeu assim e espontaneamente lhe manifestou, de modo inconfundivel, todo o seu sincero e vibrante entusiasmo.

Para nós, que de ha muito esperavamos a ocasião que nos permitisse a expansão franca da nossa opinião a respeito da distincta pianista, esse concerto foi de toda oportunidade, e nas columnas do "Estado de S. Paulo" deixámos consignada a nossa opinião no dia seguinte ao seu "recital".

Honrados, agora, com o convite para transmittir aos leitores desta novel Revista as nossas impressões sobre o movimento musical que se opera neste meio, só podemos com

relação ao concerto da sra. Rudge Miller repetir em traços geraes os conceitos que a seu respeito já fizemos no considerado jornal matutino.

Somos dos que sentem que o temperamento da nossa presada patricia, caracterisado pela mais encantadora suavidade e a mais extrema meiguice, melhor se revela nas obras de doce e lyrica expressão, do que nas de accentuação intensamente apaixonada, e de impetuoso vigor, ainda que a sua technica portentosa lhe permitta vencer os mais escabrosos problemas da execução do seu instrumento.

Estamos certos que a distincta artista é capaz de comprehender a feição dramatica e possante de que se revestem taes obras, mas, a sua natureza tão avessa aos sentimentos violentos ou impulsivos, impede-lhe naturalmente a perfeita realisação de tão energicas expressões.

E do que ahi affirmamos tivemos a prova na sonata de Beethoven, op. 57. Justamente nas partes lateraes dessa sonata, nas quaes, segundo Wasielowsky, as paixões se manifestam sem peias em toda a sua potencia, faltou á nossa pianista a faculdade de nos transmittir o vigor masculino, a intensa dramaticidade nellas contidas; assim tambem, na essencia da "Mephisto-Valse" de Liszt, cujos contornos caprichosos de caracter satânico carecem para sua exteriorisação de uma expressão masculina e vigorosa, não nos agradou inteiramente a distincta interprete.

E' que o temperamento deliciosamente feminino da sra. Rudge Miller consegue vantajosamente dar largas á sua expansão no genero que requer para sua justa execução os

attributos de delicadeza e affabilidade.

Com o seu precioso colorido de meias tintas que, atravez artisticas "nuances", se esfuma nos mais sub-tis "smorzandi", consegue a nossa pianista dar o maximo realce á execução de peças como a "Berceuse", os nocturnos, de Chopin, o "Jeu d'eau", de Ravel, a "Rigaudon", de Rameau, entre outros, e ahi ella attinge á grande superioridade de expressão.

E' possivel que o nosso modo de apreciar a distincta pianista, d. Antonietta Rudge Miller, desagrade aos que têm por norma louval-a incondicionalmente, e que pretendem não ser possivel prestar-lhe a devida homenagem, desde que se acceitem com certas reservas as suas interpretações de algumas obras.

Nós pensamos, porém, que a uma artista do quilate da sra. Rudge Miller se podem fazer taes reparos, sem que, por isso o seu incontestavel merecimento soffra o menor desprestigio.

Grandes mestres, como Rubinstein, Hans von Bülow, entre outros, soffreram e soffrem igualmente da critica analyses nem sempre favoraveis ás suas interpretações; ninguém pretende com isso, porém, menoscar o valor altissimo de suas personalidades artisticas. — F.

BIBLIOGRAPHIA

"O MAR DA NOITE"

GOFFREDO T. DA SILVA TELLES — "O Mar da noite" (acto em verso) — Francisco Alves & C.^a — Rio de Janeiro e S. Paulo — 1915.

Este livro é uma revelação: a revelação de um talento. Talento que nos parece indiscutivel: não é como tantos outros que deixam no espi-

rito do leitor duvidas, restricções, reticencias. Impõe-se.

Não quer isto dizer que este acto em verso seja para ahi uma perfeição e um assombro. Em primeiro lugar, trae demasiado a influencia de Rostand, e até do Rostand da *Princesse Loiraine*; essa se manifesta nos proprios dizeres em prosa, que abrem as scenas, e vai ainda mais longe — mostra-se na propria côr e disposição da capa, azul com letras azues, como as primeiras edições das peças do poeta francez... Em segundo lugar, ha talvez um pouco de monotomia na expressão, muito repetida, da idéa central do poema — a idéa de que o sonho é tanto melhor quanto mais remoto, de que o sonho alcançado se esvae como fumo. Accresce que esta idéa tem sido explorada ultimamente por numerosos poetas, inclusive pelo proprio Rostand. Em terceiro lugar, o poema tem defeitos de technica e de linguagem, — alguns versos frouxos, ou duros, alguns periodos pouco claros, alguns rebuscamentos, e alguns deslises de vernaculidade. Mas, nada disto tem grande importancia. O que se nos afigura muito mais importante, e o que sobretudo nos interessa, e nos alegra, é que o poema é a revelação de um forte talento. Bem architectado, bem conduzido em suas linhas geraes, cheio de emoção e de vigor, tem trechos francamente bellos, que não parecem de um estreatante, e deixa, no fim, uma viva impressão de conjuncto. De quantos livros que por ahi apparecem se poderá dizer o mesmo, com a sinceridade que pomos nestas palavras?

Seria justo que documentassemos esta rapida apreciação. E ser-nos-ia um prazer podermos fazel-o, transcrevendo alguns trechos. Mas isso não se compadece com o espaço de que dispomos nesta resenha, que deve ser muito rapida. Os leitores, entretanto, poderão fazer melhor: procurem o livro e leiam-no. A critica, a seu tempo, ha de render justiça a este joven autor (supponho-o joven) que tão galhardamente se apresenta. — A.

O BRASIL E OS JESUITAS

DR. NELSON DE SENNA — *A contribuição ethnographica dos Padres da Companhia de Jesus e dos chronistas leigos dos primeiros seculos.* — O dr. Nelson de Senna, conhecido publicista mineiro, distribuiu em folheto a these, com o titulo acima, que apresentou ao Primeiro Congresso de Historia Nacional.

O seu trabalho, feito com muito cuidado, resume optimamente os actos principaes dos Jesuitas no Brasil, apontando os serviços inestimaveis que nos prestaram e, embora não esconda as vivas sympathias do Autor pela ordem a que tanto deve a nossa civilização, é obra de justiça e de imparcialidade.

Depois de agir, o jesuita escreveu e o que elle escreveu é um rico manancial de estudos patrios. São estas, segundo o sr. Nelson de Senna, as escriptas principaes em que o jesuita deixou as melhores noticias da nossa gente e da nossa terra: *Historia Societatis Jesu*, do classico chronista geral da Companhia, padre Nicolau Orlandinus (Antuerpia, 1620; a obra do padre J. P. Maffei sobre as *Chronicas da Companhia de Jesus*, do padre Sacchini; a *Historia das Missões Jesuiticas*, do padre Luiz de Gusmão; a *Historia das missões jesuiticas na India, Africa, Brasil e Japão* (16 livros no original latino, impresso em Bergamo, anno de 1590); as *Cartas do Japão, Peru' e Brasil, enviadas ao Reverendissimo Padre Geral da Sociedade de Jesus pelos da dita Sociedade, que se empregam nessas regiões á conversão dos gentios* (collecção editada em francez, 1578, por Theod. Brunnes, havendo um resumo dos pontos nellas referentes ao Brasil, publicado por A. L. Garraux, Paris, 1898, na sua *Bibliographie Brésilienne*; a *Vida dos Varões illustres da Companhia* do padre Euzebio Nieremberg; as duas *Relações*, editadas ambas em italiano (Lisboa, 1757, Siena, 1758) sobre quanto praticaram os religiosos jesuitas das

provincias de Portugal — Hespanha, nos dominios ultramarinos das duas monarchias (isto é, no Brasil, Paraguay, Uruguay, etc.); a *Chronica de Portugal da Companhia de Jesus*, pelo padre Balthazar Telles (ed. de Coimbra, 1645-47); o *Thezouro Indico*, por Pedro Jarich; os estudos sobre a vida e feitos de Josepha d'Anchieta pelos padres Simão de Vasconcellos, Pedro Rodrigues, Estevam de Pateruma e Antonio Franco, dr. Teixeira de Mello e cavalheiro Charles e Sante Fey.

Na *Bibliotheca Scriptorum Societatis Jesu*, obra começada em 1602 pelo celebre theologo padre Pedro Ribademeira, continuada até o anno de 1642 pelo padre Philippe Alegarnhe e publicada, em 1676, em Roma, sob os cuidados do jesuita Nathanael Sotwol, que a completou até o anno anterior (1675) e na monumental edição franco-belga da *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus* (Bruxellas-Paris, 1898) do padre Carlos Sommervogl encontram-se tambem os mais completos esclarecimentos biographicos sobre tudo quanto praticaram os jesuitas, no Brasil colonial, durante os seculos 16, 17 e 18.

Em relação ás explorações geographicas as contribuições ethnologicas da região amazonica, durante o seculo 17, ninguem pode olvidar a obra do jesuita Christoval d'Acenra, companheiro dos capitães Pedro Teixeira e Pedro Favella na exploração do rio Amazonas, desde a fronteira peruana até as costas brasileiras, na embocadura do Rio. Dessa obra ha uma edição franceza de 1682 feita por Claude Barbier. A primeira edição, feita em Madrid, em 1641, é em lingua hespanhola e traz este titulo: *Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas. Por el padre Christoval de Acuña, religioso de la Compañia de Jesus, y calificador de la Suprema General Inquisicion. Al qual fué, y se hizo por ordem de su magestad, el año de 1639, por la provincia de Quito en los Reynos del Perú*".

Em 1891 a edição castelhana dessa obra foi reimpressa e é hoje encontrada na livraria do sr. Karl W. Riersemann, em Leipzig.

Na tradução franceza o que ha de interessante são, em appenso, os jornaes da viagem dos jesuitas francezes, J. Grillet e F. Bechamel, feita em 1674, na Guyana. Encontram-se nelles curiosos detalhes das relações commerciaes do Brasil septentrional com a Guyana. A estas indicações bibliographicas, cuja importancia é patente, o sr. Nelson de Senna accrescenta muitas outras. Tudo sommado fica o seu folheto um trabalho de grande preço para o estudioso da nossa historia. Poupa-lhe uma série de investigações difficeis e dispendiosas. — P.

HOMENS E COISAS NACIONAES

O BARÃO DE PARANAPIACABA

João Cardoso de Menezes e Souza, barão de Paranapiacaba, professor, magistrado, literato e financeiro, era paulista. D. Pedro II e os maiores estadistas do Imperio deram-lhe sempre as maiores amostras de apreço.

Homem de character, um facto trata-o de corpo inteiro.

Cardoso de Menezes desempenhava o cargo de director do contencioso do Thesouro e exercia as funcções de fiscal do governo junto á *Perseverança Brasileira*, associação abolicionista, presidida por João Fernandes Clapp.

Por maonbras politicas, forgicou-se contra a directoria da sociedade uma accusação de desvio de dinheiro e o seu presidente foi intimado a comparecer na policia. Cardoso de Menezes desgostou-se com um acto da policia e manifestou publicamente, pelo *Jornal do Commercio*, o seu desgosto. O chefe de policia agastou-se, por seu turno, e abriu contra elle uma tremenda campanha de diffamação. A politica metheu-se no

meio e o então ministro da Fazenda, Francisco Belisario Soares de Souza, deixando-se dominar pela paixão partidaria, procurou obter do Imperador a demissão de Cardoso de Menezes do cargo que ha 2 annos occupava no Thesouro.

A Imperador, que estimava muito Cardoso e lhe conhecia o valor, não accedeu ao desejo do seu ministro. Belisario mudou, então, de proposito e de tactica e conseguiu que o Imperador aposentasse o velho funcionario.

Cardoso, informado do facto, correu logo ao paço, a interpellar o soberano. D. Pedro explicou-se:

— O ministro não viu o despacho; mandara o decreto pelo presidente do conselho, com a declaração que, se não fosse assignado, retirava-se. De nada valeu haver eu opinado que não me parecia justa a medida. O ministro da Fazenda está negociando um emprestimo. Não podia eu preferir o funcionario, por mais graduado que seja, ao membro do governo, que tem prudentes providencias de alto alcance. Seria alterar o systema seguido, inalteravelmente, até hoje. Continúe a frequentar-me e fique na certeza que lhe darei, em toda a parte, mais do que hoje, demonstrações de consideração e estima. Paciencia e moderação!

Cardoso de Menezes não se foi satisfeito e no dia seguinte publicava no *Jornal do Commercio* um artigo em que, além de outras coisas, se lia o seguinte:

“Conscio de que não mereci o estigma com o qual me tentou desairar o sr. ministro da Fazenda, cujo conceito individual, por mais autoridade, não é o da consciencia publica, é-me impossivel resignar-me á aposentação, que me foi imposta como castigo.

Demissão é que S. Exa. devia ter conseguido do Imperador, uma vez que na concha da balança da justiça fez a autoridade de sua palavra para affirmar como real e verdadeiro o motivo (não sabido por mim) da punição, que me infligiu.

Os vencimentos que me deixou como *condescendencia á idade e ao longo exercicio do cargo*, constituem uma esmola, que não posso acceitar, sem offensa á dignidade.

Destas faculdades, que ha dezenas de annos têm sido explicadas á causa publica, ainda sinto vigor bastante para trabalho aturado, que me proporcione os meios de completar a educação de meus filhos, acostumados a venerar seu pae e a quem me vejo embaraçado de responder, quando me pedem explicação desta aposentadoria.

Constrangido, aos 59 annos, a começar nova carreira, atirando-me ás incertezas da advocacia, espero que me sobrarão algumas horas de lazer para dedicar-me ao estudo dos negocios desta minha patria, a quem tanto e com tanto entranhado amor hei servido, e que não é responsavel pela injustiça e ingratidão de alguns de seus filhos."

Cardoso não só recusou os vencimentos da aposentadoria como se demittiu de todos outros cargos que exercia.

Outra prova da firmeza do seu character. Quando José do Alencar criticou severamente a *Confederação dos Tamoyos*, de Gonçalves Magalhães, D. Pedro II pediu a Cardoso que entrasse na polemica em defesa do poeta — Cardoso recusou. Entre o desejo de agradar o imperador e o dever de fidelidade á amizade que o ligava a José de Alencar venceu este ultimo.

Se o homem foi grande pelo character, o literato não foi tambem dos menores. Poeta distincto, se não se elevou em vôos demasiado altos, deixou entretanto produções de um valor incontestavel, já pelas suas qualidades de emoção e sensação, já pelas duas exigencias de vernaculidade, pela variação do metro, pela riqueza dos rhythmos.

A parte de sua obra que mais avulta é a que se compõe de traducções, mas nem, por isso, é inferior ás outras partes.

Algumas de suas traducções, como o do *Jocelyn*, de Lamartine, valem os originaes. Só lhe faltou uma cousa — geração da Academia de Letras. (Antão de Moraes, *Revista de Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas*).

VICTORIANO DOS ANJOS

Em 1853 as obras da Matriz-Nova de Campinas, iniciadas quarenta e seis annos antes, ficaram paralyzadas. Faltava sobretudo um entalhador profissional que trabalhasse as madeiras. Resolveu-se trazer um de fóra e o escolhido foi um bahiano já edoso, de nome Victoriano dos Anjos. Era um artista notavel e deixou nas obras que dão preço áquelle templo um attestado perenne da sua rara capacidade. Emilo Zaluar, examinando-as em 1862, escreveu: "Tenho visto poucos trabalhos tão peregrinos executados em madeira. E' um poema de flores, arrendados, columnatas, arabescos, grinaldas, flôres enlaçados com profusão e symetria, belleza e unidade, traduzindo as idéas de uma alma de poeta, sob as formas mais puras, graciosas e sublimes que se podem reproduzir pelo cinzel do esculptor".

Julia Lopes, por seu turno, dizia em 1883: "Nunca me extasiei pela architectura da matriz, que o meu acanhado espirito não define; mas tenho reflectido seriamente em frente ao caprichoso lavor de seus altares, desses festões de flores trabalhados com mimoso desvello e elevada arte, Victoriano foi o primeiro entalhador, o grande fantasista, o habil recortador daquelles rendilhados thronos, um poeta na escultura, um lyrico sonhador de imaginação fugaz".

Concluida a obra, o artista, caiu na miseria. Certa vez encontraram-no em uma das ruas estendido no chão, prostrado pelo cansaço e pela fome.

Um outro artista, Francisco de Paula Marques, condoido da sua sorte, lançou em Campinas a idéa

da fundação de uma sociedade que fosse amparo e auxilio aos artistas desvalidos. A idéa medrou rapida e a 19 de Setembro de 1869 surgia em Campinas a *Sociedade Artistica Beneficente*, hoje bem decahida, em cujo seio Victoriano dos Anjos encontrou agasalho para os dois ultimos annos de vida que ainda lhe restavam.

O pobre artista falleceu em 30 de Julho de 1871, com 106 annos de idade. (B. Octavio, *Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas*).

QUESTÃO ORTHOGRAPHICA

A questão orthographica, surgindo de vez em quando á tona da polemica pelas folhas diarias, denuncia algumas tendencias morbidas contra as quaes é preciso que de sobre-aviso se ponha a opinião das pessoas sensatas.

A reforma portugueza não tem, como dizem os proprios reformadores, a intenção de criar uma orthographia phonetica. Inutil advertencia, pois que, para tanto, mister lhes fôra proceder mais radicalmente e começar pela reforma do alphabeto, ou talvez pela criação de outro, como em 1854 fizeram os philologos dirigidos pelo cavalheiro Bunsen.

Não sendo phonetica, a reforma portugueza fica apenas reduzida a um processo simplificativo. Mas ainda assim é condemnavel por se oppor á tradição, procurando substitui-la por decretos academicos, ou mesmo politico-administrativos.

Se ha cousa em que omnipotente se mostre a força do uso, é certamente essa linguagem. A reforma portugueza contraria de frente o uso estabelecido e acceito e não obedece a nenhum principio philosophico. As palavras vivem não sómente como sons, mas como grapias. Tudo nellas nos fala ao espirito sob essa dupla apparencia. Uma carta cheia de bellos pensamentos, mas irrisoriamente cacographada, jamais produziria o effeito que della fôra de esperar, se correctamente escri-

pta. Alterar, portanto, a graphia de um vocabulo não é menos grave do que lhe perturbar a pronuncia. Se esta, sob o influxo mesologico, tende a modificar-se, e finalmente remedio não ha senão acceitar a modificação, o mesmo prudente systema temos de observar no tocante á graphia. Dir-se-á que na linguagem falada ha uma resolução a que cumpre attender e que na orthographia portugueza tudo é um chãos, sem razão de ser. Basta o enunciado deste pensar para logo se lhe reconhecer a inanidade. Não ha nada neste mundo sem razão de ser. A historia da orthographia portugueza ainda não se escreveu; mas della já sabemos bastante para explicar algumas graphias, que erradamente se apontam como oriundas de meros caprichos, quando em verdade obedeciam a influencias dignas de nota. A suppressão, por exemplo, de certas notações etymologicas proveio da assidua leitura do italiano, no decimo sexto, e do hespanhol no seguinte seculo; ao passo que pela influencia dos livros francezes foi que no decimo oitavo entrara a restauração das graphias etymologicas.

— Sinto muito, disse-me uma vez o Joaquim Nabuco, a impossibilidade em que me acho de ler certas brochuras positivistas, pelo horror que me inspiram suas esquipatices graphicas...

Quanto ao pseudo-argumento dos que, para invalidar a orthographia etymologica, se apegam aos deslizes de umas falsas derivações, já de sobra corrigidas nas escolas e que é pedantesco ainda censurar em artigos não exclusivamente destinados a ignorantes, muito não será preciso para demonstrar o illogismo do processo. Raciocinando *a pari*, deveriam esses confrades, se medicos fossem, esfolar os seus clientes, quando lhes descobrissem algumas verrugas. Lá porque ha sujeitos que escrevem *lição* com dous *cc*, sem attender á evolução do vocabulo, ou porque a outros sorri o emprego do *h* em palavras como *teor* e como inicial em *um* e no verbo *é*,

razão não vejo para malsinar as legítimas graphias etymologicas, isto é, as que porfiosas mantêm os vestígios historicos da lingua.

Na França, de que tiramos tantos exemplos, pareceria insensato quem se revoltasse contra o uso corrente de graphar e *motu proprio* organisasse umas regras simplificativas e pseudo-phoneticas. Sabe-se que alli só para a mudança da graphia *oi* em *ai* nas terminações dos verbos (*je devais* e não *je devois*) houve uma verdadeira campanha. Com que cuidado, nas mais pequenas minucias, mantêm os inglezes as suas tradições orthographicas! Portugal, infelizmente, agora sapateia sobre o seu passado... Não vejo por que nisso o tenhamos de acompanhar. — (Carlos de Laet — *Jornal do Brasil*).

A EMBAIXADA BRASILEIRA EM PORTUGAL

Não foi ainda bem comprehendido o alcance da eriação da embaixada brasileira em Portugal e da portugueza no Brasil. Não se tratou apenas de um acto de cortezia internacional. O gesto dos dois paizes foi antes uma conquista da nossa reciproca evolução intellectual e politica — mais intellectual que politica.

Do desenvolvimento das nossas relações no terreno superior do intellectualismo puro, nasceu, sem duvida, a necessidade de melhor entendimento politico entre as duas nações. E isso, forçoso é confessal-o, foi, pelo menos quanto a nós, uma das benemerencias da Republica, que nos libertou de certos laços humilhantes, apagando em nosso espirito a marca secular da metropole. Só depois que nos libertámos pela intelligencia, é que começámos a dar o devido apreço ás nossas relações de povos independentes. Porque a verdade é que, apesar da enorme *samma* de interesses economicos, das affinidades ethnicas e moraes, de lingua e de cultura, existentes entre os dois paizes, afastava-nos de Portugal uma desconfiança reciproca.

Nós não nos respeitavamos o bastante para nos amarmos com firmeza. Para Portugal, vivendo ainda na contemplação do seu passado de conquistas maritimas, alheio ao movimento da civilização contemporanea, numa embriaguez lyrica de quem havia attingido á perfeição na historia da humanidade — o Brasil, pelo menos nos dominios da intellectualidade, continuava a ser a colonia submissa, para onde, quando muito, se mandavam idéas estranhas, traduzidas, ás pressas, em vernaculo de fancaria. E no Brasil, mau grado as tentativas romanticas de alguns escriptores nativistas, continuava-se a pensar, encantadoramente, com Damião de Góes... Conquistamos a independencia politica, o que, como se sabe, não foi difficil; mas permaneciamos colonos intellectuaes, o que, com ser deprimemente, era ridiculo.

Eramos ainda, aos olhos sonhadores dos nossos irmãos de além-mar, uma simples, bem que vasta, expressão geographica, com rios caudalosos, montanhas asperas, riquezas insondaveis, negros e botocudos, calores eternos. Para exprimir todas as inferioridades da nossa vida incipiente inventára-se um termo extremamente pittoresco e impressivo: *macaqueação*. O que, porventura, daqui partisse com velleidades de esforço proprio, de expressão nacional, não lograria transpor as aguas atlanticas sem receber, fulminantemente, o remoque indefectivel. Teriamos de resignar-nos á condição de admiradores passivos: recebessemos a luz da metropole e não tentassemos com ella offuscar o sol generoso que nolla prodigalizava. As chronicas estão ahí para que se me não reclamem illustrações. Quando se cantou, pela primeira vez, o *Guarany* em Lisboa, o desdem do Chiado mal se disfarçou nestas palavras de espanto: "Pois não é que o raio do *macaco* tem geito para a coisa?" Na literatura portugueza do seculo XIX, o Brasil é a victima pacifica de um achincalhe permanente. Para se lembrar as figuras mais relevantes, Ca-

millo Castello Branco vergastou-o com uma furia incansavel, acabando por affirmar, deliciosamente, que brasileiro só tem no cerebro raiz de pau; e no proprio Eça de Queiroz, mau grado todo o bem que nos queria e de que deixou provas immortaes, mau grado ainda a grande admiração que lhe votamos e a que elle fôra sempre tão sensível, nota-se, através dos seus primeiros livros, repontando, a nosso respeito, a velha satyra vingadora.

Esse descaso da intelligencia brasileira, na arte, na literatura, gerava e nutria evidente mal-estar, com explosões periodicas, embora de character familiar, nas relações dos dois povos. E o peor era que nos cabia nisso a maior culpa, visto como, para regalo da nossa indole submissa e contente, continuavamos, no mundo das idéas, a pensar com Bernardes, e nas relações sociaes, a gemer com Soares de Passos. De subito, porém, o Brasil rompe com o seu passado, abandona a fórmula politica e a cultura classica transplantadas da metropole, o Brasil, numa palavra, começa a affirmar-se, com uma ancia e um vigor tremendos, entre os mais adiantados povos modernos. Hoje, livres da tutela intellectual de Portugal, nos estreitamos mais confiantemente com o nosso paiz de origem, que, por sua vez, sahiu do seu extase historico, abriu os olhos ao movimento incessante da luz vital, concebeu outra idéa da sociedade e do universo. Portugal, agora, acclama os nossos artistas, os editores portuguezes divulgam os escriptores brasileiros, e a lingua, mais que os productos agricolas das duas patrias, é o traço principal que as vincula na marcha dos seus destinos. Amamo-nos mais, porque nos conhecemos melhor. E' uma conquista da intelligencia, e para corôal-a, o que as duas Monarchias extinctas não fizeram nem tentaram, acabaram por fazel-o as duas Republicas criando as embaixadas no Rio de Janeiro e em Lisboa. E, na verdade, essas embaixadas só nos podem dar contentamento. Se moti-

vo ha aqui para estranheza, é de só ha pouco terem sido criadas. Nem os nossos reciprocos zelos democraticos, invocados em seu desfavor, perdem em pureza ou simplicidade com a sua criação, nem a disparidade das nossas relações economicas justificaria o seu retardamento. Temos com Portugal affinidades profundas, a mais profunda das quaes é, sem duvida, a lingua, lingua de futuro, que devemos cultivar carinhosamente, para que ella venha a dominar, um dia, entre as mais cultas, em toda a sua maravilhosa grandeza. Só isto bastaria para manter duas embaixadas, se é que não queremos limitar os nossos destinos ao commercio do café e das batatas.

De resto, mesmo pelo seu aspecto puramente decorativo, não é de crer que ellas venham perturbar os nossos habitos modestos. As embaixadas na America nunca serão inconvenientes. O clima, a educação pratica do povo, a tendencia para a simplificação de todas as acções humanas, o immediatismo das coisas americanas, não comportam os rigores protocolares das grandes côrtes, como Vienna, Petrogrado ou Madrid, onde os agentes diplomaticos são ainda representantes pessoas de reis e imperadores. Nunca ficará mal a um embaixador americano, ao envez de fazer conferencias literarias, promover a venda do trigo ou do cacáo. Nabuco foi a excepção: não deve servir de modelo aos nossos futuros embaixadores... — Mathews de Albuquerque — *Imparcial* — Rio).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

AS ORIGENS E O PRINCIPIO DA CARREIRA DE LLOYD GEORGE

Para bem comprehender uma personalidade é preciso estudal-a no meio em que surgiu e em que se formou, examinando as influencias que soffreu no periodo em que se desenvolviam sua sensibilidade e sua intelligencia. Os dons naturaes de

Lloyd George desde sua infancia tiveram o influxo do meio ambiente e certas faces de seu temperamento se accentuaram e reforçaram pelas circumstancias de sua vida.

A familia de Lloyd George era originaria do paiz de Galles. O acaso fel-o nascer em Manchester (1863), onde seu pae tendo ido dirigir uma escola confissional, morreu prematuramente. A viuva voltou então á sua aldeia natal, no paiz de Galles.

Lloyd George pelas suas origens é, pois, um aldeão: seu pae era mestre escola de aldeia; o tio que o adoptou e o educou era sapateiro de aldeia; todos os seus ascendentes eram homens de aldeia; sua educação, a formação de seus sentimentos e de suas primeiras idéas foram determinadas pelas melhores influencias do meio aldeão; sua instrução religiosa foi feita por puritanos de aldeia na mais humilde das capellas aldeans; na sua infancia, embora nascido em Manchester, voltou a tomar raizes no solo natal; poz-se em contacto com as suas origens directas e foi do humilde casebre do sapateiro de Llanystumdwy que elle partiu directamente para se tornar um dos mais eminentes estadistas de um grande Imperio.

O educador politico de Lloyd George foi o director do Collegio independente de theologia, de Bala, Michael D. Jones, um militante de zelo incansavel, que defendia com calor e coragem intrepidos suas convicções democraticas e nacionalistas ao mesmo tempo.

Em consequencia das incapacidades que feriam os que não commun-gavam na Egreja estabelecida, o jovem David Lloyd George não podia pretender a matricula em uma universidade. O ensino secundario era inacessivel a quem quer que não pertencesse á burguezia rica; teve elle, assim, de contentar-se com a pequena escola de aldeia para adquirir os rudimentos de uma instrução primaria que foi incomparavelmente completada pelos ensina-

mentos que recebeu na tenda do sapateiro-pastor de Llanystumdwy.

"Pessoalmente, diz Lloyd George, eu faltaria á gratidão si não reconhecesse que nada devo á Universidade. Nada devo tambem ás escolas secundarias. Tudo o que eu sei, devo-o á "pequena Bethel".

Por esse termo os methodistas, baptistas e outros não-conformistas designam suas capellas e lugares de reunião. A expressão "pequena Bethel" é empregada por ironia para designar os lugares de culto que não dependem da Egreja estabelecida.

Assim se formou o espirito de Lloyd George nessas classes para adultos annexas ás capellas, classes que abordam assumptos além dos simples commentarios biblicos. E' um ensino oral, em que cada um levanta questões, propõe objecções, provoca discussões nas quaes todos os assistentes tomam parte. Cada capella dissidente tem a sua "Literary and Debating Society", associação activa, cujo conjuncto contribue poderosamente, ha já meio seculo, para elevar o nivel intellectual da população.

Os obstaculos da religião e da lingua, que impediram a expansão intellectual dos naturaes do paiz de Galles, parecem, ao contrario, ter favorecido o jovem David. Sem duvida elle não seguiu a estrada batida que, pela escola publica, leva á conquista dos gráus, com os quaes, como pobre, elle poderia cursar a Universidade. Elle perdeu com isso as disciplinas intellectuaes, as direcções dos professores, os methodos que desenvolvem o espirito, que inculcam a ordem no trabalho, o equilibrio e a perseverança nas idéas. Mas, por outro lado, guardou intacto seu ardor generoso e suas disposições impulsivas: dahi a promptidão de suas resoluções, o excesso por vezes de sua energia, a facilidade de seus movimentos e a necessidade de actividade sempre novas, em detrimento da tarefa ainda não terminada.

Fazendo-se advogado, Lloyd George ganhou uma rapida reputação,

iniciando-se tambem com ardor apaixonado nas luctas politicas locaes.

Foi elle um dos directores mais activos da agitação agraria. Os discursos que pronunciou nesse periodo já contêm os germens de todas as reformas sociaes que mais tarde preconizou elle no Parlamento. Eleito para a Camara dos Communs em 1890, sua entrada foi um escandalo. Como? Um homem "criado num casebre" pretender um logar num Parlamento?

Nos debates parlamentares elle trouxe uma virulencia desconhecida até então; usou da obstrucção mais do que o proprio Parnell no auge do seu prestigio; affrontou a autoridade do presidente e arrostando a do whip e do chefe da opposição a que pertencia Tornou-se assim um elemento indomavel tão temido de seus amigos como dos adversarios.

Recusando-se a soffrer qualquer jugo e a submeter-se a qualquer disciplina de partido, Lloyd George via augmentar em cada peleja a sua importancia e a sua influencia. Da mesma forma que a sua tactica na Camara dos Communs era dirigida com extraordinaria habilidade e um senso maravilhoso da politica parlamentar, assim tambem elle chegou a impôr aos seus compatriotas suas idéas, seu programma e sua personalidade. Por occasião das suas primeiras eleições, elle era ameaçado de morte e sua propria esposa não escapava senão difficilmente ao furor da multidão: agora, basta que elle appareça para suscitar um entusiasmo phrenetico. — (Henry D. Davray, *Mercure de France*).

GUERRINI-STECCHETTI

Quem apenas conhece Olindo Guerrini através da sua obra poetica, não póde fazer uma idéa exacta do homem. Ha nelle duas personalidades distinctas. Lorenzo Stecchetti morre tisico, desalentado, nauseado do mundo e das suas creaturas: Guerrini é entusiasta da vida, um pai que adora os seus filhinhos; Stec-

chetti chora, desespera-se: Guerrini ri um grande riso jovial, zombando do animal que se chama homem com infinitas e pungentes burlas, das quaes se gaba como das obras mais serias; Stecchetti faz o *Canto do Odio* Guerrini é o homem cheio de affecto e de generosidade para os amigos.

Extraordinaria a ductilidade do seu espirito. Fez-se o poeta da melancolia e da morte, e os seus versos tão sinceramente tristes lhe sahem, que toda a Italia se commove com o tirste destino do misero cantor. O illustre civilista Regnoli, em cujo escriptorio Guerrini praticou, lamentava que elle tivesse abandonado a advocacia, pois fizera cousas que eram obras primas na especialidade. Cavallotti confessava que, se Guerrini se tivesse dedicado ao jornalismo, obscureceria a fama dos polemistas nacionaes e estrangeiros. Monsenhor Breveliere, falando da auto-defesa de Guerrini na questão do soneto contra o qual deu queixa o bispo de Faenza, dizia que pouquissimos doutores em theologia poderiam exhibir provas de tanta erudição. Paleographo, empreheendeu o catalogo illustrado dos codices e manuscriptos da bibliotheca da universidade de Bolonha. Escreve uma quantidade de estudos historicos, criticos, philologicos. E ainda collabora em muitas revistas e jornaes. Collabora mesmo em leves jornaezinhos de rapazes, sem autoridade e sem muitos leitores, para ajudal-os, para attender a pedidos...

Guerrini gosta de se envolver por momentos nas personalidades mais disparatadas, rubricadas cada uma com um pseudonymo — Stecchetti, Mercurio, Argia, Sbolenti, Bepi. Quasi sempre violento, desdenhoso, feroz — mas por *pose*. Só quando deixa falar o coração é que Guerrini é sincero. E', na verdade, um bonissimo homem. Ha ainda quem o acredite um anticlerical vermelho, um comedor de padres. Engano: nunca fez mal a uma mosca. De uma feita, havendo uma eleição de prior na parochia de Guerrini, este

adoptou a candidatura de um humilde sacerdote combatido, e encheu-se de entusiasmo e de febre, trabalhou e falou quanto poudo pelo seu candidato; e no dia da eleição, que devia ser feita pelos paes de familia, o poeta lá esteve de pé firme na igreja, durante quatro horas, tendo na mão os grandes feijões, preto e branco, que serviriam de *cedulas*. E' verdade que ninguem garante que elle não tenha feito tudo isso por brincadeira, por espirito de "troça". — (Alfredo Testoni, *Gli Avvenimenti*).

RECORDAÇÕES DE VERLAINE

Em Novembro de 1893, na esperança de conseguir para o poeta um pouco de dinheiro, alguns dos amigos de Paul Verlaine em Londres, chamaram-n'o para fazer, alli, uma leitura dos seus versos. Marcou-se a festa para 21 de Novembro no Hotel Barnard. Verlaine devia chegar no barco do dia 19, indo hospedar-se em casa do autor. Mas, este, conhecendo bem a indolencia do poeta, escreveu, alguns dias antes a outro amigo, um jornalista norte-americano que morava em Paris, pedindo-lhe que fizesse Verlaine partir a tempo. O norte-americano, embora não conhecesse Verlaine, acceitou a incumbencia. E eis como elle depois narrou, em carta, o encontro: "A primeira coisa que elle me disse, depois dos cumprimentos, foi isto: — Mas não posso partir sem deixar trinta francos á minha mulher. — A mulher, que lhe abotoava o jaleco, beijou-a, confirmando: Preciso mesmo de trinta francos... O quarto não era maior do que um gabinete de banho. Um unico pedaço de lenha ardia na chaminé, provavelmente em minha honra. Dei os trinta francos. Um momento depois tomavamos um fiacre. Eu estava preocupadissimo, temendo que alguma coisa transtornasse a viagem do poeta. Espero que elle tenha chegado são e salvo ás vossas mãos... Não podia admittir que esse homem

pudesse atravessar a Mancha sózinho, sem ao menos a companhia daquella feissima mulher, que parece anal-o ternamente."

Ora, uma furiosa tempestade esperava Verlaine na Mancha. O barco não chegou na noite de 19, mas na seguinte, e bem tarde. O autor, avisado tardiamente, não se achava no ponto de desembarque. E, enquanto se desesperava com a idéa de que Verlaine estivesse já perdido de noite na immensa metropole, o vê surgir das trevas, com uma "valise" na mão, e apoiado numa bengala grossa.

Das duas e meia ás cinco da madrugada, os dois amigos deixaram-se ficar conversando, com uma caixa de biscoitos ao lado. A palestra tornou-se logo intima e pessoal: parecia que Verlaine quizesse fazer alli a confissão de toda a sua vida. Lamentava a perda da mulher que o havia deixado (mas era "estupida", ajuntava logo, entre parentheses), e do filho que não queria mais revel-o.

"Meu filho permite-se julgar-me", observava com uma tristeza grave. E depois resumiu toda a sua existencia numa phrase: "Tenho vivido enormemente".

A leitura no Hotel Barnard não será jamais esquecida pelos que lá estiveram. Foi, não uma simples leitura, mas uma verdadeira conversação sobre a sua poesia e sobre a dos seus amigos.

Nos tres annos seguintes, o autor teve frequentes noticias de Verlaine, e o viu mais de uma vez em Paris. O poeta mandava-lhe exemplares dos seus livros, com dedicatoria, manuscritos de poesia e artigos para publicar nas revistas inglezas, e neste ultimo caso, as cartas que as acompanhavam pediam sempre o "pagamento immediato", com a explicação confidencial: "porque tenho tanta necessidade de dinheiro!" As suas condições de saude não eram boas: "Sempre de cama, escreve elle numa carta, e repete mais ou menos nas outras, sempre de cama, embora me ache um pouco melhor. O medico promette fazer-me levantar dentro

de um mez... ou dois. Basta! seja o que Deus quizer". Numa outra carta encontra-se esta phrase significativa: "Estou em grave embarço, porque paguei as minhas dividas".

Quasi todas as cartas dão um endereço novo ou annunciam uma rusga ou uma reconciliação. "Rompi com Mme. Verlaine e não moro mais na rua Broca, mas na rua S. Jacques, 187" — escreve elle, pouco depois da sua viagem a Londres, em Janeiro de 1894. Mas a 16 de Maio, sabendo que o autor se achava em Paris communica-lhe, em segredo, que estava no hospital São Luiz, na rua Bichat, convidando-o a visitá-lo, sem dizer a ninguém. "Oficialmente estou em Versalhes". Depois, a 10 de Julho, informa ter sahido do hospital, indo morar á rua Cardinal Lemoine, 48, e manda, na carta, as saudações de Mlle. Krantz. Quatro dias depois faz escrever ao autor, pela mão de um amigo, dizendo-lhe que se acha mal, morando á rua de Vaugirard, e pedindo-lhe que, por motivo nenhum, mande qualquer coisa para o antigo endereço da rua Cardinal Lemoine. A 27 de Outubro acha-se de novo no hospital. A 8 de Novembro mora, "sempre com mlle. K., á rua S. Victor, 16". A 24 de Janeiro o seu endereço é rua Monsieur le Prince, 21, e já está separado de mlle. K. A 5 de Março voltou á rua S. Victor, com mlle. K., que envia ao amigo um cordial aperto de mão. Emfim, a ultima carta, com a data de 21 de Novembro, annuncia: "Mudámos de casa. O nosso endereço novo é rua Descartes, 39. Mlle. Krantz manda-lhe as suas melhores saudações". Depois disso, nenhuma outra carta chegou ao autor — até que, a 9 de Janeiro de 1896 um telegramma levou-lhe a triste noticia: "Verlaine morreu hontem á tarde".

Eugenia Krantz escreveu mais tarde ao autor uma ou duas cartas, quasi illegiveis, pedindo-lhe auxilio: "Em nome de Paul Verlaine, vosso grande amigo, vinde em meu auxilio". De pouco lhe valeram os auxilios pedidos, porque a pobre mu-

lher já se achava á beira da sepultura. "E' uma boa criatura, dissera ao A. certa vez, Verlaine; — amo-a, ama-me. Brigamos muito, algumas vezes me bate. Trata-me como uma criança, faz-me chorar — e isso me dá prazer". E sorria de uma maneira estranha. "Não sou bello, observou, de outra vez, — e ella não é propriamente a Venus de Milo. Não me ama pela minha literatura, mas sabe que sou "alguem". — Philomena, Esther, todas as outras o A. as conhecera; mas foi para Eugenia, especialmente, que, na sua opinião, Verlaine escreveu as suas ultimas poesias. — (Arthur Symons—*North American Review*).

RÉMY DE GOURMONT

Este escriptor, fallecido em Setembro p. p., "era um dos que mais honravam a literatura franceza contemporanea pela extensão e variedade dos seus conhecimentos, pela subtilidade e força do seu espirito philosophico, pela perfeição e encanto do seu estylo, emfim pela alta dignidade da sua vida, modelo raro de trabalho e de independencia."

Dessa vida ha pouco a dizer. Foi toda dedicada, no isolamento, aos labores da idéa. Apenas alguns intimos se approximaram desse homem reservado, pachorrento, que nunca fez confidencias. A solidão foi talvez a amiga mais cara de Rémy. Vivia no meio dos seus livros, velho casulo de papel de um insecto laborioso. Falava pouco. Era timido. Quando sahia, era para ir aos *quais* a busca de alfarrabios ou ao *Mercur de France*, do qual foi um dos fundadores. Muitos divergiam das suas idéas; todos admiravam a sua maneira de expol-as. Tal era o respeito inspirado pela probidade, que não tinha inimigos, nem mesmo entre as victimas da sua verve. E' que se percebia logo que elle era indifferente ás pessoas, só combatia ou defendia idéas.

Tem-se falado, veladamente, de uma terrivel molestia que o retinha em casa, isolado da communhão hu-

mana. E' justo que se não fale nisto. O que nós sabemos acerca das relações entre o physico e o moral é ainda demasiado incerto para que pretendamos lançar mão de um factor psychophysiologico no julgamento de uma obra tão pouco subjectiva, tão pouco confidencial, apesar da sua sensibilidade violenta e da sua sinceridade ingenua. Devemos contentar-nos de notar que, reduzindo ao minimo os accidentes, os factos publicos da sua existencia, elle redobrou, de um modo excepcional, a intensidade da sua vida interior. Elle limitou-se a *pensar* a comedia do mundo, sem se intrometter nella: poucos elementos lhe bastavam; tirava delles um partido surprehendente.

E' difficil definil-o. Pensador, era-o de certo, mas esse nome, ao que parece, está hoje monopolizado pelos prophetas do futuro social. Philosopho? Elle recusava toda metaphysica. Poeta? sim, mas apenas pelo dom das imagens, pois, pudico, não tinha effusões, restringia-se a simples exercicios de amator de rythmos. Romancista? Sujeitou-se tão pouco ás regras do genero! Elle não era nada disso, e tinha um pouco de tudo, e mais ainda. Os nomes de humanista ou ensaista lhe conviriam melhor, sob a condição de se despojarem desse perfume de abstracção, desse odor livresco que exhalam. Ninguém, entre os autores dados a especulações intellectuaes, foi tão vivo e concreto. No fundo, foi um homem prodigiosamente dotado da faculdade do estylo e que amou e sentiu a vida de uma maneira profunda e total. — (Francis de Miomandre, *La Revue de Paris*).

SCIENCIAS SOCIAES E POLITICAS

ORIENTAÇÃO SOCIAL DOS ESTUDOS UNIVERSITARIOS

As antigas Universidades têm sido, nestes ultimos tempos, objecto de rudes ataques. Accusam-n'as de haver espalhado theorias abstractas e inuteis, embaraçando, sem razão

plausivel, o desenvolvimento das aptidões praticas, a quem se devem as transformações do mundo moderno.

Tenho para mim que um tal julgamento é, pelo menos, excessivo. As universidades eram, effectivamente, antes de tudo destinadas a servir a uma só classe social: a mais alta e ao mesmo tempo menos numerosa. Não tinham tambem, em conta, as necessidades collectivas. Ao diplomarem medicos viam os enfermos a curar, porém não as preocupavam os doentes das classes infimas, nem as reformas hygienicas que lhes melhorariam as precarias condições de saude. Quando diplomavam advogados e legistas, olharam com mais carinho para o pomposo do titulo que para as necessidades da administração publica e distribuição equitativa da justiça. Ademais, não vão muito longe os tempos em que para matricular-se ou frequentar as aulas de uma universidade era preciso provar a qualidade do sangue que corria nas veias do aspirante a tamanha honra.

Transmittir alguns conhecimentos superiores ás massas da burguezia, *levar a universidade aos que não podem vir a ella*, não sob a forma de escassas e mal alinhadas conferencias, mas de verdadeiros cursos summarios, criteriosamente esboçados e sinceramente feitos, tal a tarefa que se impuzeram alguns espiritos selectos da Inglaterra. Os resultados até agora colhidos são animadores e tudo faz crêr no pleno successo final da obra.

E' mister que as universidades *despertem* e fortaleçam todas as aptidões praticas especiaes, que as orientem de accordo com o desenvolvimento actual dos povos, assim no que respeita á vida industrial e intellectual, como no que se refere á formação de um character são e forte.

Orientar em tal sentido os estudos universitarios, combatendo energicamente a tendencia excessiva para o doutorado e para as carreiras ditas liberaes, que os novos graduados en-

contram dia a dia mais repletas e menos productivas; favorecer os estudos economicos e industriaes de character accentuadamente pratico, sem descuidar, entretanto, das altas investigações scientificas de onde brotam novos ramos da fortuna moderna, eis o que deve constituir actualmente o programma de todos os governos e de todos quantos, nas universidades e no jornalismo, dispõem de uma parcella de prestigio para falar á geração nova.

Independentemente dessas novas escolas, que mais tarde ou mais cedo havemos de fundar, é egualmente necessario modificar a maneira por que hoje se ensinam as velhas disciplinas que constituem os cursos referentes ás profissões liberaes. Em todas ellas é preciso que a noção do interesse social governe a direcção que se deve dar a taes estudos, pondo os respectivos alumnos em contacto com as necessidades e aspirações sociaes, mostrando-lhes as relações dia a dia mais estreitas entre o individuo e a sociedade.

Nos dominios da engenharia, por exemplo, ha um vasto campo para intensificar o estudo das grandes questões: a salubridade das cidades, o saneamento das industrias urbanas e ruraes, o aproveitamento das quedas d'agua, a drenagem de terrenos inaproveitados, as habitações populares, hygienicas e ao alcance da bolsa do pobre, os meios de transportes rapidos e accessiveis e uma outra multidão de problemas cada qual exprimindo uma fremente necessidade em beneficio do povo que trabalha.

Com relação á medicina, sem falar directamente na hygiene, de dominios hoje tão amplos, muita coisa ha reclamando reformas, tanto assim que esta profissão se liga intimamente em nossos dias á engenharia sanitaria, á bacteriologia, á sociologia.

De minha parte ha annos que vivo a dizer aos jovens que se destinam ao curso medico que além da sua tarefa de jurar e alliviar a dôr, tem

o medico uma missão social, missão de progresso, de justiça, de elevação moral, missão que lhes é assignalada naturalmente pela contemplação constante do horroroso espectáculo do soffrimento, da miseria e da injustiça, e pela convicção de que um grande numero dessas dores e dessas miserias são o producto de causas sociaes que é possivel remover.

E' firme certeza minha que os solidos estudos universitarios, a observação da natureza, o conhecimento do mundo animado e notadamente do homem, muito contribuirão para criar o nobre espirito de solidariedade nas sociedades humanas.

O homem de sciencia que estuda com isenção de animo a organização social e moral de um povo, que desce aos antros tenebrosos do crime e da miseria para esentar suas causas e seus moveis, não póde deixar de inundar-se de um forte espirito de tolerancia, de um sentimento de intima commiserção que mais dia menos dia o levará a trabalhar, não pelo reinado da egualdade, que é absurdo e anti-natural, mas pelo de justiça e da equidade.

E mais não era preciso para encher de alegria muitos lares de onde a doce paz desertou talvez para sempre. — (*Dr. Gregorio Alfaro* — da Universidade de Buenos Aires, *Revista de Filosofia*).

O DIREITO E A PSYCHOLOGIA

Para orientar o ensino de uma disciplina em estabelecimento de ensino superior, é necessario o mais claro conceito da sua finalidade. Si o objecto de uma universidade fosse simplesmente formar profissionaes sem esforço, ás tontas, seria indubitavelmente facil a orientação do ensino. Entretanto, com relação á nossa casa, (a Universidades de Santa Fé), ainda nos soam aos ouvidos as palavras elevadas e nobres do decano da Faculdade de Direito e Sciencias Sociaes, dr. Martinez, quando nos advertia que ella não

era e nunca foi uma fabrica de advogados.

Effectivamente, em synthese, o ensino universitario tem por fim formar homens, que pensem por si mesmos, com a autonomia adquirida pelo habito do estudo, e tambem das experiencias scientificas.

Qualquer que seja o estabelecimento de ensino superior, e muito principalmente tratando-se de uma Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes, não pôde hoje em dia prescindir de um curso regular e methodico de philosophia em geral, e de um modo particular a psychologia, sciencia de um grande e promissor futuro e que deve ser estudada como introdução e preparação scientifica por quantos queiram ter do Direito e das Sciencias Sociaes um forte e solido cabedal.

Não é, pois, difficil comprehender a efficacia que pôde ter o ensino da psychologia. Esta sciencia, annexada ao curso de Direito, lhe dará uma alma nova, fornecerá á justiça um novo elemento de vida.

A sciencia do Direito, como as demais, para merecer tal nome precisa fazer-se humana, ser sciencia para a vida. Ella, como sciencia de um processo, de uma forma, de uma função psycho-social, não pôde contentar-se com documentos historicos e classicos. O estudo scientifico do Direito deve ser precedido pelo da genesis da psychologia do sentimento, das idéas, da actividade, da vontade, por que tudo isto nada mais é que a sua expressão, e attendendo-se ainda ao facto de não poder ninguém negar de boa fé que o Direito é um phenomeno psychico. Não é possivel, pois, fazer um conceito completo e perfeito do Direito sem os postulados da psychologia.

Acreditamos que não ha sciencia completa sem philosophia, e menos ainda Sciencia do Direito sem philosophia e sem philosophia psychologica.

Estamos com Ingenieros quando affirma que os especialistas sem idéas geraes são tão infecundos como os encyclopedistas superficiaes.

A curiosidade do scientista sem philosophia produz uma ridicula limitação do horizonte, assim como a curiosidade sem rumo do philosopho sem sciencia produz uma verdadeira caricatura da sabedoria.

A psychologia com sua philosophia propria tem o poder de clarear tudo em que penetra, constituindo assim um guia seguro para as mais altas investigações. Ao entrar nos domínios das sciencias juridicas, abre horizontes até então desconhecidos.

Todas as ramificações do Direito tem necessidade da psychologia. Porém, no tocante ao Direito Penal, esta necessidade se impõe de maneira irrefutavel. Isto não quer dizer que devamos parar aqui. Quem é capaz de negar as vantagens de um solido preparo psychologico aos juizes, aos advogados, aos legisladores?

Não se divorciou da verdade o doutor Bunge quando disse que as sciencias juridicas estão intimamente ligadas aos conhecimentos scientificos da psychologia. E tanto assim é, que esse mesmo eminente pensador nos ensina que as bases scientificas da lei são os seus fundamentos biologicos e psychologicos, porque toda lei humana deve tel-os e toda obra humana de facto os tem.

Logo, cremos que a psychologia tem em si mesma todas as bases scientificas do Direito; e, portanto, o ensino desse ramo importantissimo do saber, o Direito, deve ser precedido de um curso escrupuloso e completo de psychologia. — (Dr. José Oliva — *Revista de Filosofia*—Buenos Aires).

SCIENCIAS E ARTES

OS PROGRESSOS DA ELECTRIFICAÇÃO DOS CAMINHOS DE FERRO

A electrificação das estradas de ferro prosegue, nos Estados Unidos, com uma actividade, que as vantagens do novo modo de tracção justificam plenamente. A locomotiva a vapor, apesar do enorme peso da

caldeira, tem uma adherencia muitas vezes insufficiente, sobretudo na sahida; os choques imprimidos ás rodas pelo vae-vem dos puxavantes, predispõem-na á patinagem, e este defeito limita a velocidade, que só se augmenta com o accrescimento do diametro dado ás rodas motrizes. O tractor electrico, pelo contrario, deve a sua regularidade ao momento de rotação, que traz comsigo a supressão dos choques e do movimento de lacete. Adquire facilmente uma grande velocidade, sem que seja necessario o emprego de grandes rodas pelo contrario, na maioria dos casos, é necessaria a redução da velocidade por meio de engrenagens. Comtudo, nas locomotivas da *New-York Central Railroad*, os induzidos dos motores são montados directamente sobre os eixos. A vantagem mais apreciada da tracção electrica é a possibilidade da sahida do trem com a maxima acceleração compativel com o equilibrio estatico dos viajantes. Os trens, com paragens frequentes podem portanto attingir uma velocidade bastante elevada para que a velocidade média conserve um valor sufficiente, apesar da frequencia das paragens. A tracção electrica é portanto indicada, nas linhas metropolitanas e dos subúrbios.

Nas linhas de grande extensão, é necessario modificar o modo de distribuição de energia. Se a alimentação dos motores fosse feita por correntes a 600 ou 700 volts, seria necessario multiplicar as estações transformadoras, e dar além disso aos conductores grandes diametros: do que resultaria grande despeza. Foi, portanto, necessario tolerar grandes voltagens, 3.000 volts por exemplo, como o faz a *Chicago, Milwaukee and Saint Paul Railroad*.

Esta solução parece á primeira vista incompativel com a corrente continua. Nas rêdes em que se emprega este genero de corrente, a tensão de alimentação fica comprehendida entre 500 e 750 volts. Quando a differença de potencial attinge 1.500 ou 3.000 volts, a tracção é as-

segurada por quatro ou oito motores ligados em série, na sahida, e dois a dois ou quatro a quatro em paralelo, em plena marcha, de forma a não exceder 700 ou 750 volts nos terminaes de cada motor.

Na maioria dos casos, a energia é fornecida sob a forma de correntes alternativas. Se bem que os motores de campo girante sejam muito superiores aos alternomotores simples, a distribuição é raramente feita por correntes triphasicas, porque exigiria dois fios, no minimo, ou dois trilhos isolados, o terceiro conductor sendo constituido pela via ferrea ordinaria: além da despeza de installação, resultaria uma grande complicação nos cruzamentos, as duas linhas devendo ficar completamente isoladas uma da outra. Em compensação, este systema é o melhor para recuperar a energia, particularmente nas descidas; por isso, encontram-se alguns exemplos de installações na Italia e na Suissa sobretudo.

A corrente monophasica exigindo um unico conductor, é geralmente sob esta forma que a corrente é fornecida ao trem. Comtudo, como a triphasica é mais vantajosa para a transmissão da energia a grande distancia, a combinação seguinte é a mais empregada: a energia produzida na proximidade de uma mina de carvão ou tirada de uma queda de agua é trazida por correntes triphasicas a grande tensão até uma sub-estação, onde convertedores rotativos transformam-na em corrente alternativa simples a tensão menos elevada. Foi assim que a *General Electric C.^o* de Schenectady installou 182 kilometros de linha principal entre Thre Tork e Deer Lodge. E' o primeiro passo para a electrificação de uma distancia total de 710 kilometros. As locomotivas têm uma potencia normal de 3.000 cavallos; são accionadas por oito motores e pesam 263 toneladas. A linha é dividida em secções, alimentada cada uma por uma sub-estação, cuja distancia média é de 56 kilometros.

A corrente alternativa destinada á força motriz é vantajosamente produzida a baixa frequencia, contrariamente á solução adoptada para illuminação: foi reconhecida como a mais pratica a frequencia de 16 periodos por segundo, por permittir utilizar motores asynchronos, construidos mais ou menos como os motores de corrente continua. A tensão nos terminaes do collector não excede 800 volts, e, como a tensão na alavanca de tomada de corrente é geralmente de alguns milhares de volts, faz-se baixar o potencial por meio de transformadores estaticos, transportados pelo trem. Os motores de collectores funcçionam bem, menos bem, contudo, com a corrente alternativa do que com a corrente continua. O motor de corrente continua é o motor de tracção por excellencia; mas, pelo contrario, é sob a forma alternativa que a electricidade se presta da forma mais simples e economica ás distribuições a longa distancia. O ideal seria, pois, trazer ás locomotivas a corrente alternativa e transformal-a na propria machina, em corrente continua. O convertedor de mercurio de Cooper Hervite está naturalmente indicado para esta funcção, pois não comporta nenhum orgão movel, e os modelos completamente metallicos, que se constroem hoje são sufficientemente robustos para esta applicação. A *Pensylvania Railroad Co.*, a *New-York-New Haven and Hartford* e a *Westinghouse Electric and Manufacturing Co.* associaram-se em 1913 para construir e experimentar uma locomotiva de quatro motores de 225 cavallos munida de convertedores de mercurio. Está actualmente em serviço nas linhas da *New-Haven Co.*, e os resultados das experiencias são satisfactorios. Apesar da sua superioridade sobre a locomotiva a vapor, a locomotiva electrica representa apenas uma solução provisoria, mas necessaria, do problema da electrificação das estradas de ferro. O tractor collocado na frente do trem absorve na sua propria tracção um terço, mais ou menos, da

energia empregada, e, para assegurar as rodas motoras a adherencia indispensavel, foi necessario concentrar em um pequeno espaço um peso enorme, que produz a rapida fadiga da linha. O emprego das locomotivas a vapor do typo *Pacifico*, obrigou as companhias a reforçar as pontes, e as locomotivas electricas exigem as mesmas precauções, quando as exigencias obrigam-nas a ser tão pesadas. A electricidade offerece um meio bem simples de supprimir o peso inutil do tractor, compondo o trem de vagões munidos de eixos motores; dividindo assim o esforço, distribue-se o peso necessario á adherencia sobre uma extensão maior de trilhos, e cada ponto da linha só tem uma carga muito mais moderada a supportar.

Por mais vantajosa que seja esta combinação, comprehende-se que não seja immediatamente realisavel sobre todas as linhas, pois não se pode pensar em substituir de um dia para outro, nem mesmo de um anno para outro, todo o material rodante actual. As companhias procedem, pois, por transformações parciaes. A primeira phase é a da substituição progressiva das locomotivas, em primeiro logar nas linhas dos subúrbios, em seguida em percursos cada vez mais extensos. A segunda é o estabelecimento de trens de *unidades multiplas*. Este programma está em via de realisação sobre numerosas redes ferroviarias.

Na França tambem já são empregadas as locomotivas electricas. Nas estradas de ferro do Estado, os novos vagões automotores, com 22 metros de comprimento, podem conter 200 viajantes e comportam, além disso, um compartimento para bagagens, bem como um posto de conducção em cada extremidade.

Cada um destes carros isoladamente reúne todos os elementos de um trem completo e pode assim assegurar por si só o serviço nas horas de pequeno trafego. Se ha mais de 200 viajantes, atrela-se ao vagão automotor, seja um outro carro se-

melhante, sejam alguns vagões ordinarios. Se a affluencia o exige, forma-se assim um trem tão longo quanto fôr preciso, com vagões ordinarios, intercalando um numero conveniente de vagões motores. Estes ultimos são ligados entre si por conexões e electro-imans dispostos de tal maneira, que todos os motores e todos os freios são governados simultaneamente pelo guarda-freio collocado na frente do trem. Por mais extenso, que seja o comboio, a direcção não fica assim mais complicada, do que a de um bonde, e um unico empregado é sufficiente. Chegado á estação terminal, o guarda-freio tem apenas de se transportar para o compartimento collocado atrás do ultimo carro, que se transforma portanto na frente do trem; e este póde immediatamente regressar sem nenhuma das manobras, que exigem os deslocamentos das locomotivas. — L.

VARIEDADES

AS PROPRIEDADES THERAPEUTICAS DO SAPO

O sapo tem uma historia singular. Desde as edades mais antigas tem sido considerado animal venenoso. E varias raças têm feito uso da sua pelle em medicina. Ainda hoje, os chinezes adoptam, como remedio para a hydropsia, um preparado extraído da pelle do sapo. No Occidente, um remedio semelhante tem sido sempre usado pelos camponezes. E, até a introdução da digitalis (1775), tal remedio era mesmo receitado pelos medicos mais doutos. Os primeiros colonos da Nova Inglaterra usavam um unguento de sapo para as deslocações e para as dôres rheumaticas, cuja receita era esta: Quatro sapos vivos de tamanho regular. Postos na agua fervente, deixa-se cozer de vagar. Em seguida, retiram-se os sapos, e faz-se ferver a agua até ser reduzida a meio pint (um pint equivale a cerca

de meio litro). Junta-se-lhe uma libra de manteiga sem sal, e faz-se ferver muito devagar. Por fim, juntar duas onças de tintura de arnica."

Pois bem. Hoje está demonstrado scientificamente que algumas familias de sapos segregam uma substancia venenosa, composta de dois elementos principaes, um dos quaes é a adrenalina, remedio bem conhecido pelas suas propriedades hemostaticas e usado sobretudo nas operações da garganta e do nariz. O prof. John Abel escreve na *Science*, de Nova York um antigo referindo que examinou um sapo dos chamados *Bufo Agua*, dos quaes os indigenas se servem para envenenar as fléchas, banhando-as nas secreções gordurosas que produzem as suas glandulas, quando é irritado ou excessivamente aquecido. Esse veneno é tão poderoso, que mata em poucos minutos grandes animaes como o veado ou o jaguar.

Ha dois annos, estudando um exemplar desse sapo gigantesco, o professor Abel observou que a sua secreção gordurosa produzia nos ferros chirurgicos uma mancha verde azulada. Recordou-se então de haver visto uma mancha semelhante num ferro usado para cortar uma glandula sub-renal. E isso o auxiliou nas suas indagações, conseguindo, dentro de algum tempo, isolar a "adrenalina" nas glandulas do sapo. Poude mesmo isolar sob a forma de bellos crystaes, outro elemento, justamente aquelle a que o sapo deve as suas qualidades curativas da hydropsia — e a que foi dado o nome de "bufagina".

A bufagina e a bufotalina, extrahida do sapo commum europeu, demonstram que a antiga crença, ridicularisada pelos doutores de ha um seculo, tem um fundamento de verdade. Está-se estudando agora a constituição chimica da substancia, esperando-se conseguir dessa forma alguma luz sobre as propriedades chemicas fundamentaes dos estimulantes cardiacos. A secreção da pelle do *Bufo Agua* póde, com effeito,

servir como veneno para as fléchas, justamente porque estas duas drogas gordurosas, a adrenalina e a bufagina, em doses muito fortes, exercem acção mortal sobre o coração e sobre os vasos sanguíneos.

COMO SE DEVE ESTUDAR

Não são muitos os estudantes que sabem haver varios modos de estudar: bons, maus, rarissimos e absurdos. E' que elles não notam os processos mentaes e psychologicos, por meio dos quaes o intellecto aprende, e o resultado é que muitos se fatigam demais sem conseguir o effeito desejado.

Não se aprende apenas com força de vontade e tenacidade, embora estas qualidades sejam utilissimas: é preciso ainda saber estudar.

Antes de tudo, o rapaz deve ter amor pela materia a que se dedica. Quando elle se interessa realmente por ella, aprende sem esforço, pois, o estudo se torna um prazer. A melhor maneira de ter amor por uma materia é ter, ter muito os assumptos mais ou menos affins com ella; depois, reflectir nas relações que existem entre elles e conversar com pessoas que gostem de falar da materia escolhida. E' sempre de boa vontade que se faz qualquer coisa pela qual se tomou interesse. Muita gente pensa no trabalho como numa coisa necessaria, mas summamente desagradavel, e no emtanto o trabalho é a mais segura e duradoura alegria da vida. E nenhum trabalho util e grave tem sido jamais realizado sem amor.

Ha dois methodos para estudar: o consciente e o subconsciente. O estudo consciente é um processo necessariamente fatigante; precisamos, durante elle, combater o cansaço, a excitação dos sentidos, a inclinação a distrair-se, o desejo de mudança, numa palavra "constranger" o espirito a proceder de certa maneira. Nesse caso, é preciso que o estudante tenha o cuidado de evitar o "falso estudo", durante o qual os olhos

estão abertos, mas o cerebro fechado. E nunca, salvo raras excepções, deve o estudante procurar aprender de memoria.

A attenção não pode ser concentrada longamente sobre um livro sem uma pausa: para que o estudo seja proficuo, é necessario que a attenção seja muito intensa, o que não pode succeder senão em periodos breves. De cada vinte minutos, mais ou menos, o estudante precisa levantar-se e andar pelo aposento, durante um minuto ou dois: o movimento attráe ás pernas um pouco do sangue do cerebro e a interrupção repousa os olhos. Não é possivel permanecer uma hora ou uma hora e meia sentado, sem mudar de posição, senão com um notavel dispendio de força nervosa: e nestas condições é naturalmente difficil evitar o somno completo ou parcial.

As escolas secundarias e superiores ainda não conseguiram ensinar os estudantes a pensar. E, comtudo, é essa a coisa mais importante. Uma idéa momentanea pode equivaler a uma semana de estudo mecanico. E os rapazes devem se lembrar sempre que não se consegue uma boa doutrina senão pelo pensamento.

Quanto ao estudo subconsciente, ha muita gente que ainda se não habituou nem mesmo a consideralo estudo. E' um exemplo frisante desse estudo, entretanto, a creança que aprende a falar. A principio, ella não faz esforço algum para aprender a arte da palavra, e todavia a adquire rapidamente, em grande parte por imitação. Não ha estudo em que não tenha papel importante o subconsciente. Detalhes numerosos são recolhidos pelo subconsciente, graças á continua percepção e observação dos sentidos. O subconsciente dirige muitas vezes a nova conducta e resolve os mais graves problemas da nossa vida. Nelle é que está a séde dos nossos impulsos, elle é que desenvolve os novos habitos e associa as nossas idéas, formando com ellas conhecimentos uteis.

Quando um estudante applica de maneira racional e seria os dois methodos de estudo, os seus exames cessam de ser-lhe um espantallo. E os exames, longe de lhe metterem pavor, passam a ser, muito naturalmente, um meio de saber-se o que elle conhece, ou melhor, o que não conhece.

A maneira mais economica de preparar-se é ter sempre em ordem os apontamentos nos cadernos e no cerebro, dia a dia. Assim elles se associam espontaneamente, e o estudante aprende muito sem perceber-o, por effeito das faculdades subconscientes. — (George Van Ness — *Scientific American Supplement*).

A RECONSTITUIÇÃO DAS FLORESTAS

As florestas preenchem uma função importante e capital na existencia dos povos. Essa função é não só utilitaria como esthetica. A belleza e a poesia mysteriosa das florestas são evidentes e não é possível enumerar as obras d'arte todas, em pintura, em literatura, em musica, que têm a sua inspiração nas florestas.

Entretanto não se tem dado o merecido apreço á belleza e aos beneficios das mattas.

A utilidade dellas se manifesta segundo principios eternos, que devem ser repisados, pois a sua applicação é sempre despresada, defeituosa ou nulla.

A floresta é tão vivificante como o mar, com relação ao qual offerece a vantagem do que se poderia chamar "a egualdade de humor", cujo effeito salutar se faz sentir nas pessoas nervosas ou irritaveis. Para quem quer que queira experimental-o a floresta é um medico gratuito, dispensador de effluvios balsamicos poderosamente fortificantes. E' nella que ha mister procurar e que se encontra sempre o equilibrio vital e cerebral que falta a tanta gente que parece gozar de saude, que parece indemne de molestia caracterisada,

que não tem lesões apparentes, mas enervada e esgotada pelas condições da vida moderna.

Não é preciso insistir sobre os phenomenos chimicos especiaes á cuja observação deu lugar o reino vegetal, notadamente a absorpção e reabsorpção do acido carbonico pelas folhas, — phenomenos particularmente beneficos.

As arvores pelas suas enormes e profundas raizes dão consistencia ao terreno em que haurem a sua seiva, impedindo-o de defender-se. As folhagens amortecem a queda das aguas pluvias de que guardam boa parte. As grandes florestas contribuem senão a conjurar ao menos a attenuar as inundações.

Uma outra importante utilidade das florestas — é a protecção. A existencia de florestas de protecção se liga estreitamente á restauração das montanhas e das dunas. As florestas de protecção são mattas existentes que é mister conservar em condições de segurança mais completas que as de outras partes do territorio, porque servem para prevenir um perigo imminente contra o qual ellas garantem os vizinhos: fendas ou rompimentos de terrenos, quedas de rochedos ou avalanches, invasão lenta e gradativa das areias.

A influencia consideravel das mattas sobre as condições climatericas já está exuberantemente demonstrada. A matta intervem como moderadora das temperaturas extremas. No inverno faz menos frio e no verão menos calor dentro da matta que fóra da matta. A experiencia prova ainda que a floresta regularisa o regimen das chuvas, assegura, por meio das fontes, a alimentação de agua potavel dos lugares habitados, constitue uma garantia contra a contaminação dessas aguas e, emfim, sob o ponto de vista das inundações, desempenha um papel preventivo de importancia capital, retardando-as e diminuindo-lhes a intensidade.

Em seu conjuncto, a floresta produz "o effeito de uma vasta esponja que retém energicamente a agua

do céu e não a deixa em seguida escorrer senão muito lentamente”.

Esta influencia da floresta sobre as inundações tem sido tão bem estudada e reconhecida que se chegou a considerar o reflorestamento, nos paizes montanhosos, como o melhor meio de supprimir as torrentes; da mesma forma que a conservação ou o restabelecimento das mattas impede a accumulção da areia ou a invasão dos rios e correios.

A reconstituição das mattas tambem precisa ser considerada sob o ponto de vista das madeiras mais necessarias para os differentes fins industriaes e commerciaes. Em 1912 importaram-se na França 192.000.000 de francos em madeiras de toda natureza. A penuria das madeiras para fins industriaes não se observa só na França: trata-se de uma verdadeira crise mundial. As reservas de madeiras se têm esgotado com uma grande rapidez. A fabricação do papel devorou florestas inteiras. — (Louis Marin, *La Science et la Vie*).

ODORES HUMANOS

E' facto sabido que as modificações interorganicas produzem, sejam em quem fôr, um odor especial, bem sensível, tanto que permite ao cão reconhecer por elle o proprio dono. Não causa admiração, pois, que cada raça humana, ou cada povo, tenha o seu odor particular, odor que pode ser variado, pelo clima, pelos habitos de vida, pelos vestuarios e, sobretudo, pelo genero de alimentação.

Num estudo sobre a cozinha na Abissinia, affirma o capitão italiano Tancredi, que a manteiga é usada largamente naquella paiz, misturada com varias drogas, manipulada de varios modos, e em todas as casas conservada dentro de vasos de barro. Dahi provém o odor desagradavel e penetrante que desprendem todas as coisas na Abissinia, dando a ellas e ás pessoas o caracteristico odor local africano que se chama: “o odor indefinivel do sul”.

E' de notar que, enquanto aos outros sentidos os homens estão

mais ou menos de accordo, relativamente aos odores não é facil encontrar egual unanimidade e, por vezes, o que é para uns insupportavel exhalção, para outros é perfume. Affirma Plinio que o odor do incenso, de que gostavam tanto os arabes sabeus não era tolerado em Babilonia, de onde, entretanto, o perfume do almiscar fôra banido por ser considerado como veneno. Não ha quem ignore que até os perfumes mais suaves, como o da gardenia ou do lyrio, encontram pessoas que os não supportam. Pietro Servio Spoletino, numa dissertação — *De Odoribus*, publicada em 1691, recorda varios personagens, taes como Uladislau, rei da Polonia, e Francisco I, rei da França, que não podiam tolerar taes odores. Outro escriptor desse tempo, Le Vayer, refere que uma senhora, de muito boa saude, achava o odor da maçan tão desagradavel, que cahia sem sentidos quando se lhe punha uma dessas fructas sob o nariz. Nesse facto quiz um theologo vêr... a herança de Eva.

Em geral póde-se affirmar que os odores muito agudos mesmo que sejam perfumes, não são facilmente supportaveis por todos. Aristoteles assegura que os perfumes depõem contra as pessoas, tornando mais perceptíveis os odores desagradaveis que se desprendem dellas: *homines qui hirciunt, foedis olent cum odoribus*. E Suetonio narra que o imperador Vespasiano retirou uma nomeação de prefeito, com que distinguira um joven patricio romano, só porque este lhe apparecera todo coberto de perfumes. Vespasiano mandou-o embora, dizendo-lhe que lhe causaria menos aborrecimento se tivesse apparecido cheirando a alho: *Maluisse alio suboluisse!* Vespasiano pensava, certamente, que o melhor odor de um ser humano é justamente aquelle que, segundo Plauto, constitue o mais puro, o mais exquisito, o mais perfeito odor da mulher: o de não ter nenhum — *Mulier tum bene olet, ubi nihil olet*.

Um autor mostrou ha tempos que existem subtis odores individuaes

capazes de estabelecer correntes de sympathy ou de antipathy entre as pessoas que os possuem. E fundava essa opinião no facto de que quasi todas as mais celebres bellezas tiveram um perfume pessoal, citando particularmente Diana de Poitiers, Ignez Sorel, e madame de Maintenon, as quaes, segundo os seus biographos, emanavam um suave odor de violetas. Esse facto poderia ter alguma relação com o chamado "odor de santidade", que, segundo as lendas sagradas, emanavam os corpos das santas, odor comparado quasi sempre ao das violetas.

A sciencia, que procura explicar tudo, confirmou a existencia deste "odor de santidade" constatando que as pessoas histericas, especialmente se são mulheres, durante as crises nervosas, desprendem um odor de violeta, devido a uma acção até agora inexplicada, do systema nervoso sobre as glandulas sudoriparas.

Em compensação, ha casos de pessoas que apresentavam maus odores. Cicero, por exemplo, narra que um certo Apronio exhalava um odor horrendo, desagradabilissimo até aos animaes, e que, no emtanto, era, para o pro-consul Verre, um perfume muito suave...

Nas suas memorias, madame de Verneuil deixou escripto que Henrique IV, o popularissimo rei da França — *puoit comme charogne*, inconveniente que ao rei não desagradava, pois era, no seu entender, documento indiscutivel da sua paternidade, visto como seu pai tivera o mesmo defeito... Tambem o Rei Sol, Luiz XIV, era obrigado a fazer uso de perfumes agudos para neutralisar o odor desagradavel que herdara de seus ascendentes.

As raças têm odores particulares. Os antigos habitantes do Egypto reconheciam como seus irmãos sómente os estrangeiros que reuniam em si certas condições entre os quaes a de exhalar o mesmo odor dos Egypcios.

Contam viajantes que os "pelles-vermelhas" têm um acre odor de fumo, por causa do fumo em meio do

qual vivem nas suas cabanas. Os habitantes da Groenlandia têm um odor horrivel de oleo de baleia. E todos sabem que os negros têm um odor caracteristico muito desagradavel para os homens de raça branca, nos quaes, em compensação, os negros sentem um odor de... cadaver.

O scientista japonéz dr. Buntaro Adachi, dotado certamente de um olphato muito apurado, conseguiu levantar uma carta geographica da Europa sob o aspecto olfactivo, attribuindo os odores desagradaveis dos europeus, em primeiro logar ao regimen carneo, depois aos vestuarios e aos sapatos apertados, que favorecem a fermentação das secreções cutaneas, e, afinal, ao pouco uso que se faz na Europa... do banho completo. — (Americo Scarlati — *Minerva*).

REVISTA DO BRASIL

Já estava a entrar para o prelo esta Revista, quando nos veio de Barcelona a triste nova do fallecimento, alli, de Affonso Arinos.

A impossibilidade material de nos occuparmos neste numero da personalidade do illustre extinto força-nos a registrar-lhe apenas o desapparecimento — o que fazemos sensibilizados á grande perda que semelhante successo constitue para as letras nacionaes.

*

Devido ao grande atrazo com que nos chegou, não podemos dar, no presente numero a continuação das interessantissimas lições do sr. Alberto de Oliveira, sobre a rima e o rythmo. Esse e outros estudos que já recebemos, serão publicados no proximo numero, a sair no dia 25 de Março.

O segundo fasciculo da *Revista do Brasil* sae com maior numero de paginas do que estatue o nosso programma. E' um numero excepcional, que compensa fartamente a relativa exiguidade do primeiro.